



## GUIA PRÁTICO PARA MENSURAR O EMPODERAMENTO DE MULHERES E MENINAS EM AVALIAÇÕES DE IMPACTO

Rachel Glennerster\*, Claire Walsh, e Lucia Diaz-Martin



\*As opiniões expressas neste documento são de responsabilidade exclusiva das autoras e não representam necessariamente as opiniões dos financiadores ou do DfID UK (Department for International Development).

## RESUMO

As avaliações de impacto podem nos ensinar importantes lições sobre como elaborar programas e políticas para promover o empoderamento de meninas e mulheres, além de nos ajudar a entender o próprio processo de empoderamento. No entanto, desenhar uma estratégia de mensuração e identificar indicadores que consigam capturar mudanças no empoderamento – e que também sejam adaptados ao contexto local e que minimizem o viés de mensuração – são grandes desafios. Com base nos conhecimentos de diversas disciplinas acadêmicas e nas experiências de pesquisadoras e pesquisadores afiliados ao J-PAL, este guia fornece boas práticas para superar esses desafios nas avaliações de impacto usando métodos quantitativos.

Ressaltamos, em complemento às avaliações de impacto, a importância de serem realizadas pesquisas formativas para: (a) entender a dinâmica de gênero naquele contexto específico antes de iniciar uma avaliação; (b) desenvolver indicadores adaptados ao contexto local para complementar indicadores padronizados; e (c) reduzir o risco de vieses em nossos instrumentos de mensuração e em nosso plano de coleta de dados. Não fornecemos instrumentos de mensuração ou questionários de pesquisa prontos para uso; em vez disso, detalhamos cada passo do processo para o desenvolvimento de indicadores relevantes para qualquer estudo. Apresentamos, juntamente, exemplos detalhados para ilustrar estes passos. Dessa forma, esperamos que este guia possa ajudar pesquisadoras, pesquisadores e profissionais a selecionar ou desenvolver indicadores de empoderamento que sejam adequados para suas próprias avaliações de impacto.

Esta é uma versão adaptada do guia, com exemplos adicionais sobre como pesquisadores e pesquisadoras abordaram os desafios aqui mencionados no contexto da América Latina.

## AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer a Christopher Boyer, Jan Cooper, Aletheia Donald, Sarah Gammage, Markus Goldstein, Seema Jayachandran, Hazel Malapit, Danielle Moore e Agnes Quisumbing por seus comentários. Agradecemos também a Cecile Delcuvelierie, Erica Field, Daniel Hurtado e Claudia Martínez por suas contribuições à versão adaptada do guia. Versão adaptada do guia elaborada por Josefin Pasanen. Versão editada por Ariana Britto, Renata Cossio, Isabela Salgado e Beatriz Velho.

PAÍS: COLOMBIA. FOTO: JUAN ARREDONDO/GETTY IMAGES/  
IMAGES OF EMPOWERMENT

PAÍS: LIMA, PERU. FOTO: JUAN ARREDONDO/GETTY IMAGES/  
IMAGES OF EMPOWERMENT



# ÍNDICE

UMA INTRODUÇÃO PARA ESTE GUIA .....	1
QUANDO DEVEMOS CONSIDERAR GÊNERO EM UMA AVALIAÇÃO? .....	4
O QUE É EMPODERAMENTO E QUANDO DEVEMOS CONSIDERAR MEDI-LO EM UMA AVALIAÇÃO DE IMPACTO? .....	5
QUAIS SÃO ALGUNS DESAFIOS PARA MENSURAR O EMPODERAMENTO DE MULHERES E MENINAS? .....	8
COMO PODEMOS CONSTRUIR UMA ESTRATÉGIA CONFIÁVEL PARA MENSURAR O EMPODERAMENTO EM UMA AVALIAÇÃO DE IMPACTO? .....	13
<b>PASSO 1. PESQUISA FORMATIVA</b> .....	15
Conduzir pesquisa formativa para entender gênero e empoderamento em um contexto específico	
<b>PASSO 2. TEORIA DA MUDANÇA, RESULTADOS E INDICADORES</b> .....	21
Mapear uma teoria da mudança e selecionar indicadores e variáveis de resultado adequados	
<b>PASSO 3. INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS</b> .....	38
Desenvolver e validar instrumentos de coleta de dados que minimizem o enviesamento das respostas das pessoas entrevistadas	
<b>PASSO 4. PLANO DE COLETA DE DADOS</b> .....	48
Elaborar um plano de coleta de dados que minimize o erro de mensuração	
<b>CONCLUSÃO</b> .....	54

## UMA INTRODUÇÃO PARA ESTE GUIA

Um número crescente de formuladores de políticas públicas está investindo no empoderamento de mulheres e meninas – empoderamento sendo “o processo pelo qual aquelas a quem tem sido negada a capacidade de fazer escolhas estratégicas para sua vida adquirem tal capacidade.”<sup>1</sup> A busca por este empoderamento nas políticas públicas tem ocorrido tanto como objetivo final por ser um direito por si só, quanto como fator para o desenvolvimento de países de baixa e média renda; assim, o número de programas e políticas públicas destinados a promovê-lo tem aumentado rapidamente. Consequentemente, muitos profissionais, pesquisadoras e pesquisadores estão buscando formas de mensurar, com mais precisão por meio de avaliações de impacto, algo tão complexo como o empoderamento de mulheres e meninas.

Um ponto de partida fundamental envolve escutar mulheres para aprender sobre suas aspirações e os obstáculos que enfrentam. Boas avaliações de impacto sobre empoderamento começam com discussões enriquecedoras com mulheres, meninas e demais pessoas da comunidade sobre o que significa ser empoderada naquele determinado contexto. Como parte da pesquisa formativa que minha equipe de trabalho e eu (Rachel) conduzimos para uma avaliação aleatorizada sobre empoderamento de meninas e casamento infantil em Bangladesh, entrevistamos jovens mulheres sobre suas vidas cotidianas, suas ambições e o que elas desejavam fazer dentre aquilo que estavam proibidas.<sup>2</sup> Também entrevistamos ONGs locais e parceiros comunitários, perguntando: "O que uma garota empoderada faz de diferente de uma garota não empoderada"? Diversas vezes ouvimos respostas como: "ela pode ir aonde quiser", "ela pode negociar com seus pais", "ela não é a última a comer em casa" e "ela pensa de forma diferente sobre o que meninas podem fazer".

Refinar essas ricas conversas e transformá-las em um conjunto de indicadores que poderiam ser medidos por meio de um questionário de pesquisa não foi uma tarefa simples nem objetiva. Muitas pessoas com quem conversamos disseram que meninas empoderadas tinham a capacidade de ir e vir (sozinhas) em suas comunidades. No entanto, quando conversamos com essas meninas, aprendemos rapidamente que uma pergunta genérica como “quão longe de casa você pode sair sozinha?” não refletiria com precisão seu grau de mobilidade. Muitas garotas disseram ser incapazes de sair de casa sozinhas, mas também mencionaram caminhar regularmente para a escola sozinhas ou com amigos. Quando lhes perguntamos sobre essa discrepância, as meninas responderam: “mas isso é diferente, isso é ir para a escola!”.

Por meio dessas entrevistas, entendemos que a possibilidade de uma garota sair sozinha dependia do que ela estava fazendo e para quem. Ela poderia sair sozinha todos os dias, indo e vindo da escola, mas não poderia frequentar feiras locais por conta própria. Para mensurar mobilidade como um indicador de empoderamento, nós procuramos mensurar se uma mulher jovem poderia ir a algum lugar para uma atividade que só tivesse valor para ela. Em nossa pesquisa, então, perguntamos se jovens mulheres jovens poderiam deslocar-se sozinhas para um conjunto de locais e atividades comuns, incluindo alguns que não beneficiassem ninguém a não ser a própria jovem. No entanto, ao usar uma pergunta e um indicador tão específicos para o local, perdemos a capacidade de comparar nossas descobertas com dados sobre a mobilidade feminina em outros contextos.

As equipes de pesquisas enfrentam muitos desses contratempos e desafios para mensurar empoderamento. Quais variáveis de resultado devemos priorizar a partir de uma lista mais extensa de possibilidades? Como devemos mensurar a capacidade de mulheres e meninas de fazer escolhas quando raramente observamos o processo de tomada de decisão em si? Devemos perguntar às pessoas sobre decisões passadas, tentar observar um processo real de escolha, e/ou assumir que alguns resultados indicam indiretamente, mas de forma confiável, a capacidade de escolha das pessoas? Há um grande número de estudos nas áreas de economia, feminismo, psicologia, antropologia e outros que abordam esses desafios conceituais. Neste guia, destacaremos visões pragmáticas dessas disciplinas

<sup>1</sup> Kabeer, Naila. 1999. “Resources, Agency, Achievements: Reflections on the Measurement of Women’s Empowerment.” *Development and Change* 30(3): 435-464. Resumo. <https://doi.org/10.1111/1467-7660.00125>.

<sup>2</sup> Buchmann, Nina, Erica Field, Rachel Glennerster, Shahana Nazneen, Svetlana Pimkina, and Iman Sen. “Power vs Money: Alternative Approaches to Reducing Child Marriage in Bangladesh, a Randomized Control Trial.” Working Paper de maio de 2017. O estudo foi financiado pela *International Initiative for Impact Evaluation*, pelos *Institutos Nacionais de Saúde dos EUA*, pela *Fundação Nike* e pelo *International Development Research Centre*.

## UMA INTRODUÇÃO PARA ESTE GUIA

que podem ajudar a embasar e aperfeiçoar a forma como economistas e demais profissionais, acadêmicos e acadêmicas mensuram empoderamento em avaliações de impacto que utilizam métodos quantitativos.

Também vamos nos aprofundar nos muitos desafios práticos de mensurar empoderamento de mulheres e meninas e abordar alternativas para superá-los. Vamos explorar como transformar indicadores em boas perguntas para questionários; como testar se as pessoas entrevistadas compreendem nossas perguntas e as respondem com precisão; como decidir quem entrevistar e quando obter as melhores informações; como mensurar empoderamento de forma menos sujeita a expressar vieses; e como e quando instrumentos de pesquisa alternativos podem gerar medidas de resultados mais confiáveis do que os próprios questionários. Também indicamos como diferentes ferramentas ou abordagens podem afetar os custos da pesquisa.

### A VERSÃO EM PORTUGUÊS DO GUIA

Esta é uma versão adaptada do guia, com exemplos adicionais de como pesquisadoras e pesquisadores têm lidado com os desafios mencionados acima no contexto da América Latina. Entender o que significa o empoderamento de mulheres e meninas na região em questão é fundamental para desenhar uma estratégia efetiva de mensuração e realizar avaliações para informar o desenho de políticas e programas.

O guia apresenta diversos exemplos de pesquisas sobre diferentes aspectos do empoderamento de mulheres e meninas globalmente e especificamente na América Latina. Embora tenhamos avançado em questões como casamento infantil e mobilidade das mulheres, existem outros temas relacionados a gênero na região dentro dos quais ainda é muito desafiador encontrar formas de mensurar o empoderamento feminino. Normas sociais rígidas e papéis tradicionais de gênero relacionados ao machismo podem comprometer o empoderamento de mulheres e meninas, e sua capacidade de alcançar o que consideram uma vida melhor.

Por exemplo, papéis tradicionais de gênero na América Latina estabelecem que as mulheres são as principais responsáveis pelo cuidado do lar e pelo bem-estar dos membros da família; assim, para muitas mulheres na

região—especialmente as de baixa renda—as tarefas domésticas podem constituir uma significativa limitação ao trabalho remunerado. Programas que visam ampliar a participação de mulheres no mercado de trabalho podem aumentar a sua carga de trabalho, caso não sejam acompanhados de uma redução de suas obrigações e afazeres domésticos. Uma estratégia de mensuração que apenas observe os resultados no mercado de trabalho negligenciará as complexidades do empoderamento feminino neste contexto. Claudia Martinez A. (PUC Chile), pesquisadora filiada ao J-PAL, desenvolve este tema no Box 1, Capítulo 3.

Os altos níveis de violência de gênero e doméstica na América Latina também são um grave problema, que tem repercussões negativas para o empoderamento de mulheres e meninas. Embora o combate à violência de gênero seja uma política pública prioritária para diversos governos e organizações que atuam na região, é difícil identificar as intervenções mais eficazes para este fim, devido à subnotificação e às dificuldades em mensurar a incidência de violência. No Capítulo 4 você encontrará exemplos de como pesquisadoras e pesquisadores têm lidado com questões sensíveis, como violência de gênero, no Peru e no mundo. O guia também destaca questões como gravidez na adolescência, microcrédito e treinamento para mulheres em gestão de negócios, todos temas importantes para políticas públicas na região.

O empoderamento de mulheres e meninas tem significados distintos em diferentes partes do mundo. Com este guia, pretendemos iniciar uma conversa sobre como medimos o empoderamento de mulheres e meninas na América Latina. Também é importante ter em mente que as particularidades do empoderamento de mulheres e meninas podem variar entre diferentes países, assim como dentro de cada país da região. Esperamos inspirar mais implementadores de programas, profissionais de monitoramento e avaliação, equipes de pesquisa e estudantes a se engajarem em pesquisas e avaliações que nos deem mais nuances para compreender o empoderamento de mulheres e meninas em nosso contexto.

# UMA INTRODUÇÃO PARA ESTE GUIA

## PARA QUEM É ESTE GUIA?

Este guia foi elaborado para apoiar o trabalho de profissionais de monitoramento e avaliação, pesquisadoras, pesquisadores e estudantes que estão interessados em aprender a mensurar o empoderamento de mulheres e meninas por meio de avaliações de impacto. Discutimos principalmente estratégias para desenvolver bons instrumentos de coleta de dados quantitativos, incluindo questionários e instrumentos alternativos de pesquisa; assim, este guia se torna relevante aos profissionais, pesquisadoras e pesquisadores interessados em usar essas ferramentas. A maioria dos exemplos contemplados aqui são extraídos de avaliações aleatorizadas feitas por pesquisadoras e pesquisadores afiliados ao J-PAL (e seus coautores) que tenham sido realizadas em países de baixa e média renda – apesar dos mecanismos subjacentes poderem ser também relevantes em países de alta renda. Este conteúdo pode também ser útil para equipes gestoras de programas voltados à ampliação do empoderamento de mulheres e meninas, particularmente quando se busca integrar processos de monitoramento e avaliação ao desenho do programa.

## O QUE ESTE GUIA CONTEMPLA?

Compartilharemos percepções sobre as seguintes questões e tópicos-chave:

1. Quando devemos considerar gênero em uma avaliação?
2. O que é empoderamento e quando devemos considerar mensurá-lo em uma avaliação de impacto?
3. Quais são alguns dos desafios para mensurar o empoderamento de mulheres e meninas e como superá-los?
4. Como podemos construir uma estratégia de mensuração confiável em uma avaliação de impacto?

**1º Passo. Pesquisas formativas:** Conduzir pesquisas formativas para entender gênero e empoderamento em um contexto específico

**2º passo. Teoria da mudanças, resultados, e indicadores:** mapear uma teoria da mudança e selecionar indicadores e variáveis de resultado adequados

**3º passo. Instrumentos de coleta de dados:** desenvolver e validar instrumentos de coleta de dados que minimizem os vieses nas respostas das pessoas entrevistadas

**4º passo: Plano de coleta de dados:** elaborar um plano de coleta de dados que minimize erros de mensuração

O guia também inclui apêndices detalhados. O Apêndice 1 da versão em inglês do guia fornece exemplos de perguntas de pesquisa relacionadas ao empoderamento de mulheres e meninas a partir de avaliações aleatorizadas conduzidas por pesquisadoras e pesquisadores afiliados ao J-PAL. O Apêndice 2 da versão em inglês do guia apresenta exemplos de instrumentos de pesquisa alternativos que podem ser usados em análises quantitativas, além de dicas para decidir quando e como usá-los.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Os apêndices ainda não estão traduzidos para o português. Você pode acessar as versões originais em inglês nos seguintes links: Apêndice 1 - <https://www.povertyactionlab.org/media/file-research-resource/practical-guide-measuring-women-and-girls-empowerment-impact-0>  
Apêndice 2 - <https://www.povertyactionlab.org/media/file-research-resource/practical-guide-measuring-women-and-girls-empowerment-impact-1>

## 1. QUANDO DEVEMOS CONSIDERAR GÊNERO EM UMA AVALIAÇÃO?

Devemos sempre considerar gênero em uma avaliação de impacto, mesmo quando um programa não estiver contemplando um gênero em específico. Por exemplo, quem escolhemos para entrevistar faz diferença. Uma pesquisa com chefes de família, políticos ou donos de negócios pode não levar em conta a visão das mulheres se elas estiverem subrepresentadas nesses cargos. Mesmo dentro de uma família, seus diferentes membros podem estar mais ou menos informados sobre vários aspectos da vida familiar e econômica. É importante, portanto, identificar quem detém as informações que queremos coletar antes de iniciarmos nossa pesquisa. Também precisamos considerar de que forma variáveis como gênero, etnia/raça e classe da pessoa entrevistadora podem influenciar as respostas, uma vez que esses fatores podem afetar quem aceita em participar, assim como os depoimentos em si.

Além disso, é sempre importante considerar gênero em nossa análise. A avaliação do impacto geral de um programa pode mascarar dinâmicas de gênero importantes, que poderiam ser reveladas caso os dados fossem desagregados por sexo ou gênero. Por exemplo, um programa que oferece fertilizantes a fazendeiros poderia também aumentar as responsabilidades na colheita, uma tarefa frequentemente exercida por mulheres. Um programa pode, em média, melhorar o desempenho educacional das crianças e diminuir a diferença de gênero na participação escolar. É fundamental considerar gênero na mensuração e análise de qualquer avaliação de impacto para descobrir se e como o programa afeta as pessoas de forma diferente, a depender do seu gênero. Ao planejar uma avaliação de impacto, devemos obter uma amostra suficientemente grande para sermos capazes de detectar quaisquer diferenças importantes entre os gêneros. Devemos calcular e reportar estimativas de impacto por gênero em nossas análises, assim como averiguar se as diferenças são estatisticamente significativas. Devemos também incluir uma discussão a respeito dos principais motivos pelos quais o programa teve ou não efeitos distintos por gênero.



PAÍS: LIMA, PERU. FOTO: JUAN ARREDONDO/GETTY IMAGES/IMAGES OF EMPOWERMENT

## 2. O QUE É EMPODERAMENTO E QUANDO DEVEMOS CONSIDERAR MEDI-LO EM UMA AVALIAÇÃO DE IMPACTO?

### O QUE É EMPODERAMENTO?

Existem diversas definições diferentes de empoderamento, mas as definições mais influentes tendem a enfatizar a agência e a capacidade de fazer escolhas significativas.<sup>4</sup> Muitas definições se baseiam no conceito de Amartya Sen de um agente como “alguém que age e promove mudanças e cujas realizações podem ser julgadas em termos de seus próprios valores e objetivos”.<sup>5</sup> Neste guia, usamos principalmente a definição de empoderamento de Naila Kabeer, que descreve o conceito como “o processo pelo qual aquele(a)s a quem tem sido negada a capacidade de fazer escolhas estratégicas para sua vida adquirem tal capacidade”.<sup>6</sup> O sistema seminal de “recursos, agência e realizações” de Kabeer oferece uma intuição prática para mensurar o empoderamento, que envolve três dimensões inter-relacionadas (ver Figura 1):<sup>7</sup>

**Recursos:** obter acesso a recursos materiais, humanos e sociais que ampliem a capacidade de escolha das pessoas, incluindo conhecimentos, atitudes e preferências

**Agência:** aumento de participação, expressão/voz, capacidade de negociação e influência na tomada de decisões sobre escolhas estratégicas de vida

**Realizações:** melhorias significativas de bem-estar e futuros acontecimentos de vida resultantes da ampliação da agência, incluindo saúde, educação, oportunidades de renda, direitos e participação política, entre outros.<sup>8</sup>

A mensuração de indicadores relacionados a recursos, agência e realizações ao longo de uma avaliação pode ser uma forma intuitiva e prática de mensurar o processo de empoderamento. Como todas as relações de poder, o processo de empoderamento também é moldado por e se inter-relaciona com as normas e instituições (culturais, sociais, políticas e econômicas) que definem as possibilidades de uma pessoa em um determinado contexto. Essas limitações estruturais institucionalizadas modelam e limitam as escolhas disponíveis para mulheres e meninas em todas as etapas do processo de empoderamento.<sup>9</sup>

Por exemplo, normas sobre a mobilidade feminina em espaços públicos num lugar como Bangladesh podem influenciar quais recursos são acessíveis ou não às mulheres, como capital social. Essas normas também podem afetar a agência das mulheres em termos de quais decisões elas podem, de fato, tomar, até que ponto elas precisam pedir permissão, e que tipos de decisões são verdadeiramente empoderadoras. Por exemplo, ter poder de decisão sobre compras domésticas pode ser um fator de empoderamento em contextos em que esse tipo de escolha é negado às mulheres, mas pode ser “desempoderador” em contextos em que as mulheres são sobrecarregadas pelo trabalho doméstico. Normas sociais também podem afetar as realizações das mulheres. Por exemplo, as normas sociais sobre mulheres e trabalho determinam se mulheres que desejam iniciar negócios ou trabalhar fora de casa podem fazê-lo. Em nossas avaliações, devemos considerar como essas limitações estruturais podem dificultar o sucesso de intervenções de empoderamento, uma vez que as primeiras restringem a habilidade das pessoas de traduzir recursos em agência e agência em realizações. As limitações estruturais também podem influenciar até que ponto os ganhos das mulheres nas esferas doméstica ou privada podem ou não se refletir em melhorias coletivas às mulheres na esfera pública e vice-versa.<sup>10</sup>

---

<sup>4</sup> Malhotra, Anju, Sidney R. Schuler, and Carol Boender. 2002. “*Measuring Women’s Empowerment as a Variable in International Development*.” Artigo contextual para o Workshop sobre Pobreza e Gênero: Novas Perspectivas, do Banco Mundial, em 28 de junho de 2002.6. [https://www.academia.edu/17726621/Measuring\\_womens\\_empowerment\\_as\\_a\\_variable\\_in\\_international\\_development](https://www.academia.edu/17726621/Measuring_womens_empowerment_as_a_variable_in_international_development).

Alguns argumentam que parte do poder do conceito reside no fato de que ele não tem uma definição exclusiva, mas pode ser continuamente definido e redefinido por mulheres ao longo do tempo.

<sup>5</sup> Sen, Amartya. 1999. *Development as Freedom*. New York: Alfred A. Knopf, 19.

<sup>6</sup> Kabeer 1999, Abstract.

<sup>7</sup> Kabeer 1999, 437-438.

<sup>8</sup> Muitos resultados, tais como saúde e escolaridade, podem ser considerados tanto recursos quanto realizações.

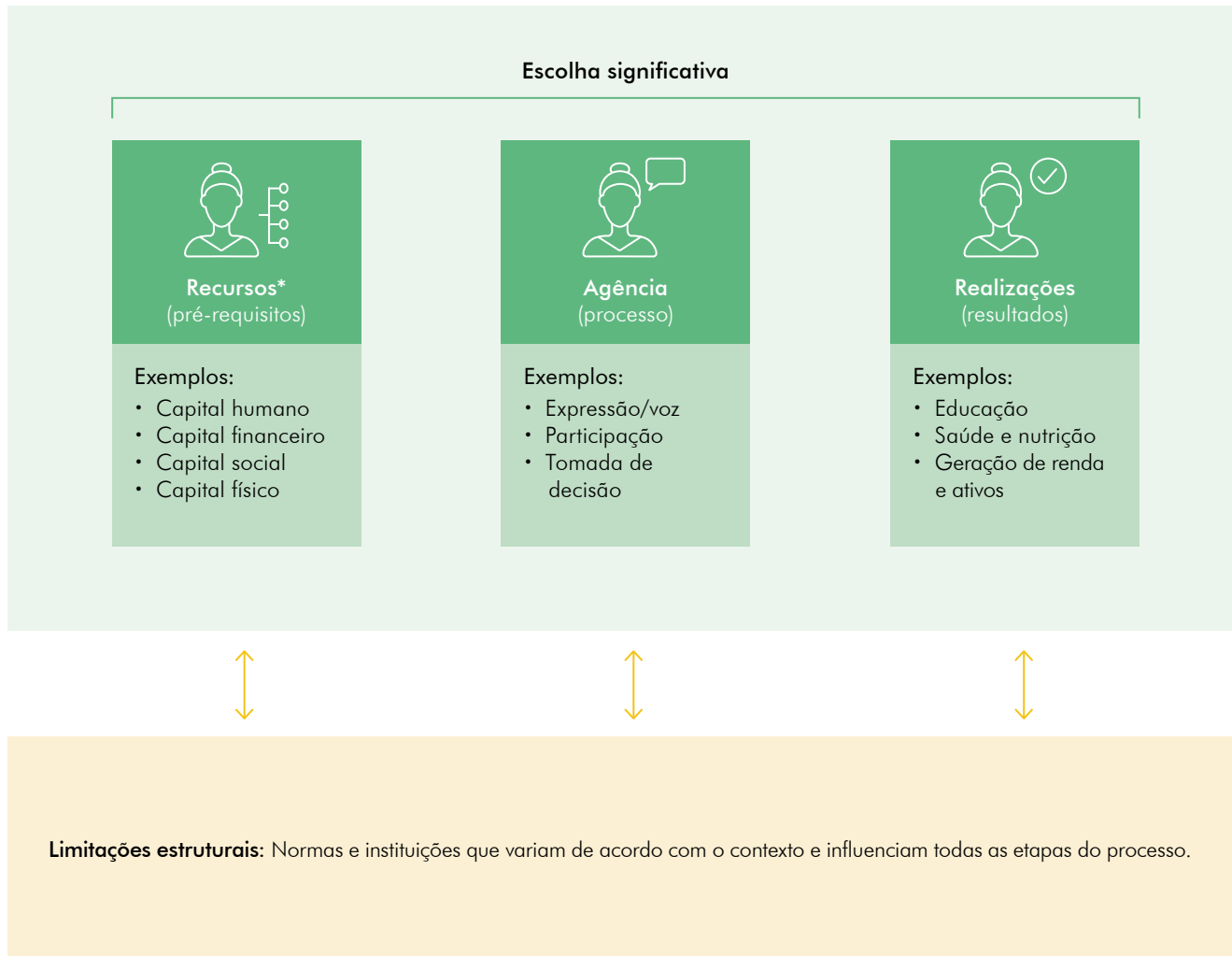
<sup>9</sup> Kabeer, Naila. “*Paid Work, Women’s Empowerment and Gender Justice: Critical Pathways of Social Change*.” *Working Paper, Institute of Development Studies*, de janeiro de 2008. 24. <https://www.ids.ac.uk/publication/paid-work-women-s-empowerment-and-gender-justice-critical-pathways-of-social-change>.

<sup>10</sup> Kabeer, Naila. 2008.



## 2. O QUE É EMPODERAMENTO E QUANDO DEVEMOS CONSIDERAR MENSURÁ-LO EM UMA AVALIAÇÃO DE IMPACTO?

FIGURA 1. REPRESENTAÇÃO VISUAL DO SISTEMA DE RECURSOS, AGÊNCIA E REALIZAÇÕES DE KABEER



\*Recursos também podem ser realizações.

Kabeer, Naila. 1999. "Resources, Agency, Achievements: Reflections on the Measurement of Women's Empowerment." *Development and Change*, 30 (3): 435-464, Abstract. <https://doi.org/10.1111/1467-7660.00125>.

Kabeer, Naila. "Paid Work, Women's Empowerment and Gender Justice: Critical Pathways of Social Change." *Working Paper, Institute of Development Studies, January 2008*, 24. <https://www.ids.ac.uk/publication/paid-work-women-s-empowerment-and-gender-justice-critical-pathways-of-social-change>.

## 2. O QUE É EMPODERAMENTO E QUANDO DEVEMOS CONSIDERAR MEDI-LO EM UMA AVALIAÇÃO DE IMPACTO?

Devemos mensurar empoderamento em uma avaliação de impacto quando este é o objetivo principal ou secundário do programa. Muitos programas visam especificamente o empoderamento de mulheres e meninas como resultado principal, tais como programas de capacitação em técnicas de negociação para jovens mulheres ou treinamentos sobre direitos das mulheres. Além desses casos claros, existem muitos programas que têm em vista o empoderamento como resultado secundário, cuja mensuração também é importante. Por exemplo, muitos programas de inclusão financeira que facilitam o acesso a crédito, poupança e serviços de pagamentos visam melhorar o desempenho de pequenas empresas, mas também visam aumentar o empoderamento econômico das mulheres. Nota-se que também pode ser importante mensurar o empoderamento quando existe o risco de um programa 'desempoderar' ou trazer consequências negativas para as mulheres. Podemos querer mensurar, por exemplo, se um programa aumenta involuntariamente as obrigações e afazeres domésticos, e/ou o trabalho de cuidado, entre mulheres ou meninas.<sup>11</sup>

Também podemos esperar que os impactos do programa variem entre mulheres de acordo com o quão empoderadas elas são. Por exemplo, o acesso à contracepção gratuita só efetivamente levará ao aumento do uso de métodos contraceptivos quando as mulheres tiverem autonomia suficiente para negociar a possibilidade de usá-los com seus parceiros. Nesses casos, pode ser útil mensurar um indicador de agência ou poder de decisão antes de implementar o programa, a fim de captar como os impactos variam de acordo com diferenças iniciais entre as mulheres. Uma vez que os programas de empoderamento abrangem diversos âmbitos, das finanças à educação, saúde e participação política, as barreiras e oportunidades que as mulheres

enfrentam para se tornarem mais empoderadas nestes vários aspectos serão necessariamente diferentes. Portanto, é importante que os nossos resultados, indicadores e instrumentos de coleta de dados sejam adaptados ao(s) âmbito(s) específico(s) estudado(s).<sup>12</sup>

Embora seja importante utilizar indicadores específicos para as intervenções e âmbitos sendo investigados, as medidas de empoderamento tendem a incluir um conjunto de conceitos básicos. Os tópicos frequentemente consistem em: acesso e controle das mulheres sobre recursos, tais como renda e bens; participação em decisões importantes nos níveis pessoal, familiar e comunitário; controle sobre escolhas de saúde reprodutiva e fertilidade; felicidade e bem-estar subjetivos; mobilidade; uso do tempo e compartilhamento do trabalho doméstico; direito a uma vida livre de violência; participação comunitária e política; e resultados que se traduzam em bem-estar em âmbitos como educação, saúde e trabalho.<sup>13</sup>

<sup>11</sup> Em muitos casos, é útil considerar como as normas sociais relacionadas aos papéis de gênero no trabalho doméstico não remunerado interagem com o programa que está sendo avaliado e como elas afetam o uso do tempo pelas mulheres. A publicação do Banco Mundial abaixo sobre o uso do tempo descreve duas abordagens de mensuração: perguntas estilizadas e diários de tempo. Existem muitos outros recursos disponíveis para conceituar e mensurar o uso do tempo, a falta de tempo em decorrência da pobreza ("time poverty") e o trabalho doméstico não remunerado, incluindo as pesquisas do *Levy Institute* e o livro de Marilyn Waring denominado *If Women Counted* (Se as mulheres contassem, em tradução literal). <http://documents.worldbank.org/curated/en/443201500384614625/Measuring-time-use-in-development-settings>.

*Levy Economics Institute of Bard College. S.d. "Publications on Time Poverty."* Acessado em 19 de março de 2018. <http://www.levyinstitute.org/topics/time-poverty>.

Waring, Marilyn. 1998. *If Women Counted: A New Feminist Economics*. San Francisco: Harper & Row.

<sup>12</sup> Muitos pesquisadores e pesquisadores enfatizam a importância do uso de medidas específicas de empoderamento em certos domínios. Alguns exemplos úteis incluem os módulos para mensurar empoderamento econômico do *International Center for Research on Women (ICRW)* (Golla, Anne Marie; Malhotra, Anju; Nanda, Priya; Mehra, Rekha; Kes, Aslihan; Jacobs, Krista e Namy, Sophie. 2011. "Understanding and Measuring Women's Economic Empowerment". *International Center for Research on Women*. <https://www.icrw.org/publications/understanding-and-measuring-womens-economic-empowerment/>) ou o índice do *International Food Policy Research Institute (IFPRI)* para mensurar o empoderamento das mulheres na agricultura (Alkire, Sabina; Meinzen-Dick, Ruth; Peterman, Amber; Quisumbing, Agnes; Seymour, Greg e Vaz, Ana. 2013. "The Women's Empowerment in Agriculture Index." *World Development* 52: 71-91. <https://doi.org/10.1016/j.worlddev.2013.06.007>).

Para saber mais sobre a importância dos indicadores específicos a certos domínios, veja: Alkire, Sabina. 2005. "Subjective Quantitative Studies of Human Agency." *Social Indicators Research* 74(1): 217-260. 236. <https://doi.org/10.1007/s11205-005-6525-0>.

<sup>13</sup> Categorias organizadas com base em uma revisão das seguintes publicações: Alkire et al. 2013; Golla et al. 2011;

Lombardini, Simone; Bowman, Kimberly e Garwood, Rosa. 2017. "A 'How-To' Guide To Measuring Women's Empowerment: Sharing Experience from Oxfam's Impact Evaluations." Oxfam. <https://policy-practice.oxfam.org/resources/a-how-to-guide-to-measuring-womens-empowerment-sharing-experience-from-oxfams-i-620271/>;

Donald, Aletheia; Koolwal, Gayatri; Annan, Jeannie; Falb, Kathryn e Goldstein, Markus. "Measuring Women's Agency." *Policy Research Working Paper*, Banco Mundial, No. 8148, de julho de 2017. 34-35. <http://documents.worldbank.org/curated/en/333481500385677886/Measuring-womens-agency>.

Laszlo, Sonia e Grantham, Kate. "Measurement of Women's Economic Empowerment in GrOW Projects: Inventory and User Guide." *McGill University GrOW Working Paper*, dezembro de 2017.

### 3. QUAIS SÃO ALGUNS DOS DESAFIOS PARA MENSURAR O EMPODERAMENTO DE MULHERES E MENINAS?

#### 1. MENSURAR A CAPACIDADE DAS PESSOAS DE FAZER ESCOLHAS IMPORTANTES NA VIDA É DESAFIADOR, PORQUE RARAMENTE OBSERVAMOS O PROCESSO DE TOMADA DE DECISÃO

O empoderamento não se trata apenas de mudanças no bem-estar; trata-se também da agência das pessoas para alcançar essas mudanças. Algumas das opções mais comuns para mensurar a agência e o poder de decisão, tais como perguntar às pessoas sobre como decisões foram tomadas no passado, tendem a ser relatadas de modo enviesado se não forem cuidadosamente desenhadas e implementadas. Além disso, como muitas vezes só podemos observar os resultados das escolhas e não o verdadeiro processo de tomada de decisão, é difícil saber se as mudanças relativas ao bem estar de fato resultam do aumento da capacidade das mulheres de fazer escolhas, ou não. Por exemplo, na avaliação de Rachel e suas coautoras na área rural de Bangladesh, descobrimos que mais mulheres casadas assumiram atividades geradoras de renda após passarem por um programa de empoderamento. O ingresso no mercado de trabalho, inicialmente, pareceu ser uma escolha empoderadora. No entanto, em entrevistas qualitativas com um subgrupo dessas mulheres, constatamos que algumas delas estavam trabalhando por extrema necessidade econômica, e muitas tinham autonomia limitada na escolha de sua atividade geradora de renda. Frequentemente, as mulheres também se encontravam limitadas a trabalhar dentro de casa.<sup>14</sup>

#### 2. O EMPODERAMENTO É UM PROCESSO

Ao contrário de muitos outros desdobramentos, o empoderamento é um processo contínuo e por isso requer mais esforço e criatividade da nossa parte para medi-lo bem. Muitas teorias de empoderamento enfatizam a importância de conceituá-lo como um processo, tal como no sistema de “recursos, agência e realizações” de Kabeer.

A autora argumenta que é importante mensurar os recursos que potencializariam a capacidade das mulheres de fazer escolhas, a agência das mulheres (voz, participação etc.) em fazer essas escolhas e as mudanças finais no bem-estar que resultariam do aumento de sua agência.<sup>15</sup> A fim de mensurar esse processo de múltiplas etapas, precisamos selecionar e mensurar resultados de curto, médio e longo prazos que possam conectar essa cadeia causal de forma convincente. Por exemplo, digamos que queiramos mensurar se um programa de capacitação em técnicas de negociação estimula meninas a concluírem o ensino médio. Para isso precisaríamos mensurar seus recursos (tal como suas habilidades de negociação), o processo decisório entre os pais e as meninas (que determina se elas permanecem na escola) e finalmente suas conquistas no âmbito escolar.

#### 3. MUITOS ASPECTOS DO EMPODERAMENTO SÃO SUSCETÍVEIS A SEREM RELATADOS DE FORMA ENVIESADA

Perguntar às pessoas sobre temas sensíveis como papéis de gênero, ambições, saúde reprodutiva, sexo, casamento, violência e tomadas de decisão pode levar à parcialidade das respostas se nossos instrumentos de pesquisa não forem bem concebidos. O viés de desejabilidade social é um tipo de parcialidade de comunicação que é particularmente desafiador de mitigar quando se mede empoderamento. Ele ocorre quando as pessoas entrevistadas dão respostas que elas acham que a pesquisadora ou o pesquisador quer ouvir ou que estão de acordo com as normas sociais geralmente aceitas, em vez de estarem alinhadas com sua realidade. As preferências declaradas pelas pessoas entrevistadas também podem ser diferentes de suas preferências reveladas, o que significa que as pessoas dizem uma coisa, mas fazem outra. Por exemplo, em alguns países pais e mães podem relatar em uma pesquisa que acreditam que meninas devam ter as mesmas oportunidades de educação que meninos, mas efetivamente não matricularem as suas filhas na escola. É preciso bastante tempo e esforço para projetar instrumentos de coleta de dados que mitiguem o viés de desejabilidade social e outros tipos de parcialidade advindos dos relatos das pessoas entrevistadas.

<sup>14</sup> Field, Erica; Glennerster, Rachel e Nazneen, Shahana. 2018. "Economic Empowerment of Young Women in Bangladesh: Barriers and Strategies." *Women at Work: Addressing the Gaps. International Policy Centre for Inclusive Growth Policy in Focus Volume 15*: Edição No. 1, 31-32. <http://www.ipc-undp.org/publication/28507>.

<sup>15</sup> Kabeer, Naila. 1999, 437-438.

### 3. QUAIS SÃO ALGUNS DOS DESAFIOS PARA MENSURAR O EMPODERAMENTO DE MULHERES E MENINAS?

#### 4. EMPODERAMENTO TEM SIGNIFICADOS DIFERENTES EM CONTEXTOS DIFERENTES, MAS PODEMOS TAMBÉM QUERER COMPARAR ENTRE CONTEXTOS

Embora o conceito subjacente de empoderamento (aumentar a habilidade das pessoas de fazer escolhas importantes em suas vidas) não seja particular a um determinado contexto, suas manifestações concretas podem variar de acordo com o local. Por exemplo, a possibilidade de uma mulher vender produtos em um mercado local pode ser uma limitação relevante em partes da zona rural de Bangladesh, mas não em um contexto onde essa atividade é comum para mulheres, como em áreas urbanas do México. Uma vez que os obstáculos enfrentados por mulheres e meninas variam consideravelmente de acordo com o contexto, o mesmo deve valer para a forma como medimos o empoderamento, particularmente em avaliações de impacto. Se não incluirmos indicadores adaptados para cada localidade, corremos o risco de não conseguir captar as mudanças que ocorrem como resultado da intervenção. No entanto, se usarmos apenas indicadores adaptados a cada contexto específico, podemos perder a oportunidade de comparar nossos resultados com estudos sobre empoderamento em outros contextos, ou até mesmo contribuir com nossos dados para uma meta-análise; ambas as possibilidades são úteis para extrair lições mais amplas sobre programas efetivos de empoderamento.

#### 5. É DIFÍCIL PRIORIZAR MEDIDAS DE RESULTADO

O empoderamento abrange quase todos os aspectos da vida de uma mulher, tornando difícil definir o foco da pesquisa, particularmente porque as mudanças de empoderamento podem ser imprevisíveis. Entretanto, a seleção de muitas variáveis de resultado para mensuração pode nos levar a coletar dados que acabamos não utilizando em nossa análise, o que também aumenta o custo da pesquisa e consome, desnecessariamente, mais tempo das pessoas entrevistadas. Além disso, com um grande volume de variáveis de resultado, existe a probabilidade de que pelo menos um indicador mostre uma mudança significativa por acaso, em vez de um impacto advindo do programa. Precisamos priorizar as variáveis de resultado mais relevantes e ser realistas sobre o que um determinado programa pode mudar.

#### 6. MENSURAR PREFERÊNCIAS DAS MULHERES É UM DESAFIO EM CONTEXTOS ONDE ELAS INTERNALIZAM AS OPINIÕES DA SOCIEDADE

O poder muitas vezes opera de forma invisível através de nossas instituições sociais, normas e costumes. As mulheres podem incorporar visões da sociedade sobre seu status e ter preferências que refletem e aceitam a desigualdade entre homens e mulheres. Por exemplo, 14% das mulheres entrevistadas em uma pesquisa da Organização Internacional do Trabalho (OIT) com a Gallup em mais de cem países responderam que não é aceitável que uma mulher de sua família tenha um emprego remunerado fora de casa, caso queira.<sup>16</sup> Pesquisadoras e pesquisadores precisam ter cuidado para não impor sua visão de agente externo sobre o que as mulheres devem querer; ainda assim, precisamos ter em mente que as preferências das mulheres podem refletir a sua visão sobre gênero da sociedade na qual se inserem, em vez de suas próprias preferências. Embora as preferências das mulheres sejam um componente importante do empoderamento, medi-las por si só pode nem sempre refletir a capacidade destas de fazer escolhas significativas sobre suas vidas.

#### 7. O “DESEMPoderamento” PODE AUMENTAR OS DESAFIOS NA COLETA DE DADOS

Em relação ao desafio acima, quando as mulheres não têm autoridade e voz, fica mais difícil coletar dados precisos sobre suas ambições, opiniões e aspirações. Em alguns casos, por exemplo, mulheres podem ter dificuldade em responder perguntas sobre seus objetivos ou planos para o futuro. Também pode ser um desafio, às vezes, encontrar e contratar entrevistadoras para entrevistar mulheres. Quando trabalhamos particularmente com populações vulneráveis, como mulheres que podem ter sofrido abuso ou violência, devemos ser ainda mais cuidadosos principalmente com as implicações éticas de nossa pesquisa e assegurar que o processo de consentimento leve em consideração as dinâmicas desiguais de poder (ver página 14 para mais informações).

---

<sup>16</sup> Gallup, Organização Internacional do Trabalho. 2017. “Towards a Better Future for Women and Work: Voices of Women and Men.” Relatório da OIT-Gallup, de 8 de março de 2017. 74.

### 3. QUAIS SÃO ALGUNS DOS DESAFIOS PARA MENSURAR O EMPODERAMENTO DE MULHERES E MENINAS?

BOX 1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A MENSURAÇÃO DE EMPODERAMENTO ECONÔMICO NA AMÉRICA LATINA. UMA ENTREVISTA COM A PESQUISADORA AFILIADA AO J-PAL, CLAUDIA MARTINEZ A.

A pesquisadora afiliada ao J-PAL Claudia Martinez A. (PUC Chile) estuda a distribuição de poder dentro de residências, migração, educação e políticas públicas na América Latina. Claudia e a pesquisadora Marcela Perticará (Universidade Alberto Hurtado, Chile) fizeram uma avaliação aleatorizada do programa “4 às 7”, financiado pelo governo chileno, que analisou os efeitos da ampliação dos serviços de cuidado infantil gratuito após o período escolar sobre a empregabilidade das mães e a sua participação na força de trabalho no Chile.<sup>17</sup>

Claudia observou que no Chile, e na América Latina em geral, as mulheres são tradicionalmente responsáveis pelo cuidado de crianças e de outros membros do lar, como idosos. Diversas pesquisas constataram que tanto mulheres quanto homens tendem a dizer que “a família sofre quando a mãe trabalha”. Esses papéis, normas e atitudes de gênero em relação às mulheres que trabalham, juntamente com a falta de creches, constituem impedimentos à participação feminina na força de trabalho e ao seu empoderamento econômico.

O trabalho reprodutivo das mulheres no lar, suas responsabilidades no cuidado de crianças e outros membros dependentes de sua casa e as normas e atitudes em torno dos papéis de gênero estão entre as principais barreiras ao empoderamento das meninas e mulheres na América Latina. No entanto, muitos programas que visam aumentar a educação de meninas ou ampliar as oportunidades de mulheres no mercado de trabalho como forma de empoderamento não consideram as dinâmicas ou responsabilidades domésticas. Os programas que não são acompanhados por um relaxamento das responsabilidades das mulheres no trabalho reprodutivo e de cuidado podem ser economicamente empoderadores, mas também podem aumentar a carga de trabalho e o seu nível de estresse da população feminina, não melhorando, portanto, seu bem-estar geral.

Assim, uma estratégia de mensuração que apenas considere os desdobramentos do programa no mercado de trabalho não conseguirá captar as complexidades do empoderamento das mulheres nesse contexto. Deste modo, o trabalho reprodutivo, o trabalho de cuidado e as normas e atitudes relacionadas a gênero precisam ser considerados no processo de elaboração de programas e avaliações.

Em sua avaliação do “4 às 7”, Claudia Martinez A. e Marcela Perticará descobriram que a ampliação do serviço gratuito de creches após o período escolar de fato aumentou a participação de mulheres chilenas na força de trabalho, assim como a sua empregabilidade. Elas não constataram um impacto médio significativo na renda das mulheres nem em seus níveis de estresse, porém encontraram redução dos níveis de estresse entre mães que não exerciam trabalho remunerado com filhos acima de cinco anos. Como observam em seu trabalho, elas medem o estresse por um índice validado para o Chile pelos pesquisadores Danae Tapia, Carlos Cruz, Iris Gallardo e Mauricio Dasso.<sup>18</sup> O índice baseia-se em questões auto relatadas sobre a capacidade de resolver problemas e lidar com mudanças.

Claudia aprofunda ainda mais esta questão, observando que existem instrumentos sistematicamente testados e validados para o contexto latino-americano que estão prontamente disponíveis para mensurar diversos indicadores de bem-estar. Para a pesquisa sobre o empoderamento de mulheres e meninas, no entanto, Claudia descobriu que faltam instrumentos e indicadores validados localmente. Por ora, exercícios de validação nos permitem conferir se um resultado não significativo se deve à ausência de impacto ou à falta de instrumentos suficientemente adaptados ao contexto latino-americano. Para atender a essa necessidade, Claudia defende que mais trabalhos de validação sejam realizados, para melhorar as estratégias de mensuração utilizadas na América Latina.

<sup>17</sup> Martinez A., Claudia e Perticará, Marcela. 2017. “Childcare effects on maternal employment: Evidence from Chile.” *Journal of Development Economics* 126: 127-137. <https://doi.org/10.1016/j.jdeveco.2017.01.001>

<sup>18</sup> Tapia, Danae; Cruz, Carlos; Gallardo, Iris e Dasso, Mauricio. 2007. “Adaptación de la Escala de percepción Global de Estrés (EPGE) en Estudiantes Adultos de Escasos Recursos en Santiago, Chile.” *Psiquiatría y Salud Mental*. (1–2), 109–119.

### 3. QUAIS SÃO ALGUNS DESAFIOS PARA MENSURAR O EMPODERAMENTO DE MULHERES E MENINAS?

**TABELA 1. ONDE ENCONTRAR ABORDAGENS PARA SUPERAR DESAFIOS ESPECÍFICOS NESTE GUIA**

Os desafios de um a cinco são abordados diretamente nas páginas 26 a 36, enquanto que os desafios seis e sete são abordados nas múltiplas seções assinaladas na tabela.

DESAFIO	ABORDAGENS PARA A SOLUÇÃO DOS DESAFIOS	NÚMERO DA PÁGINA
1. Mensurar a capacidade das pessoas de fazer escolhas importantes na vida é desafiador, porque raramente observamos a tomada de decisão em si.	<p><b>Combine uma ou mais das seguintes abordagens:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Pergunte às pessoas sobre processos específicos de tomada de decisão.</li> <li>• Para decisões conjuntas, pergunte a mais de uma pessoa sobre o processo de tomada de decisão.</li> <li>• Mensure as preferências das mulheres e dos homens na linha de base e monitore se os resultados se movem na direção das preferências das mulheres após o programa.</li> <li>• Mensure os componentes psicológicos da agência: a capacidade das mulheres de estabelecer metas alinhadas com o que elas valorizam e de agir de acordo com essas metas.</li> <li>• Tente observar uma escolha diretamente ou crie uma situação na qual você possa observar uma escolha.</li> <li>• Mensure variáveis de resultados no que tange ao bem-estar fundamental.</li> </ul>	26–31
2. O empoderamento é um processo.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Acompanhe cada grande passo ao longo da cadeia causal: recursos, agência e realizações.</li> <li>• Utilize dados em painéis para observar mudanças no comportamento das mesmas pessoas ao longo do tempo.</li> </ul>	31–32
3. Muitos aspectos do empoderamento são suscetíveis a serem relatados de forma enviesada.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quando possível, complemente indicadores que estejam sujeitos a vieses de resposta das pessoas entrevistadas com indicadores mais objetivos ou indicadores indiretos (<i>proxy</i>).</li> <li>• Triangule um resultado usando múltiplos indicadores ou perspectivas quando não tiver a medida ideal.</li> <li>• Considere o uso de instrumentos alternativos a questionários que sejam menos suscetíveis a relatos enviesados pelas pessoas entrevistadas.</li> <li>• Formule a questão de forma indireta, perguntando sobre uma situação hipotética.</li> </ul>	33–36  41–43

### 3. QUAIS SÃO ALGUNS DESAFIOS PARA MENSURAR O EMPODERAMENTO DE MULHERES E MENINAS?

**TABELA 1. ONDE ENCONTRAR NESTE GUIA ABORDAGENS PARA SUPERAR OS SEGUINTE DESAFIOS**

Os desafios de um a cinco são abordados diretamente nas páginas 26 a 36, enquanto os desafios seis e sete são abordados em várias seções assinaladas na tabela.

DESAFIO	ABORDAGENS PARA A SOLUÇÃO DOS DESAFIOS	NÚMERO DA PÁGINA
4. Empoderamento tem significados diferentes em circunstâncias diferentes, mas podemos também querer comparar entre contextos.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Use os resultados de pesquisas formativas para selecionar ou desenvolver indicadores e questões personalizados para aquela localidade.</li> <li>• Conduza extensivamente testes piloto antes de iniciar uma pesquisa.</li> <li>• Complemente indicadores de empoderamento específicos ao contexto com indicadores convencionais.</li> </ul>	15–20 44–46 34–35
5. É difícil priorizar medidas de resultado.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Priorize indicadores que estejam relacionados aos objetivos principais do programa (ou que possam ser esperados como um importante efeito transbordamento); preferir indicadores que não o sejam.</li> </ul>	36
6. Mensurar preferências das mulheres é um desafio em contextos onde elas internalizam as opiniões da sociedade.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mensure as desigualdades, bem como o grau em que as mesmas são aceitas.</li> <li>• Mensure mudanças em importantes âmbitos de resultados de bem-estar, como saúde, educação ou condição econômica.</li> </ul>	40 26, 40
7. O “desempoderamento” pode aumentar os desafios na coleta de dados.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Além da aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição acadêmica, busque feedback e aprovação dos Comitês de Ética em Pesquisa da sua localidade, bem como de líderes locais e de membros da família das pessoas entrevistadas, se necessário.</li> <li>• Considere cuidadosamente a identidade da pessoa entrevistada, crie espaços reservados para entrevistas e/ou utilize tecnologias que permitam às pessoas entrevistadas responder de forma confidencial.</li> </ul>	13, 46, 52 49–53

## 4. COMO PODEMOS CONSTRUIR UMA ESTRATÉGIA CONFIÁVEL PARA MENSURAR O EMPODERAMENTO EM UMA AVALIAÇÃO DE IMPACTO?

Ao longo do capítulo, vamos percorrer as boas práticas que aprendemos para mensurar o empoderamento de mulheres e meninas durante as diferentes etapas de uma avaliação de impacto usando métodos quantitativos. O Box 2 lista os principais passos que cobrimos para desenvolver uma boa estratégia de mensuração.

Embora os passos estejam listados em uma ordem cronológica aproximada, nós frequentemente trabalhamos diversas etapas simultaneamente. Antes de projetar nossos instrumentos de avaliação e coleta de dados, é importante realizar uma pesquisa formativa para compreender as questões de gênero e empoderamento no contexto específico. Por meio das conclusões oriundas desta pesquisa formativa, podemos mapear uma teoria da mudança para a intervenção a ser avaliada, o que nos ajudará a priorizar resultados e indicadores. Após decidirmos o que mensurar, precisaremos desenvolver e testar nossos instrumentos de coleta de dados em comunidades similares àquelas onde a avaliação será realizada. Essa é uma etapa importante para garantir que nossas ferramentas de pesquisa, sejam elas questionários ou instrumentos alternativos, possam funcionar nas circunstâncias locais e captem as informações nas quais estamos interessados. Com base nos nossos testes-piloto, poderemos projetar um plano de coleta de dados capaz de minimizar erros de mensuração, inclusive para melhor decidir onde, quando e com que frequência coletá-los e garantir que as pessoas se sintam à vontade para conversar com nossas entrevistadoras.

### BOX 2. DESENVOLVENDO UMA ESTRATÉGIA DE MENSURAÇÃO

- Passo 1.** Conduzir pesquisa formativa para compreender gênero e empoderamento em um contexto específico.
- Passo 2.** Mapear uma teoria da mudança e selecionar indicadores e variáveis de resultado adequados
- Passo 3.** Desenvolver e validar instrumentos de coleta de dados que minimizem o enviesamento das respostas das pessoas entrevistadas.
- Passo 4.** Elaborar um plano de coleta de dados que minimize o erro de mensuração.



## 4. COMO PODEMOS CONSTRUIR UMA ESTRATÉGIA CONFIÁVEL PARA MENSURAR O EMPODERAMENTO EM UMA AVALIAÇÃO DE IMPACTO?

### CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Antes de iniciar qualquer trabalho de campo, devemos assegurar que nossos planos de coleta de dados atendam a padrões e normas internacionais destinados a proteger os participantes da pesquisa. No contexto acadêmico, projetos de pesquisa, instrumentos de coleta de dados e formulários de consentimento devem ser revisados e aprovados pelos Comitês de Ética em Pesquisa das instituições acadêmicas anfitriãs. Em muitos casos, eles também devem ser revisados e aprovados pelos Comitês de Ética em Pesquisa locais ou pelos conselhos de pesquisa governamentais dos países onde estamos conduzindo a pesquisa. Muitas instituições de pesquisa têm seus próprios Comitês de Ética. Dado que os requisitos dos Comitês podem variar, devemos verificar com nossa instituição anfitriã quais procedimentos são necessários antes de iniciar qualquer interação com sujeitos humanos, mesmo antes da fase de pesquisa formativa.

Se estamos estudando o empoderamento de meninas, precisamos incorporar proteções adicionais para trabalhar com crianças, incluindo obter aprovação dos pais ou responsável legal.<sup>19</sup> Os riscos associados à participação em pesquisas podem ser elevados para mulheres e meninas de grupos vulneráveis, requerendo assim extrema cautela ao desenvolver nossas abordagens de pesquisa. Por exemplo, se estivermos perguntando às mulheres sobre suas experiências com violência, devemos ter conhecimento sobre leis de denúncia obrigatória de violência, formular perguntas de forma a minimizar o sofrimento da entrevistada, indicar serviços de cuidado e apoio e considerar formas de proteção à equipe de campo, se necessário.



PAÍS: COLOMBIA. FOTO: PAUL SMITH | J-PAL/IPA

Para uma orientação mais aprofundada sobre mensuração da violência doméstica, veja o Anexo 1 do Estudo Multipaíses da OMS sobre Saúde da Mulher<sup>20</sup> e Violência Doméstica contra a Mulher e o recurso da *Innovations for Poverty Action* (IPA) sobre a condução de pesquisas sobre violência.<sup>21</sup> Para mais informações e recursos sobre ética nas avaliações de impacto em geral, veja a página de ética do J-PAL.<sup>22</sup>

<sup>19</sup> Como um exemplo para garantir proteções adicionais para crianças durante pesquisas, veja: *U.S. Department of Health and Human Services Office for Human Research Protections* (Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos EUA). 2016. "Special Protections for Children as Research Subjects." Orientação. Acessado em 19 de março de 2018. <https://www.hhs.gov/ohrp/regulations-and-policy/guidance/special-protections-for-children/index.html>

<sup>20</sup> García-Moreno, Claudia; Jansen, Henrica A.F.M.; Ellsberg, Mary; Heise, Lori e Watts, Charlotte. 2005. "WHO Multi-country Study on Women's Health and Domestic Violence against Women: Summary Report of Initial Results on Prevalence, Health Outcomes and Women's Responses." Genebra: Organização Mundial da Saúde. 101.

<sup>21</sup> *Innovations for Poverty Action* (IPA). 2018. *The Safe and Ethical Conduct of Violence Research: Guidance for Researchers and Research Staff*. [https://www.poverty-action.org/sites/default/files/publications/IPV\\_Ethical%20Guidance\\_Public.pdf](https://www.poverty-action.org/sites/default/files/publications/IPV_Ethical%20Guidance_Public.pdf)

<sup>22</sup> *Abdul Latif Jameel Poverty Action Lab* (J-PAL). S.d. "Ethics." *Research Resources*. Acessado em 20 de maio de 2020. <https://www.povertyactionlab.org/ethics>.



PAÍS: CUSCO, PERU. FOTO: SERGIO DE MARCO | J-PAL/IPA

## PASSO 1. PESQUISA FORMATIVA

Conduzir pesquisa formativa para compreender gênero e empoderamento em um contexto específico

Realizamos pesquisas formativas antes de iniciar uma avaliação de impacto para entender melhor o contexto local, o problema subjacente que o programa está tentando resolver e a lógica por trás das soluções propostas. Como parte desse processo, devemos trabalhar de perto com nossos parceiros de implementação para projetar e testar cuidadosamente a intervenção, ou para garantir que o programa está sendo implementado como projetado. Isso também nos ajuda a formular melhor nossas perguntas de pesquisa. A pesquisa formativa é uma combinação de pesquisa de campo e documental, tanto qualitativa quanto quantitativa, que nos ajuda a compreender com maior profundidade o empoderamento e os obstáculos para alcançá-lo em um contexto específico.

A boa pesquisa formativa cria oportunidades recorrentes para ouvir as pessoas que vivem nas comunidades em que estamos trabalhando. Alguns exercícios comuns de pesquisa formativa incluem avaliações de necessidades ou análises das partes interessadas e métodos comuns de pesquisa incluem entrevistas semiestruturadas, grupos focais e observação direta.<sup>23</sup>

Quaisquer que sejam os métodos, é fundamental dedicar uma quantidade significativa de tempo para entender melhor as dinâmicas locais de gênero e as barreiras ao empoderamento. Isso deve incluir a análise dos recursos, agência e realizações que as mulheres querem, possuem atualmente, e não possuem. Os resultados de nossa pesquisa formativa moldarão quase todos os aspectos do desenho da avaliação, desde a nossa teoria da mudança até que indicadores selecionamos, que perguntas fazemos e quem entrevistamos. Por ser tão crucial para cada etapa da avaliação de impacto, não é aconselhável simplesmente terceirizar este trabalho a outros. Colaborar com pesquisadoras e pesquisadores especialistas em métodos qualitativos também pode ajudar a melhorar a qualidade e o rigor da nossa pesquisa formativa.

<sup>23</sup> Muitos economistas que trabalham em avaliações de impacto realizam pesquisa formativa, de forma mais ou menos formal, podendo usar nomes diferentes para descrever esta atividade. Além disso, algumas dessas pesquisas contextuais são realizadas antes da concepção da intervenção em si e podem ajudar a moldar tanto o desenho do programa quanto da pesquisa.

## PASSO 1. PESQUISA FORMATIVA

### QUAIS SÃO ALGUMAS DAS ABORDAGENS DE PESQUISA FORMATIVA MAIS COMUNS?

Avaliações de necessidades e análises de partes interessadas são ferramentas formais que podemos utilizar para sistematicamente coletar e analisar informações sobre dinâmicas de gênero e desafios para o empoderamento em um contexto específico. Não é necessário estruturar o nosso processo de pesquisa formativa desta forma, mas pode ser útil se estivermos trabalhando em um novo contexto e precisarmos obter uma compreensão aprofundada destas questões.<sup>24</sup>

**Uma avaliação das necessidades**<sup>25</sup> documenta a disparidade entre o estado do mundo atual e o desejado para uma determinada questão, coletando informações de diversas partes interessadas através de entrevistas, grupos focais, observação direta e, em alguns casos, de questionários novos ou já existentes. O método nos ajuda a aprimorar nosso conhecimento sobre as principais necessidades ou obstáculos que as pessoas enfrentam para resolver seus problemas e como o programa que temos em mente poderia ser projetado para resolvê-los. A avaliação de necessidades também pode ser particularmente útil para compreender a natureza, as consequências e as causas dos problemas, a fim de conectá-los a potenciais soluções. O livro gratuito do Banco Mundial *A Guide to Assessing Needs (Guia para Avaliar Necessidades)* é um recurso útil para conduzi-las.<sup>26</sup>

**Uma análise das partes interessadas** utiliza dados de entrevistas, grupos focais e observação direta para documentar o poder relativo e o interesse dos vários agentes envolvidos em um determinado assunto. É outra ferramenta que pode nos ajudar a entender e mapear as dinâmicas de gênero relevantes para a nossa avaliação, bem como participantes importantes a serem incluídos.

Por exemplo, uma análise das partes interessadas de um programa que procura aumentar a participação das mulheres na política local pode nos ajudar a identificar a oposição de certos grupos de membros da comunidade que poderiam minar o sucesso do programa. Podemos acrescentar módulos adicionais de questionários que avaliem as reações desses membros da comunidade como resultados do programa. Os trabalhos “Stakeholder Analysis Guidelines”, de Kammi Schmeer, e “Analyzing and Engaging Stakeholders”, de John Bryson e Michael Quinn Patton, são recursos úteis para a realização de uma análise das partes interessadas.<sup>27</sup>

Para uma avaliação de impacto sobre empoderamento, podemos usar essas ferramentas para avaliar que recursos estão disponíveis ou são negados às mulheres ou meninas, onde lhes falta a capacidade de fazer escolhas importantes de vida, que escolhas fariam se pudessem e que mudanças são possíveis. Também é importante avaliar como normas e restrições associadas a gênero possivelmente interagem com o programa que está sendo testado.

### COMO COLETAMOS DADOS EM PESQUISAS FORMATIVAS?

Devemos utilizar uma combinação de pesquisa de campo e documental durante esta fase. Podemos começar lendo a literatura existente sobre gênero para aquele contexto e consultando outros implementadoras, implementadores, pesquisadoras e pesquisadores com experiência no contexto do estudo. Além da leitura de trabalhos de antropologia, história e/ou sociologia, também é oportuno ler estudos quantitativos descritivos ou outras avaliações de impacto realizados no mesmo contexto.

<sup>24</sup> As avaliações das necessidades e análises das partes interessadas são normalmente realizadas para prover insumos ao planejamento de programas ou intervenções. Se estivermos avaliando um programa existente, é possível que obtenhamos essas informações por meio de parceiros locais. Entretanto, se estivermos desenhando novas vertentes de tratamento ou não pudermos acessar essas análises pré-existentes, pode ser útil estruturar a pesquisa formativa de forma mais sistemática.

<sup>25</sup> Também pode ser chamada de análise situacional, análise contextual, ou declaração de necessidade, entre outros termos.

<sup>26</sup> Watkins, Ryan; West Meiers, Maurya; Visser, Yusra Laila. 2012. *A Guide to Assessing Needs: Essential Tools for Collecting Information, Making Decisions, and Achieving Development Results*. Washington, DC: Banco Mundial. <http://hdl.handle.net/10986/2231>.

<sup>27</sup> Bryson, John M. e Patton, Michael Quinn. 2010. "Analyzing and Engaging Stakeholders." *Handbook of Practical Program Evaluation*. Quarta Edição: 36-61. <https://experts.umn.edu/en/publications/analyzing-and-engaging-stakeholders>.

Schmeer, Kammi. 2000. "Stakeholder Analysis Guidelines." *Policy Toolkit for Strengthening Health Sector Reform 2*: 1-43. <https://www.hfgproject.org/stakeholder-analysis-guidelines/>.

## PASSO 1. PESQUISA FORMATIVA

Ouvir as perspectivas das pessoas em comunidades semelhantes àquelas onde faremos a avaliação é o item mais importante. Normalmente utilizamos a observação direta, entrevistas semiestruturadas e/ou grupos focais para coletar este tipo de dados. Alguns pesquisadores e pesquisadores também utilizam exercícios de imersão e/ou métodos de pesquisa participativa. Colaborar com pesquisadoras e pesquisadores qualitativos treinados como co-investigadores pode ser valioso para aplicar o rigor necessário no processo de coleta e análise de dados dessa etapa. No entanto, não devemos terceirizar este trabalho a outros, pois simplesmente não há substituto à experiência do tempo em campo.

Aqui, apresentamos brevemente um resumo dos métodos qualitativos mais comuns, uma vez que já existem muitos recursos desenvolvidos por equipes de pesquisas e profissionais com experiência em métodos qualitativos. Para uma leitura mais aprofundada, recomendamos *Qualitative Research & Evaluation Methods* de Michael Quinn Patton e o guia de campo gratuito do FHI360 sobre métodos qualitativos.<sup>28</sup>

**A observação direta** e crítica nos permite ter uma visão mais profunda de questões e oportunidades relacionadas ao empoderamento de mulheres e meninas em um contexto particular. Por exemplo, se há grupos de mulheres que se reúnem regularmente na comunidade, um representante da equipe de pesquisa pode se interessar em observar várias dessas reuniões a fim de obter informações detalhadas sobre as questões que são importantes para elas.

**Entrevistas semiestruturadas** permitem uma discussão aberta e conseqüentemente o surgimento de novas ideias ou questões em que talvez não tivéssemos pensado anteriormente. São entrevistas individuais que seguem um roteiro geral de perguntas abertas, mas que permitem flexibilidade para que perguntas de acompanhamento improvisadas sejam feitas.

Estrategicamente, devemos buscar entrevistar pessoas de diferentes partes da comunidade para que possamos alcançar as mais diversas perspectivas. Além de ajudar a identificar as dificuldades que mulheres enfrentam, podemos usar entrevistas semiestruturadas para gerar uma lista de qualidades que as pessoas da comunidade percebem como sinais de que a mulher está – ou é – empoderada. As respostas mais frequentes a essas perguntas nos ajudam a embasar a criação ou seleção de indicadores para mensurar recursos, agência e realizações. Não há um “número mágico” para quantas entrevistas conduzir; o objetivo é repeti-las até que elas não forneçam mais informações novas ou significativas. As diretrizes da Oxfam, "Conducting Semi-Structured Interviews," fornecem orientações úteis para a condução de entrevistas semiestruturadas.<sup>29</sup>

**Grupos focais** são entrevistas semiestruturadas com grupos de pessoas facilitadas por moderadores capacitados. Podemos utilizá-los para entender como as comunidades ou sociedades pensam de forma geral sobre uma questão específica, tal como o acesso das mulheres à educação ou aos serviços de saúde, em vez de pedir a opinião de alguém. Devemos ter em mente que pessoas carismáticas ou poderosas podem moldar ou abafar a opinião de outros. Por essa razão, é importante complementar os grupos focais com entrevistas individuais. Podemos discricionariamente decidir quantos grupos focais conduzir para obter a quantidade certa de informação. Durante o processo, podemos descobrir que três são suficientes se começarmos a ouvir as mesmas respostas repetidamente, ou podemos querer conduzir mais grupos se eles ainda estiverem produzindo informações novas e interessantes. Da mesma forma como as entrevistas, os grupos focais devem ser conduzidos com diferentes perfis de pessoas, a fim de obter perspectivas diferentes sobre o mesmo assunto. A Metodologia de Classificação Participativa (PRM) é um tipo de metodologia de grupo focal para apoiar o desenvolvimento de indicadores de empoderamento localmente fundamentados (veja o Box 3 para mais detalhes).

<sup>28</sup> Mack, Natasha; Woodsong, Cynthia; MacQueen, Kathleen M.; Guest, Greg e Namey, Emily. 2005. "Qualitative Research Methods: A Data Collector's Field Guide." *Research Triangle Park: Family Health International*. <https://www.fhi360.org/sites/default/files/media/documents/Qualitative%20Research%20Methods%20-%20A%20Data%20Collector%27s%20Field%20Guide.pdf>.

Patton, Michael Quinn. 2015. *Qualitative Research & Evaluation Methods: Integrating Theory and Practice. Fourth Edition. Thousand Oaks, California: SAGE Publications*.

Hennink, Monique; Hutter, Inge e Bailey, Ajay. 2011. *Qualitative Research Methods. Thousand Oaks, California: SAGE Publications*.

<sup>29</sup> Raworth, Kate; Sweetman, Caroline; Swati, Narayan; Rowlands, Jo e Hopkins, Adrienne. 2012. "Conducting Semi-structured Interviews." Oxfam. <https://policy-practice.oxfam.org.uk/publications/conducting-semi-structured-interviews-252993>.

## PASSO 1. PESQUISA FORMATIVA



PAÍS: COLOMBIA. FOTO: PAUL SMITH | J-PAL/IPA

### BOX 3. METODOLOGIA DE CLASSIFICAÇÃO PARTICIPATIVA (PRM, EM INGLÊS)

A PRM utiliza um processo de classificação que pode ser usado para reunir dados sobre como os membros de uma comunidade entendem um conceito específico e como eles veem a importância relativa das categorias usadas para explicá-lo.<sup>30</sup> Pesquisadoras e pesquisadores formulam uma pergunta-chave, como "como você pode saber se uma menina menor de 18 anos de sua comunidade vai bem?". Um(a) moderador(a) qualificado(a) reúne um grupo focal de sete a 15 participantes e conduz uma discussão sobre a questão até que o grupo concorde em aproximadamente cinco a oito categorias e as classifique em ordem de importância. Os grupos focais são repetidos com diferentes grupos de membros da comunidade. Os pesquisadores e pesquisadores podem então analisar com que regularidade cada categoria foi escolhida entre os grupos e usar as categorias citadas com mais frequência para desenvolver indicadores adaptados ao contexto local.

**Visitas de imersão** As visitas de imersão são uma forma mais aprofundada de observação direta. Em uma visita de imersão, pesquisadoras e pesquisadores e/ou profissionais viajam para morar por um curto espaço de tempo em uma comunidade semelhante ao local onde a avaliação será realizada. Veja o Box 4 para um exemplo de uma visita de imersão de um programa e uma avaliação em Burkina Faso.

Em alguns casos, a própria pesquisa formativa pode mudar a opinião ou o ponto de vista das pessoas. Por exemplo, pedir às pessoas para falar em grupos focais ou entrevistas sobre assuntos que elas normalmente não discutem pode mudar a forma como elas pensam sobre esses temas. Nós conduzimos pesquisas formativas em áreas diferentes das regiões onde a avaliação será realizada, mas que sejam semelhantes a elas, para evitar a introdução de uma intervenção não intencional em nossa amostra de avaliação.

<sup>30</sup> Ager, Alastair; Stark, Lindsay e Potts, Alina. 2010. "Participative Ranking Methodology: A Brief Guide: Version 1.1." New York, NY: Program on Forced Migration & Health, Mailman School of Public Health, Columbia University. <https://doi.org/10.13140/RG.2.2.34356.45448>.

## PASSO 1. PESQUISA FORMATIVA

### BOX 4. ESTUDO DE CASO: UTILIZANDO VISITAS DE IMERSÃO PARA INFORMAR O DESENHO DO QUESTIONÁRIO

Rachel, Joanna Murray e Victor Pouliquen estão trabalhando com a Development Media International (DMI) em uma avaliação aleatorizada para mensurar o impacto de campanhas de comunicação em massa no planejamento familiar e nas normas de gênero em Burkina Faso. A DMI enviou uma equipe (que em sua maioria estavam baseados na capital Ouagadougou) para visitas de imersão de uma semana em diferentes partes rurais do país, com o objetivo de melhor entender como mulheres e homens pensam e falam sobre planejamento familiar. Nessas visitas, a DMI fez descobertas críticas que ajudaram a equipe de pesquisa e a própria DMI a desenvolver campanhas para meios de comunicação, bem como criar indicadores e perguntas adaptados localmente e adequados culturalmente:

*Em um país onde apenas 11% das mulheres das áreas rurais usam contraceptivos modernos, nossa hipótese foi de que a conscientização sobre os métodos contraceptivos seria bastante baixa. Nossa pesquisa mostrou que quase todos [homens e mulheres] sabiam de pelo menos um método moderno – mas havia muitos mitos sobre seus efeitos colaterais. Em vez de apenas encorajar as pessoas a usar métodos contraceptivos e educá-las sobre as diferentes opções disponíveis, precisaremos abordar esses mitos em nossa campanha....*

*Também encontramos algumas grandes diferenças de comportamento e conhecimento entre as nossas áreas de intervenção. Estas diferenças estão parcialmente refletidas nas línguas locais: em três das línguas locais que estudamos, havia palavras diferentes para descrever planejamento familiar, intervalo entre gestações e contracepção. Em contraste, em um dos grupos linguísticos, foi usada a mesma palavra 'Maapedi/ Mapè' para todos esses conceitos.<sup>31</sup>*

O trabalho aprofundado da DMI revelou muitos novos elementos que ajudaram na composição dos questionários de pesquisa para a avaliação. Primeiro, ajudou a identificar as palavras apropriadas para usar em "planejamento familiar" nas diferentes versões da pesquisa em cada idioma local. Segundo, ajudou-nos a perceber que precisávamos coletar durante a avaliação dados sobre a incidência de certos mitos sobre contraceptivos, pois isso poderia estar ocasionando o baixo uso dos mesmos. As visitas de imersão da DMI nos ensinaram quais mitos eram predominantes nessas aldeias. Com base nessa pesquisa formativa, nosso questionário de linha de base incluiu perguntas tais como se as pessoas entrevistadas acreditam que pílulas anticoncepcionais, implantes ou injeções poderiam tornar uma mulher estéril ou causar doenças. Com essas perguntas, procurávamos mensurar se as crenças a respeito dos métodos anticoncepcionais poderiam ter motivado o baixo uso e se essas percepções mudaram ao longo do tempo.

<sup>31</sup> Development Media International. 2016. "Sending Our Writer to Live in a Village for a Week." *DMI News*, 23 de maio de 2016. <http://www.developmentmedia.net/news/sending-our-writers-to-live-in-a-village-for-a-week>.

## PASSO 1. PESQUISA FORMATIVA

### SÍNTESE E ANÁLISE DE DADOS QUALITATIVOS

Uma vez reunidas todas as informações, pesquisadoras, pesquisadores e profissionais podem trabalhar em conjunto para codificar e analisar os dados. Assim, conseguimos obter um diagnóstico do estado atual do empoderamento das mulheres/meninas em um determinado âmbito, das maiores dificuldades que as mesmas enfrentam para se tornarem mais empoderadas e de como o programa que está sendo desenvolvido potencialmente responde a estas dificuldades. Também é importante apresentar os resultados a algumas das pessoas inicialmente entrevistadas para obter seu parecer sobre nossas conclusões e garantir que elas traduzam com exatidão suas opiniões. Devemos ainda documentar e armazenar os dados e análises da nossa pesquisa formativa em um local e formato que sejam de fácil acesso e uso ao longo do processo de avaliação.

### ANÁLISE QUANTITATIVA DE DADOS DE PESQUISAS EXISTENTES OU NOVAS

Além desses exercícios de pesquisa qualitativa, pode ser útil examinar os dados de pesquisas representativas, tais como estatísticas oficiais de um país. Isso pode ajudar a validar nossos resultados qualitativos e avaliar se eles se aplicam a uma população mais ampla. Por exemplo, nas entrevistas qualitativas realizadas por Rachel e coautores na avaliação sobre empoderamento de mulheres jovens em Bangladesh, muitos membros da comunidade e parceiros afirmaram que a menstruação era uma das principais razões pelas quais as meninas faltavam à escola. No entanto, quando conduzimos nossa pesquisa de linha de base em centenas de aldeias, descobrimos que poucas meninas de fato faltavam à escola devido à sua menstruação. Em vez disso, a razão mais comum para faltar à escola era o fato de o professor não estar presente durante o período de aula.

Nem sempre é necessário coletar novos dados para fazer esse tipo de análise. Muitas vezes podemos encontrar as informações que necessitamos, tal como a predominância de questões ou problemas específicos, em bases de dados abertas oriundas de pesquisas oficiais de um país. Estas incluem, por exemplo, pesquisas de institutos governamentais de estatística ou a Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da USAID, assim como módulos que vão desde o status da mulher e o empoderamento ao planejamento familiar e à violência doméstica, entre outros, para muitos países de baixa e média renda.<sup>32</sup>

### PRINCIPAIS CONCLUSÕES SOBRE A PESQUISA FORMATIVA

- Nossa estratégia de mensuração será tão boa quanto nossa compreensão das dinâmicas de gênero e empoderamento no contexto local. Passar uma quantidade de tempo significativa conduzindo pesquisas formativas no campo melhorará nossa teoria da mudança, indicadores de resultados e questionários de pesquisa.
- A pesquisa formativa é uma combinação da pesquisa de campo com a pesquisa documental que utiliza métodos como entrevistas semiestruturadas, grupos focais e observação direta.
- Em uma avaliação sobre empoderamento, nosso objetivo é utilizar essas ferramentas para entender quais recursos estão disponíveis ou são negados às mulheres e meninas, em que âmbitos elas não têm a possibilidade de fazer escolhas importantes de vida, que escolhas fariam se pudessem e que mudanças são possíveis.
- A coleta de informações qualitativas de muitas fontes diferentes, incluindo mulheres e meninas, homens e meninos, ONGs e outras partes interessadas da comunidade, e a comparação de nossas descobertas qualitativas com estatísticas nacionais pode nos ajudar a validar nossas descobertas.
- A pesquisa formativa também pode nos ajudar a ponderar como incorporar pessoas e organizações influentes à nossa estratégia de coleta de dados.

<sup>32</sup> *Demographic and Health Surveys Program*. N.d. *The DHS Program*. Acessado em 19 de março de 2018. <https://www.dhsprogram.com>.

Para aprofundar a compreensão das complexidades associadas ao status das mulheres em diferentes sociedades utilizando os recursos da Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da USAID, você pode acessar a página principal e seguir o caminho Methodology/Survey Characteristics Search/Women's status.

*Demographic and Health Surveys Program*. N.d. "Family Planning." *The DHS Program*. Acessado em 19 de março de 2018. <https://dhsprogram.com/Topics/Family-Planning.cfm>.

*Demographic and Health Surveys Program*. N.d. "The Gender Corner." *The DHS Program*. Acessado em 19 de março de 2018. <https://dhsprogram.com/topics/gender-Corner/index.cfm>.



PAÍS: LIMA, PERU. FOTO: JUAN ARREDONDO/GETTY IMAGES/IMAGES OF EMPOWERMENT

## PASSO 2. TEORIA DA MUDANÇA, RESULTADOS E INDICADORES

Mapear uma teoria da mudança e selecionar indicadores e variáveis de resultado adequados

### MAPEANDO UMA TEORIA DA MUDANÇA

O próximo passo é utilizar os resultados de nossa pesquisa formativa para refinar a teoria da mudança do programa sendo testado. Para identificar bons resultados (a mudança ou impacto que esperamos ver) e indicadores (sinais perceptíveis utilizados para mensurar essa mudança), precisamos entender profundamente os caminhos pelos quais o programa pode afetar as vidas das pessoas. A estrutura da teoria da mudança fornece uma abordagem ordenada para mapear esses potenciais caminhos usando os resultados de nossa pesquisa formativa, juntamente com a teoria relevante ou os resultados de avaliações de impacto já concluídas. Ela documenta a cadeia lógica de resultados de um programa – dos insumos aos resultados diretos, intermediários e finais – junto a indicadores para acompanhar cada grande passo ao longo da cadeia. Também podemos utilizá-la para especificar as premissas necessárias para passar de uma etapa a outra e os possíveis riscos que poderiam romper a cadeia causal. É benéfico para pesquisadoras, pesquisadores, implementadoras e implementadores desenvolver e refinar em conjunto a teoria da mudança para um programa, mesmo quando estes atores fazem parte de uma mesma organização.

Em uma análise sobre empoderamento, podemos utilizar a teoria da mudança para mapear as mudanças nos recursos, agência e realizações femininas, câmbios que muitas vezes correspondem a resultados de curto, médio e longo prazos. O Box 5 compartilha um exemplo de teoria da mudança para uma avaliação contínua de um programa governamental no Peru, que visa reduzir a violência contra mulheres e melhorar a agência feminina. Para um guia mais detalhado sobre a construção de uma teoria da mudança, veja o Capítulo 5.1 de *Running Randomized Evaluations: A Practical Guide*<sup>33</sup> ou os recursos de pesquisa do J-PAL em Measurement and Data Collection.<sup>34</sup>

<sup>33</sup> Glennerster, Rachel e Takavarasha, Kudzai. 2013. *Running Randomized Evaluations: A Practical Guide*. Princeton: Princeton University Press. 180-190.

<sup>34</sup> Abdul Latif Jameel Poverty Action Lab (J-PAL). N.d. "Measurement & Data Collection." *Research Resources*. Acessado em 19 de março de 2018. <https://www.povertyactionlab.org/page/measurement-data-collection>.



## PASSO 2. TEORIA DA MUDANÇA, RESULTADOS E INDICADORES

### BOX 5: CONSTRUINDO UMA TEORIA DA MUDANÇA PARA MENSURAR O IMPACTO DE UM PROGRAMA DE PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO PERU

A violência baseada em gênero (VBG) e a violência doméstica (VD) são problemas globais com efeitos negativos sobre a agência da mulher, sua saúde física e mental e sua atividade econômica. No Peru, uma pesquisa nacional de 2015 estimou que quase 40% das mulheres peruanas haviam vivenciado violência de gênero naquele ano. Dessa forma, a VBG é um grave entrave ao empoderamento das mulheres no Peru. Para reduzir a violência e promover o empoderamento das mulheres, o Ministério da Mulher e Populações Vulneráveis (MIMP) está expandindo um programa que visa reduzir a aceitação da VBG e prevenir sua incidência nas comunidades peruanas. O programa, chamado Líderes em Ação (LIA), tem como alvo as normas e atitudes sociais em torno da VBG e engaja a comunidade na prevenção à violência.

O programa foca nos líderes locais que já estão engajados em organizações da sociedade civil e os capacita para se tornarem voluntários comunitários de saúde junto aos Centros de Emergência para Mulheres (CEM) existentes, que prestam serviços profissionais para as mulheres vítimas de violência de gênero. Os voluntários recebem um treinamento de dez semanas sobre como as normas sociais e as dinâmicas de poder têm relação com a violência de gênero e como afetam prejudicialmente as mulheres. O treinamento tem por objetivo mudar as ideias dos próprios líderes em relação a temas como masculinidade, estereótipos, papéis de gênero e outros fatores associados à violência. As lideranças também recebem treinamento em habilidades interpessoais com foco em liderança, tomada de decisão e empoderamento, bem como informações sobre os direitos das vítimas e serviços existentes nos CEMs. Os líderes treinam membros adicionais de suas comunidades e formam uma rede de voluntários.

Os participantes da rede conduzirão uma campanha de um ano de mobilização em escolas e farão visitas domiciliares para falar sobre violência de gênero e promover a adesão aos serviços de apoio existentes nos CEMs.

A pesquisadora Ursula Aldana (Instituto de Estudios Peruanos), a afiliada ao J-PAL Erica Field (Duke University) e o pesquisador Javier Romero (Duke University) estão trabalhando ao lado do MIMP para avaliar o impacto do LIA na incidência de violência, nas atitudes e crenças e na saúde da mulher. Ao desenvolver o projeto de avaliação, a equipe primeiramente destrinchou a teoria de mudança do programa para descobrir como o envolvimento comunitário e a mudança de normas podem afetar a violência baseada em gênero.

A teoria é que as normas sociais vigentes (valores, crenças, atitudes e comportamentos) dão embasamento à dominação masculina e toleram a VBG. Além disso, a teoria é de que os líderes locais estão em melhor posição para influenciar suas próprias comunidades a mudar essas normas do que os agentes de saúde do governo ou outros atores externos. Nessa linha de raciocínio, acredita-se, portanto, que o engajamento das comunidades no desmonte de normas e atitudes nocivas sobre gênero que toleram a violência contra as mulheres, e a ampliação da divulgação de informações sobre os serviços governamentais para as vítimas de violência de gênero deveriam melhorar a agência das mulheres e, em última instância, reduzir a incidência da violência contra as mesmas. A redução da violência de gênero, mais especificamente contra a mulher, deve, por sua vez, melhorar a agência das mesmas e reduzir um grande obstáculo ao empoderamento. Neste sentido, melhorar a agência feminina é tanto um meio para atingir um fim, já que o aumento da agência deve levar à redução da incidência de violência, como um fim do programa em si. Veja a Tabela 2 para um resumo da teoria da mudança.

## PASSO 2. TEORIA DA MUDANÇA, RESULTADOS E INDICADORES

TABELA 2. RESUMO DA TEORIA DA MUDANÇA

	DESCRIÇÃO	INDICADOR	HIPÓTESES E RISCOS
RECURSOS	<p>INSUMOS/ ATIVIDADES</p> <p>Líderes locais recebem treinamento sobre normas, crenças e atitudes de gênero e como elas afetam a VBG.</p> <p>Líderes locais recebem treinamento em habilidades interpessoais, comunicação e mobilização comunitária.</p> <p>Líderes locais recebem treinamento sobre os direitos de vítimas de violência de gênero e sobre serviços governamentais existentes para essas vítimas.</p>	<p>Número de treinamentos realizados</p> <p>Número de líderes em formação</p>	<p>O treinamento é bem adaptado às normas locais de gênero e a intensidade da capacitação é adequada.</p>
	<p>RESULTADOS</p> <p>As lideranças treinam outros membros da comunidade sobre normas e estereótipos de gênero, atitudes e crenças nocivas e temas relacionados à VBG. Estas pessoas formam uma rede comunitária de voluntários de saúde.</p> <p>As redes de voluntários realizam campanhas de conscientização com visitas domiciliares e escolares e organizam fóruns de discussão em suas comunidades.</p> <p>As famílias das comunidades se sensibilizam com as normas, atitudes e crenças de gênero que condenam a violência de gênero e que promovem o empoderamento das mulheres.</p> <p>Os domicílios recebem informações sobre os serviços existentes nos Centros de Emergência para Mulheres (CEM).</p>	<p>Número de participantes da comunidade capacitados por líderes locais</p> <p>Número de lares visitados</p> <p>Número de grupos de discussão, visitas escolares e outros eventos</p>	<p>Os líderes comunitários tem influência suficiente em suas comunidades para mobilizar seus membros.</p>

## PASSO 2. TEORIA DA MUDANÇA, RESULTADOS E INDICADORES

TABELA 2. RESUMO DA TEORIA DA MUDANÇA.

	DESCRIÇÃO	INDICADOR	HIPÓTESES E RISCOS
AGÊNCIA	<p>Comunidades formam normas sociais que condenam a VBG e promovem a agência feminina</p> <p>A agência da mulher aumenta (mudam-se as dinâmicas de poder nos domicílios)</p>	<p>Atitudes em relação aos papéis de gênero</p> <p>Tolerância à violência contra as mulheres</p> <p>Percepções sobre as atitudes de outros membros da comunidade em relação às normas de gênero na comunidade</p> <p>Tempo gasto em tarefas domésticas</p> <p>Autoconfiança feminina</p> <p>Mobilidade feminina</p>	<p>Comunidades resistem a novas normas sociais e a VBG é reforçada como reação às intenções de mudar as dinâmicas de poder entre gêneros na comunidade.</p>
REALIZAÇÕES	<p>A violência de gênero é reduzida</p> <p>Cresce a adesão aos serviços do Centro de Emergência para Mulheres</p> <p>A agência feminina aumenta (a vida das mulheres torna-se livre da violência)</p>	<p>Incidência do comportamento controlador nas relações entre homens e mulheres</p> <p>Incidência de violência psicológica e emocional</p> <p>Incidência de violência física e sexual</p>	<p>Mudanças de atitude se traduzem em mudanças de comportamento.</p> <p>Condições externas, como incerteza econômica e estresse, não agravam a violência.</p>

## PASSO 2. TEORIA DA MUDANÇA, RESULTADOS E INDICADORES

A mensuração da incidência da VBG é inerentemente difícil devido às mesmas normas e atitudes mencionadas acima. Geralmente, as vítimas temem a estigmatização ou retaliação e, portanto, optam por não denunciar. Ao mesmo tempo, a identificação de normas, crenças e atitudes em relação à VBG em qualquer estudo é difícil devido ao viés de desejabilidade social – as pessoas entrevistadas frequentemente respondem a perguntas de acordo com o que imaginam causar uma impressão positiva para a pessoa que entrevista.

O estudo Líderes em Ação está em andamento e, para os pesquisadores Ursula Aldana, Erica Field – afiliada ao J-PAL – e Javier Romero, o desenvolvimento de uma estratégia de mensuração efetiva tem sido fundamental para a avaliação de impacto do programa. Antes de iniciar a avaliação, eles realizaram um censo no qual testaram três ferramentas diferentes para mensurar a incidência da violência de gênero e as normas e atitudes sociais relacionadas ao problema: uma pesquisa domiciliar tradicional, uma urna de voto e uma lista de aleatorização .

Ao usar a lista de aleatorização , os participantes foram selecionados aleatoriamente em dois grupos. Um grupo recebeu uma lista de declarações inócuas e foi solicitado a informar o número de afirmações da lista que julgava corretas. O outro grupo recebeu a mesma lista de declarações, mas com uma afirmação adicional relacionada ao tópico que estava sendo pesquisado (aceitação da violência contra as mulheres). A diferença entre o número de afirmações avaliadas como verdadeiras no primeiro e segundo grupos permite às pesquisadoras e aos pesquisadores estimar a ocorrência do tema em questão (aceitação da violência contra a mulher). Ver Box 11 para mais detalhes e outro exemplo de lista de aleatorização.

A urna de voto imita um processo de votação. Os respondentes recebem uma série de perguntas e marcam sua resposta em um papel que depositam em uma urna. Consulte o Box 9 para conhecer mais detalhes sobre a modalidade. Tanto a urna de voto quanto a lista de aleatorização permitem responder perguntas sensíveis sobre suas atitudes em relação à violência contra as mulheres sem ter que revelar sua resposta para a pessoa que conduz a entrevista.



PAÍS: LIMA, PERU. FOTO: JUAN ARREDONDO/GETTY IMAGES/IMAGES OF EMPOWERMENT

## PASSO 2. TEORIA DA MUDANÇA, RESULTADOS E INDICADORES: DESAFIOS E DICAS

Há muitos desafios na mensuração de empoderamento. A seção a seguir apresenta algumas dicas para abordar os desafios relacionados à seleção de resultados e indicadores.

### DESAFIO 1: MENSURAR A CAPACIDADE DAS PESSOAS DE FAZER ESCOLHAS IMPORTANTES NA VIDA É DESAFIADOR PORQUE RARAMENTE OBSERVAMOS O PROCESSO DE TOMADA DE DECISÃO



#### Cinco abordagens para identificar resultados e indicadores que capturam a agência e a tomada de decisões

Quando se trata de mensurar empoderamento, os resultados relacionados à agência e à tomada de decisão são muitas vezes os mais difíceis de escolher. Como é que podemos mensurar a capacidade das pessoas de fazer escolhas quando observamos apenas os resultados das decisões e não o processo em si? As equipes de pesquisas lidam com este desafio de diversas formas: medindo resultados fundamentais e acompanhando as mudanças ao longo do tempo; perguntando às pessoas sobre processos de tomada de decisão específicos; medindo as preferências das mulheres e dos homens para verificar se os resultados se movem na direção das preferências das mulheres; medindo os aspectos psicológicos da capacidade das mulheres de estabelecer objetivos alinhados aos seus valores e agir de acordo com eles; e observando escolhas diretamente. Cada opção tem seus pontos fortes e fracos e, portanto, combinar duas ou mais pode ajudar a superar as limitações específicas de cada uma. Em um cenário ideal, poderíamos mensurar todo o processo de empoderamento e acompanhar se um programa muda os recursos disponíveis para as mulheres, se isto leva à mudanças na agência feminina e, por fim, se também gera mudanças em seu bem estar.

**1. Mensurando resultados fundamentais:** Alguns resultados são tão fundamentais para o bem-estar que com frequência assumimos que refletem a condição ou a capacidade das pessoas em tomar decisões. Por exemplo, se as mulheres são mais malnutridas do que os homens, isso provavelmente reflete a falta de escolha e agência das mesmas. Mensurar resultados objetivos como este e acompanhar as mudanças ao longo do tempo pode ajudar a evitar o viés de análise oriundo de relatos das pessoas entrevistadas; no entanto, esta abordagem é relevante somente em ambientes com poucos recursos ou em situações

de extrema pobreza. Por exemplo, em contextos onde a desnutrição não é predominante, este provavelmente não seria um bom indicador da capacidade de escolha das mulheres.

**2. Perguntando às pessoas sobre processos de tomada de decisão:** Uma forma mais direta de mensurar a escolhas das pessoas é perguntá-las sobre o processo de tomada de decisão em si. Os modelos de questionários mais utilizados, muitas vezes adaptados da Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde (DHS) da USAID, fazem perguntas genéricas às mulheres e aos homens sobre quem toma decisões em sua família. Por exemplo: "Quem geralmente toma decisões sobre [assistência médica para si]/ [compras importantes para a casa]/ [visitas à sua família ou parentes]: você, o seu marido/parceiro, você e o seu marido em conjunto, ou outra pessoa?"<sup>35</sup>

Fazer este tipo de pergunta genérica é útil para comparar a participação de atores na tomada de decisões doméstica em diferentes contextos. Embora as métricas padronizadas internacionalmente sejam valiosas, devemos considerar quais tipos de indicadores irão, realisticamente, captar as nuances de nosso local de estudo. Fazer perguntas mais específicas, adaptadas às escolhas com as quais as mulheres mais se importam dentro de seu próprio contexto pode levar a respostas mais precisas e nos dizer mais sobre se podem tomar decisões que importem para elas. Por exemplo, poderíamos perguntar: "se o seu filho estivesse doente e precisando de assistência médica, mas seu marido não estivesse em casa, o que você faria?" Ou, "se você estivesse precisando de medicamentos para uso pessoal (para dor de cabeça, por exemplo), você mesma poderia ir comprá-los?". Na avaliação realizada por Rachel e coautoras em Bangladesh, nossa equipe obteve respostas diferentes quando fizemos perguntas específicas ou genéricas sobre decisões relacionadas a assistência médica: nosso teste indicou que as versões genéricas, das perguntas sobre decisões não estavam captando as características que esperávamos.<sup>36</sup>

<sup>35</sup> Demographic and Health Surveys Program. 2017. "DHS Model Questionnaire – Phase 7." *The DHS Program*. w-64 row 922. Acessado em 19 de março de 2018. <https://dhsprogram.com/pubs/pdf/DHSQ7/DHS7-Womans-QRE-EN-07Jun2017-DHSQ7.pdf>.

## PASSO 2. TEORIA DA MUDANÇA, RESULTADOS E INDICADORES: DESAFIOS E DICAS

É importante também ter em mente que nem todas as decisões são necessariamente empoderadoras: ser a única responsável por todas as decisões domésticas sem qualquer apoio pode aumentar a carga de trabalho não remunerado das mulheres. Uma pesquisa da economista Nancy Folbre (1994) mostra que isso pode ser particularmente relevante na América Latina e no Caribe, onde o papel tradicionalmente atribuído às mulheres as deixa responsáveis por decidir sobre assuntos que vão desde a educação dos filhos até a compra de alimentos e outras tarefas domésticas, ao mesmo tempo em que se dedicam também ao trabalho remunerado, sobrando assim pouco tempo para qualquer outra coisa. A diferenciação entre decisões estratégicas e não-estratégicas pode ser fundamental na tentativa de avaliar o empoderamento feminino na América Latina (Martínez-Restrepo e Ramos-Jaimes, 2017). No sistema de Kabeer, o empoderamento feminino ocorre quando as mulheres são capazes de fazer escolhas e tomar decisões sobre assuntos em que anteriormente lhes era negada a palavra. No contexto latino-americano, uma decisão estratégica pode ser a de exercer a escolha sobre, por exemplo, os investimentos nos negócios familiares, enquanto que uma decisão não-estratégica pode ser sobre o que comprar no mercado para o lar. O Box 6 traz um exemplo sobre a tomada de decisões entre parceiros no Peru.

### BOX 6. MENSURAR O EMPODERAMENTO NO PERU PERGUNTANDO A PARCEIROS SOBRE A TOMADA DE DECISÕES

Um experimento conduzido pelo pesquisador convidado do J-PAL Martín Valdivia (Group for the Analysis of Development - GRADE) avaliou o impacto de um programa de capacitação em gestão de negócios para mulheres empreendedoras sobre o empoderamento feminino no Peru.<sup>37</sup> Para identificar tomadas de decisão que sejam empoderadoras para as mulheres, o estudo perguntou às mulheres quem, no âmbito familiar, está no comando de diferentes tipos de decisões e tarefas. Essas decisões são então caracterizadas como “estratégicas” (por exemplo, decisões sobre o negócio) ou de segunda ordem (encarregado(a) das tarefas domésticas).

Um problema que pode ser encontrado nos questionários tradicionais sobre tomada de decisão consiste na confusão entre “expressar uma opinião” e “tomar uma decisão” (Valdivia em Martínez-Restrepo & Ramos-Jaimes, 2017). Para lidar com este desafio, o pesquisador adicionou uma nuance às opções de resposta. Ele pediu que as mulheres entrevistadas apontassem as diferenças entre tomar uma decisão e agir em função dela, assim como entre expressar uma opinião sobre uma escolha e não fazer uma escolha.

<sup>36</sup> Em resposta à pergunta padrão sobre a tomada de decisões, 16% das mulheres disseram que normalmente tomam decisões sobre assistência médica sozinhas ou junto a seus maridos. Dada essa resposta, chamaríamos este grupo de mais empoderado – ainda assim, quase um quarto desse grupo também disse que não poderia levar uma criança doente ao médico até que seu marido voltasse para casa. Também encontramos discrepâncias na outra ponta: mais da metade das mulheres que pareciam “desempoderadas” de acordo com a pergunta padrão disseram que podiam levar uma criança doente ao médico por conta própria e, o que é ainda mais revelador, podiam comprar medicamentos para si mesmas. Para mais informações, ver Glennerster, Rachel e Walsh, Claire. 2017. “*Is It Time to Re-think How We Measure Women’s Household Decision-making Power?*”. Abdul Latif Jameel Poverty Action Lab, 7 de setembro de 2017. <https://www.povertyactionlab.org/blog/9-6-17/it-time-rethink-how-we-measure-women’s-household-decision-making-power-impact>.) O livro de 2017 *Measuring Women’s Economic Empowerment: Critical Lessons from South America* descreve também cenários em que os indicadores padronizados não refletem as restrições da tomada de decisão das mulheres (Martínez-Restrepo, Susana e Ramos-Jaimes, Laura (eds.). 2017. *Measuring Women’s Economic Empowerment: Critical Lessons from South America*. Springfield, VA: IDRC, Fedesarrollo. <http://hdl.handle.net/11445/3482>).

<sup>37</sup> Valdivia, Martín, “*Understanding the Role of the Couple in Key Decisions and Actions of the Female Entrepreneur in Peru*”, no livro *Measuring Women’s Economic Empowerment: Critical Lessons from South America*, edited by Martínez-Restrepo, Susana and Ramos Jaimes, Laura (pp. 63-80). Springfield, VA: IDRC Fedesarrollo.

## PASSO 2. TEORIA DA MUDANÇA, RESULTADOS E INDICADORES: DESAFIOS E DICAS

Uma área fértil para futuras pesquisas sobre mensuração é conduzir mais exercícios de validação comparando diferentes métodos para perguntar sobre conceitos complexos como a tomada de decisões. Investigações mais sistemáticas poderiam nos ajudar a determinar se vale a pena fazer melhorias ou acréscimos às perguntas que atualmente são amplamente utilizadas. Um exemplo recente é uma análise de dados do DHS (USAID) de 20 países feita por equipes do Banco Mundial, que mostrou que as respostas das mulheres às questões gerais do DHS sobre tomada de decisão estão correlacionadas com vários outros indicadores de empoderamento.<sup>38</sup> Outro exemplo útil do International Food Policy Research Institute (IFPRI) compara as respostas às perguntas sobre tomada de decisão com as perguntas sobre autonomia e defende a calibração das questões para contextos específicos.<sup>39</sup>

Até que haja mais dados sobre formas concretas de melhorar as perguntas sobre tomada de decisões, combinar esse tipo de perguntas com indicadores de resultados mais objetivos (como educação, saúde, renda etc.) ou fazer perguntas sobre o mesmo conceito de duas maneiras distintas (por exemplo, perguntando tanto sobre um caso concreto quanto sobre a tomada de decisões de modo geral) pode nos ajudar a determinar se as mudanças nos índices gerais de tomada de decisão são substanciais.

Muitas pesquisadoras, pesquisadores e profissionais também criaram módulos de questionários para mensurar o poder de tomada de decisões em setores específicos, como o modelo do *International Center for Research on Women* (ICRW) para mensurar o empoderamento econômico, e o índice desenvolvido pelo IFPRI, pela USAID e pela *Oxford Poverty & Human Development Initiative* para avaliar o empoderamento feminino na agricultura.<sup>40</sup>

O livro da Oxfam “*A ‘How To’ Guide to Measuring Women’s Empowerment*” fornece orientações sobre a elaboração de um índice de empoderamento das mulheres que inclui o processo de tomada de decisão e que pode ser aplicado em diferentes áreas.<sup>41</sup>

**3. Comparando as preferências de gênero com as mudanças nos resultados:** Podemos perguntar a mulheres e homens sobre suas preferências antes de uma intervenção e monitorar se os resultados que observamos depois se movem na direção das preferências das mulheres. Esta abordagem é útil porque mede explicitamente o que as mulheres querem, aspecto fundamental da definição de empoderamento, bem como a forma com que suas preferências se relacionam com as mudanças nos resultados. Contudo, essa estratégia só se aplica a contextos onde homens e mulheres têm preferências distintas. Em uma avaliação em Serra Leoa, por exemplo, Rachel e coautores não encontraram diferenças sistemáticas nas preferências de gênero para o uso dos subsídios voltadas para a comunidade; portanto, esta abordagem não foi uma opção neste contexto.<sup>42</sup> Além disso, avaliar as preferências pode ser difícil se as preferências das mulheres mudarem com o tempo ou se as preferências declaradas pelas pessoas entrevistadas refletirem mais as normas sociais atuais do que as suas verdadeiras preferências (ver Box 7). É conveniente associar esta abordagem aos resultados intermediários que medem a participação das mulheres nas decisões, a fim de estabelecer um elo causal entre a participação em decisões e as mudanças nos resultados.

<sup>38</sup> Donald et al. constatam que as mulheres que relatam ter maior poder de decisão individual ou conjunta também têm maior probabilidade de possuir propriedades, trabalhar fora de casa, ganhar mais do que seus maridos e não tolerar a violência doméstica – resultados que tipicamente consideramos como sinais de empoderamento. Donald et al. 2017, 34-35.

<sup>39</sup> Seymour, Greg e Peterman, Amber. 2017. “*Understanding the Measurement of Women’s Autonomy: Illustrations from Bangladesh and Ghana.*” IFPRI Documento para Discussão No. 1656. [https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=3029474](https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=3029474).

<sup>40</sup> Golla et al. 2011; Alkire et al. 2013.

<sup>41</sup> Lombardini et al. 2017.

<sup>42</sup> Casey, Katherine; Glennerster, Rachel e Miguel, Edward. 2012. “*Reshaping Institutions: Evidence on Aid Impacts Using a Preanalysis Plan.*” *The Quarterly Journal of Economics* 127( 4): 1755-1812. <https://doi.org/10.1093/qje/qje027>.

## PASSO 2. TEORIA DA MUDANÇA, RESULTADOS E INDICADORES: DESAFIOS E DICAS

### 4. Mensurando os aspectos psicológicos da agência:

Também podemos utilizar ferramentas da psicologia para mensurar os componentes psicológicos da agência. Por exemplo, no México, Manuela Angelucci (*The University of Texas at Austin*) e os pesquisadores afiliados ao J-PAL Dean Karlan (*Northwestern University*) e Jonathan Zinman (*Dartmouth College*) descobriram, por meio da mensuração de um índice específico, que o acesso ao microcrédito reduziu a depressão entre as potenciais tomadoras de crédito.<sup>43</sup> É importante avaliar a forma como tais índices se relacionam com o contexto local. O pesquisador afiliado ao J-PAL Francisco Gallego, junto aos pesquisadores Cristian Larroulet e Andrea Repetto, utilizaram uma versão adaptada da Escala de Autoestima de Rosenberg, validada para o contexto do Chile por Rojas Barahona et al (2009), ao avaliar o impacto de um programa de saúde bucal sobre a autoestima.<sup>44</sup>

Também podemos mensurar a capacidade de uma mulher de:

- 1) estabelecer metas para alcançar aquilo que valoriza;
- 2) perceber que ela pode alcançar essas metas; e
- 3) agir sobre tais metas.

Uma ferramenta para mensurar a capacidade de estabelecer metas que esteja em sintonia com as suas próprias preferências e valores é o Índice de Autonomia Relativa (RAI, em inglês). Ele mede se uma pessoa acredita que suas ações são impulsionadas por seus próprios objetivos ou por fatores externos como normas sociais ou coerção.<sup>45</sup> As escalas de Locus de Controle quantificam o grau com que uma pessoa pensa em eventos em suas vidas que são causados por seu próprio comportamento ou por fatores externos; essas escalas podem ser úteis para mensurar se as pessoas percebem que têm a capacidade de atingir seus objetivos. As escalas de autoeficácia perguntam às pessoas sobre a sua confiança na própria capacidade de organizar e realizar ações; elas são outra forma popular de mensurar se as pessoas percebem que podem alcançar seus objetivos.<sup>46</sup>

Muitas pesquisas apenas perguntam às pessoas se elas sentem que têm liberdade de escolha.<sup>47</sup> Para mensurar a capacidade de uma pessoa de agir de acordo com seus interesses, podemos usar algumas das outras abordagens que já discutimos, tal como mensurar sua participação na tomada de decisões e seus resultados relacionados ao bem-estar.

É preciso ter cautela com a formulação das perguntas para as pessoas entrevistadas, dado que as perguntas de ferramentas como o RAI ou as escalas de Locus de Controle e de autoeficácia podem não fazer sentido para elas ou ser difíceis de responder. Antes de adicioná-las ao seu questionário, devemos primeiro testá-las extensivamente, validá-las e, se necessário, adaptá-las para garantir que funcionem em um contexto específico. Para uma discussão aprofundada sobre os prós e contras dessas ferramentas, veja o recente estudo do Banco Mundial "*Measuring Women's Agency*."<sup>48</sup>

**5. Observando as escolhas diretamente:** A última abordagem refere-se a observar mulheres e homens fazendo escolhas na prática, seja no mundo real ou através de jogos e atividades comunitárias estruturadas. Esses métodos são úteis porque, ao observar ações diretamente, não temos que confiar somente nos relatos das pessoas sobre sua participação nas decisões. A observação direta pode ocorrer quando a tomada de decisão está ocorrendo em grupos grandes ou pequenos, ou entre indivíduos. Por exemplo, poderíamos contar quantas vezes as mulheres falam em reuniões comunitárias e ver se o número aumenta após a intervenção.

---

<sup>43</sup> Angelucci, Manuela; Karlan, Dean e Zinman, Jonathan. 2015. "Microcredit Impacts: Evidence from a Randomized Microcredit Program Placement Experiment by Compartamos Banco." *American Economic Journal: Applied Economics* 7(1): 151-82, 174. <http://dx.doi.org/10.1257/app.20130537>.

<sup>44</sup> Gallego, Francisco A.; Larroulet, Cristian e Repetto, Andrea. "What's Behind Her Smile? Looks, Self-Esteem, and Labor Market Outcomes." Working Paper de outubro de 2018.

<sup>45</sup> Donald et al. 2017, 7.

<sup>46</sup> Donald et al. 2017, 17.

---

<sup>47</sup> Donald et al. 2017, 20.

<sup>48</sup> Donald et al. 2017.



## PASSO 2. TEORIA DA MUDANÇA, RESULTADOS E INDICADORES: DESAFIOS E DICAS

Poderíamos também simular um cenário no qual as pessoas tivessem que tomar uma decisão durante uma pesquisa e observar o nível de agência que as mulheres exercem a respeito dessa decisão. Por exemplo, após a aplicação de questionários em uma avaliação de um programa de desenvolvimento comunitário em Serra Leoa, Rachel e coautores deram aos membros de cada comunidade a possibilidade de escolher entre dois presentes de agradecimento. Entrevistadores registraram se as mulheres da comunidade participaram dessa decisão, e se elas tiveram impacto sobre a opção escolhida ao final.<sup>49</sup> Poderíamos também criar uma situação semelhante de tomada de decisão a nível doméstico e registrar como as preferências de homens e mulheres são incorporadas à decisão final. Por exemplo, pesquisadoras e pesquisadores criaram uma medida indireta de poder de barganha das mulheres em um casamento, por meio da observação direta de escolhas: ofereceram às mulheres a opção de ou receber uma transferência de renda com valor ligeiramente menor diretamente para ela ou receber uma transferência ligeiramente maior, mas que fosse enviada ao seu marido.<sup>50</sup> Embora essas abordagens evitem o enviesamento dos relatos dados pelas pessoas entrevistadas, elas tendem a custar mais do que a aplicação de questionários e requerem treinamento adicional dos entrevistadores para serem bem-sucedidas. O Apêndice 2 da versão em inglês deste guia contém mais detalhes sobre estas e outras ferramentas quantitativas alternativas a questionários e descreve em que situações elas podem ser apropriadamente utilizadas.

### BOX 7. ALGUNS DESAFIOS NA MENSURAÇÃO DE PREFERÊNCIAS

Em contextos de alta desigualdade entre homens e mulheres, é comum as mulheres internalizarem a visão de que são de status inferior, o que pode se refletir nas preferências que declaram nas pesquisas. Por exemplo, 14% das mulheres afirmaram em uma pesquisa global recente da OIT com a Gallup que não é aceitável que uma mulher em sua família tenha um emprego remunerado fora de casa, caso queira.<sup>51</sup> Assim, é importante mensurar as desigualdades de gênero em relação às necessidades e oportunidades básicas, bem como o grau com que essas desigualdades são aceitas. É preciso ter cuidado para não impor uma visão externa do que as mulheres deveriam querer, mas também é importante prestar atenção à possibilidade de as mulheres estarem reproduzindo a visão que a sociedade tem delas, e não as suas preferências pessoais de fato. Nesses casos, podemos não querer usar a mensuração de preferências como forma de quantificar agência.

Outro desafio em relação à mensuração de preferências para quantificar a agência é que, muitas vezes, os programas de empoderamento tentam mudar as preferências das mulheres. A literatura sobre empoderamento discute a capacidade de “imaginar a possibilidade de ter feito uma escolha diferente” como uma dimensão importante de “decisão significativa” e de empoderamento.<sup>52</sup>

Isso implica reconhecer que há outras formas de as mulheres serem tratadas e que elas podem ser capazes de mudar suas próprias condições. Economistas tendem a refletir sobre isso usando a ideia de mudança de preferências, mas o desafio reside na dificuldade de fazer afirmações claras sobre bem-estar quando as preferências pessoais mudam.<sup>53</sup> Um caminho para lidar com esse desafio é decidir que escolhas significativas são aquelas que podem levar a mudanças em resultados importantes como saúde, educação e renda, como discutido acima. Poderíamos então mensurar tanto as mudanças na capacidade das mulheres de fazerem uma escolha quanto as mudanças em resultados importantes decorrentes dessas escolhas.

<sup>49</sup> Casey Et al. 2012.

<sup>50</sup> Almás, Ingvild; Armand, Alex; Attanasio, Orazio e Carneiro, Pedro. 2015. “Measuring and Changing Control: Women’s Empowerment and Targeted Transfers.” *National Bureau of Economic Research Working Paper No. w21717*. <https://doi.org/10.3386/w21717>.

<sup>51</sup> Kabeer 1999, 441

<sup>52</sup> Gallup, Organização Internacional do Trabalho 2017, 31.

<sup>53</sup> Grüne-Yanoff, Till e Ove Hansson, Sven (eds.) 2009. *Preference Change: Approaches from Philosophy, Economics and Psychology*. Dordrecht: Springer Science & Business Media.

## PASSO 2. TEORIA DA MUDANÇA, RESULTADOS E INDICADORES: DESAFIOS E DICAS



PAÍS: COLOMBIA. FOTO: JUAN ARREDONDO/GETTY IMAGES/IMAGES OF EMPOWERMENT

### DESAFIO 2: O EMPODERAMENTO É UM PROCESSO



#### Dica 1: Acompanhe cada passo importante ao longo da cadeia causal juntamente com as mudanças ao longo do tempo

Mensurar tanto resultados intermediários quanto finais pode nos ajudar a afirmar, com confiança, que as mudanças nos resultados para mulheres são consequência do aumento de sua agência. Também podemos captar evoluções na cadeia causal ao mensurar as mudanças nos recursos, agência e realizações das mulheres (ver Tabela 3). A orientação da Fundação das Nações Unidas sobre empoderamento econômico, denominada *Measuring Women's Economic Empowerment*, por exemplo, identifica resultados diretos, intermediários e finais para priorizar.<sup>54</sup>

Coletar dados em painel que acompanham as mudanças na vida das pessoas ao longo do tempo também pode nos ajudar a mensurar melhor o processo de empoderamento. Podemos também perguntar às mulheres sobre seus objetivos e projetos e mensurar o progresso destes ao longo do tempo. Por exemplo, perguntamos a jovens mulheres em Bangladesh sobre suas metas em educação e geração de renda para o futuro e acompanhamos as mudanças nesses resultados no decorrer do tempo. No entanto, dado que o próprio processo de empoderamento pode levar mulheres a reformular seus planos e visões do futuro, nossas interpretações devem ser flexíveis. Em Bangladesh, por exemplo, conversamos com uma mulher que descreveu como seu emprego na cidade mudou algumas de suas percepções: a vida na sociedade rural lhe pareceu limitante quando ela voltou para casa depois de trabalhar em Dhaka.

<sup>54</sup> Buvinic, Mayra e Furst-Nichols, Rebecca. 2013. "Measuring Women's Economic Empowerment: Companion to A Roadmap for Promoting Women's Economic Empowerment." Fundação das Nações Unidas e Fundação Exxon Mobil. [https://www.fsnnetwork.org/sites/default/files/measuring\\_womens\\_econ\\_emp\\_final\\_06\\_09\\_15.pdf](https://www.fsnnetwork.org/sites/default/files/measuring_womens_econ_emp_final_06_09_15.pdf).

## PASSO 2. TEORIA DA MUDANÇA, RESULTADOS E INDICADORES: DESAFIOS E DICAS

**TABELA 3:** MENSURANDO O PROCESSO DE EMPODERAMENTO ATRAVÉS DA MENSURAÇÃO DE RECURSOS, AGÊNCIA E REALIZAÇÕES

Uma boa maneira de mensurar o processo de empoderamento é pelo acesso das mulheres a recursos para tomar uma decisão, sua agência e participação na própria decisão e os resultados finais dessas escolhas em termos de seu bem-estar. A tabela abaixo resume como buscamos mensurar esse processo de empoderamento das mulheres jovens em relação à saúde reprodutiva em nossa avaliação sobre casamento infantil e empoderamento em Bangladesh.

	CONCEITO	EXEMPLO(S) DE INDICADORE(S)
RECURSOS	Conhecimento	Conhecimento sobre diferentes formas de contracepção; riscos associados ao casamento precoce e da gravidez adolescente; disponibilidade de serviços de saúde
	Preferências	Número preferencial de filhos; intervalo entre gestações
	Acesso a assistência médica	Uso prévio de assistência médica; uso de contracepção
AGÊNCIA	Negociação	Conversas com o cônjuge sobre contracepção
	Tomada de decisão	Tem poder de decisão sobre contracepção (sobre usar e que tipo usar)
REALIZAÇÕES	Casamento infantil	Idade ao casar
	Saúde reprodutiva	Idade no primeiro parto; morbidade materna

## PASSO 2. TEORIA DA MUDANÇA, RESULTADOS E INDICADORES: DESAFIOS E DICAS

### DESAFIO 3: MUITOS ASPECTOS DO EMPODERAMENTO SÃO SUSCETÍVEIS A SEREM RELATADOS DE FORMA ENVIESADA



**Dica 1:** Quando possível, complementar indicadores que estejam sujeitos a vieses de resposta das pessoas entrevistadas com indicadores mais objetivos ou indicadores indiretos

As pessoas podem não se sentir confortáveis em responder de forma honesta a perguntas relacionadas ao empoderamento feminino. Mensurar um indicador objetivo ou indireto sobre comportamento, além de reunir dados autodeclarados, pode nos ajudar a mitigar as consequências desse viés. Suponha que queiramos avaliar o efeito de um programa focado em comportamento sexual, incidência de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) e decisões sobre gravidez. Os testes para DSTs são muito mais confiáveis do que os dados autodeclarados, mas também são mais caros. A incidência de gravidez entre mulheres jovens pode ser usada como um indicador indireto para a incidência de sexo sem proteção, uma vez que a gravidez é muito mais fácil de se observar objetivamente do que o comportamento sexual. Na Colômbia, os pesquisadores Alberto Chong (Georgia State University) e Martín Valdivia (GRADE), junto aos afiliados ao J-PAL Marco Gonzalez-Navarro (University of California, Berkeley) e Dean Karlan (Northwestern University), avaliaram o impacto de um programa de educação sexual online sobre conhecimento, atitudes e comportamento sexuais. Para contornar a possibilidade de haver viés nos relatos das pessoas entrevistadas, os pesquisadores utilizaram uma nova abordagem de mensuração que combinou informações autodeclaradas com indicadores objetivos. Além de responder a um questionário, os grupos de intervenção e comparação receberam vale-preservativos e os pesquisadores posteriormente estudaram os dados administrativos sobre o resgate destes preservativos.<sup>55</sup>



**Dica 2:** A triangulação pode ajudar a detectar resultados difíceis de mensurar ou suscetíveis a serem relatados de forma enviesada

Quando não temos um indicador ideal, é útil adotar mais de uma medida. Uma única pergunta em um questionário pode não oferecer uma compreensão detalhada da influência das mulheres nas decisões sobre gastos domésticos, por exemplo. A combinação de respostas de perguntas variadas do questionário e a conversão dessa combinação em índices ou grupos de indicadores pode ajudar a mensurar resultados quando estamos tentando capturar diferentes aspectos de um conceito geral ou validar respostas autodeclaradas. Essa alternativa também pode ajudar quando um indicador objetivo ou indireto não está disponível. Por exemplo, em uma avaliação aleatorizada de uma modalidade de serviço de caderneta de poupança nas Filipinas, cujo resgate era limitado e controlado, os pesquisadores afiliados ao J-PAL Nava Ashraf (London School of Economics), Dean Karlan (Northwestern University) e Wes Yin (University of California, Los Angeles) definiram a influência das mulheres nas decisões domésticas como seu principal resultado de interesse. Eles coletaram dados sobre dois indicadores: 1) um índice produzido a partir de respostas de mulheres e homens sobre quem toma decisões a respeito dos nove tipos comuns de gastos domésticos e 2) gastos domésticos com o que as pessoas entrevistadas identificaram como bens tipicamente “masculinos” ou “femininos”.<sup>56</sup>

<sup>55</sup> Chong, Alberto; Gonzalez-Navarro, Marco; Karlan, Dean e Valdivia, Martín. “Effectiveness and Spillovers of Online Sex Education: Evidence from a Randomized Evaluation in Colombian Public Schools.” Working paper de outubro de 2013.

<sup>56</sup> Ashraf, Nava; Karlan, Dean e Yin, Wesley. 2010. “Female Empowerment: Impact of a Commitment Savings Product in the Philippines.” *World Development* 38(3): 333-344. 336. <https://doi.org/10.1016/j.worlddev.2009.05.010>.

## PASSO 2. TEORIA DA MUDANÇA, RESULTADOS E INDICADORES: DESAFIOS E DICAS

O uso de índices ou grupos de indicadores de resultado também podem nos ajudar a evitar que escolhamos um único indicador que mostre aleatoriamente um impacto significativo durante a análise. A pesquisadora Manuela Angelucci (The University of Texas at Austin) e os afiliados ao J-PAL Dean Karlan (Northwestern University) e Jonathan Zinman (Dartmouth College) avaliaram o impacto de um programa de microcrédito especificamente dirigido às mulheres no México.<sup>57</sup> Além de avaliar o acesso a recursos financeiros, grau de atividade dos negócios e renda, os pesquisadores também se interessaram pelo efeito do programa no empoderamento e bem-estar subjetivo. Para captar a complexidade desses conceitos, foi aplicada uma pesquisa socioeconômica dois anos após a implementação do programa e foram feitas diversas perguntas as pessoas entrevistadas sobre satisfação de vida, depressão, estresse, confiança, tomada de decisão e conflitos intrafamiliares. Ao combinar várias perguntas sobre o mesmo tema e criar índices de satisfação de vida, estresse no trabalho, confiança nas instituições etc., os pesquisadores evitaram escolher um único indicador e foram capazes de fazer uma análise detalhada sobre os efeitos do programa.

No entanto, o uso de índices também tem seu aspecto oneroso, pois nos obriga a dar pesos relativos aos vários indicadores. No estudo de Ashraf, Karlan e Yin mencionado acima, o uso de um índice exigiu que os pesquisadores colocassem um peso implícito na influência das mulheres sobre decisões de gastos no mercado e gastos com a educação das crianças. Outra ótima maneira de triangular é fazer a mesma pergunta a diferentes pessoas e comparar suas respostas.<sup>58</sup>



PAÍS: COLOMBIA. FOTO: JUAN ARREDONDO/GETTY IMAGES/IMAGES OF EMPOWERMENT



### Dica 3. Elabore a questão indiretamente perguntando sobre uma situação hipotética

Se esperamos que as pessoas entrevistadas durante a pesquisa tenham dificuldade em responder certas perguntas sobre suas vidas e famílias, podemos tentar reformular as perguntas. Uma opção seria formular a pergunta da seguinte forma: “para alguém semelhante a você em sua comunidade...”. Outra opção seria usar uma vinheta para descrever uma decisão hipotética ou situação que uma pessoa fictícia está enfrentando e perguntar sobre isso. Veja o Box 8 para um exemplo deste tipo de vinheta.

<sup>57</sup> Angelucci, Karlan, e Zinman. 2015, 151-182.

<sup>58</sup> Para exemplo, ver Donald et al. 2017, 39 ou Ambler, Kate; Doss, Cheryl; Kieran, Caitlin e Passarelli, Simone. 2017. “He Says, She Says: Exploring Patterns of Spousal Agreement in Bangladesh”. Working Paper 01616, do International Food Policy Research Institute, de março de 2017. <http://ebrary.ifpri.org/edm/ref/collection/pl15738coll2/id/131097>.

## PASSO 2. TEORIA DA MUDANÇA, RESULTADOS E INDICADORES: DESAFIOS E DICAS

### BOX 8. PERGUNTE SOBRE UMA SITUAÇÃO HIPOTÉTICA POR MEIO DE UMA VINHETA

A pesquisadora afiliada ao J-PAL Seema Jayachandran (Northwestern University) e coautores Diva Dhar (Bill & Melinda Gates Foundation) e Tarun Jain (Indian School of Business) avaliaram o impacto de um programa escolar na Índia que promove a equidade de gênero para influenciar nas atitudes de estudantes sobre decisões futuras relacionadas a questões de gênero e fertilidade. Para mensurar as atitudes sobre casamento e participação feminina no mercado de trabalho, as equipes de pesquisa incluíram uma vinheta para pedir a opinião das pessoas entrevistadas sobre uma decisão hipotética:

*Pooja, uma jovem de 21 anos, vive em uma vila em Haryana. Desde criança, ela tem aspirações de se tornar uma policial. Depois de se formar na faculdade, ela passa no exame policial de Haryana e recebe uma oferta de emprego como policial. Seus pais estão preocupados com este trabalho, pois acham que ele não é adequado para uma mulher. Eles também acreditam que ela esteja na idade de se casar e lhe encontraram um possível noivo de uma boa família. Pooja, porém, quer aceitar o emprego e não deseja se casar. De acordo com seus pais, Pooja não precisaria trabalhar depois de se casar, pois seu marido cuidaria dela. Pooja deveria, em vez disso, concentrar-se no trabalho doméstico, ajudar sua sogra e eventualmente ter filhos. Por fim, seus pais decidem que, em vez de aceitar o trabalho, ela deveria se casar. Você concorda com as decisões dos pais?<sup>59</sup>*

A vinheta foi vinculada a um contexto específico e concebida para se assemelhar a uma decisão que parentes ou amigos das famílias das pessoas entrevistadas poderiam ter enfrentado. Embora os pesquisadores tenham feito perguntas sobre atitudes gerais (por exemplo, "as mulheres deveriam poder trabalhar fora de casa?"), a vinheta potencialmente suscita visões mais honestas ou sutis dos participantes, devido à concretude e complexidade do cenário.

Apesar de a vinheta acima não ser tão relevante no contexto latino-americano, o uso de vinhetas que apresentem outros exemplos hipotéticos pode ser uma forma promissora de identificar normas e atitudes sociais em relação, por exemplo, às mães trabalhadoras ou à violência doméstica, questões importantes que as mulheres enfrentam na região.

---

<sup>59</sup> Dhar, Diva; Jain, Tarun e Jayachandran, Seema. "Intergenerational Transmission of Gender Attitudes: Evidence from India." NBER Working Paper No. 21429, de julho de 2015.

## PASSO 2. TEORIA DA MUDANÇA, RESULTADOS E INDICADORES: DESAFIOS E DICAS

### DESAFIO 4: EMPODERAMENTO TEM SIGNIFICADOS DIFERENTES EM CONTEXTOS DIFERENTES, MAS PODEMOS TAMBÉM QUERER COMPARAR ENTRE CONTEXTOS



**Dica:** Complementar indicadores de empoderamento específicos do contexto com indicadores padronizados internacionalmente

Em geral, é útil selecionar resultados e indicadores frequentemente utilizados para facilitar a comparação com outras pesquisas de empoderamento. Entretanto, indicadores que são parâmetros de empoderamento válidos no contexto local provavelmente nos darão uma medida mais exata e precisa do que medidas genéricas. Por exemplo, a participação das mulheres no mercado de trabalho formal é uma medida padrão de empoderamento em muitos países de média e alta renda. No entanto, este indicador pode não ser sensível a mudanças de empoderamento em comunidades rurais de países de baixa renda, onde há poucas oportunidades no mercado de trabalho formal para mulheres ou homens. Nesses contextos, é relevante perguntar sobre trabalho informal. Além disso, certos tipos de trabalho podem ser “desempoderadores”, dependendo das condições de trabalho; por isso, além de perguntar às mulheres se elas querem trabalhar e como e por que ingressaram em seus empregos atuais, é interessante considerar a qualidade desse trabalho.

### DESAFIO 5: É DIFÍCIL PRIORIZAR MEDIDAS DE RESULTADOS



**Dica:** Priorizar indicadores relacionados aos objetivos principais do programa e preferir indicadores que não o sejam

Um programa provavelmente não empodera uma mulher em todos os âmbitos de sua vida. É importante ser realista sobre o que um programa pode mudar e priorizar mensurar os resultados principais para os quais há uma forte conexão lógica com o programa, de acordo com a teoria de mudança desenvolvida. Por exemplo, se estamos avaliando um programa que procura ampliar o acesso de mulheres a serviços de planejamento familiar em Honduras, pode não ser relevante incluir uma série de perguntas sobre consumo doméstico, a menos que este seja parte integrante do nosso plano de análise. Se quisermos identificar o transbordamento



PAÍS: COLOMBIA. FOTO: PAUL SMITH | J-PAL/IPA

de efeitos (*spillover*), devemos usar nossa teoria da mudança para identificar as áreas específicas que poderão passar por mudanças e priorizar a avaliação das mesmas. Além de priorizar os resultados, podemos definir estes como atitudes, comportamentos e/ou realizações específicas que esperamos ver mudados. A incorporação de muitos indicadores gera o risco de que alguns deles apresentem mudanças significativas por aleatoriedade, e não pelo programa em si, comprometendo assim a validade das nossas descobertas. É, portanto, fundamental pensar com cuidado em quantas métricas serão necessárias para capturar mudanças no empoderamento.

## PASSO 2. TEORIA DA MUDANÇA, RESULTADOS E INDICADORES: DESAFIOS E DICAS

### AS PRINCIPAIS CONCLUSÕES PARA MAPEAR UMA TEORIA DA MUDANÇA E SELECIONAR RESULTADOS E INDICADORES

- Utilizamos as descobertas de nossa pesquisa formativa para criar uma teoria da mudança e selecionar indicadores que sejam relevantes para mensurar os obstáculos que mulheres e meninas enfrentem em um contexto particular.
- Para mensurar a agência, podemos tentar observar as escolhas diretamente. Quando isso não é possível, podemos perguntar sobre o processo de tomada de decisão, comparar preferências de gênero a mudanças nos resultados e/ou mensurar aspectos psicológicos envolvidos no estabelecimento de metas e na agência.
- Podemos mensurar o processo de empoderamento selecionando indicadores que acompanhem os principais passos na cadeia causal, incluindo resultados de curto, médio e longo prazos, que podem corresponder a mudanças nos recursos, agência e realizações das mulheres.
- Devemos pensar estrategicamente no uso de indicadores adaptados localmente, combinando-os com indicadores convencionados internacionalmente.
- É recomendável mensurar mais de um indicador para resultados nos casos em que um só indicador não meça um resultado em sua totalidade, ou nos casos em que nossos indicadores estejam suscetíveis a enviesamento.
- Podemos superar parcialmente o desafio do viés de desejabilidade social perguntando sobre um cenário hipotético ou complementando indicadores subjetivos com indicadores objetivos ou resultados indiretos.





PAÍS: COLOMBIA. FOTO: PAUL SMITH | J-PAL/IPA

### PASSO 3. INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Desenvolver e validar instrumentos de coleta de dados que minimizem o enviesamento das respostas das pessoas entrevistadas

Após selecionarmos nossas medidas e indicadores de resultados, o próximo passo será escolher, desenvolver e testar os nossos instrumentos de coleta de dados.

#### COLETA DE DADOS COM QUESTIONÁRIOS

A aplicação de questionários é o método mais comum de coleta de dados em uma avaliação de impacto utilizando análise quantitativa. Ela é apropriada para coletar uma grande quantidade de dados de um indivíduo sobre uma série de assuntos. Comparados a instrumentos alternativos, os questionários geralmente têm rápida escalabilidade a um menor custo. Entretanto, é importante lembrar que, na coleta de alguns tipos de dados, questionários podem produzir informações não confiáveis. Mayra Buvinic (Fundação das Nações Unidas) e Ruth Levine (Hewlett Foundation) escreveram sobre como questionários têm o potencial de minimizar o papel das mulheres quando as questões têm um viés de gênero – por exemplo, quando as instruções orientam a equipe de entrevista a assumir que o chefe de família é um homem.<sup>60</sup>

Outra preocupação em potencial é que as pessoas entrevistadas podem não lembrar com precisão dos eventos ocorridos no passado. Elas também podem relatar informações imprecisas ou equivocadas sobre temas potencialmente sensíveis, incluindo atitudes de gênero, comportamento sexual, planejamento familiar, ou tomada de decisões em casa. Por exemplo, na avaliação de Rachel e coautores sobre a redução do casamento infantil em Bangladesh, a equipe de pesquisa descobriu que, como a prática de dote é ilegal, as perguntas deveriam ser feitas com muito cuidado para obter uma resposta precisa sobre o tema. Primeiro, perguntaram: "Muitas vezes, nos casamentos, presentes são trocados entre as duas famílias. Você deu algum presente para a família dos sogros da sua filha?". Se eles dissessem que sim, então a pergunta seguinte tratava dos tipos de presentes que eles deram. Se eles mencionassem dinheiro, perguntava-se quanto.<sup>61</sup>

<sup>60</sup> Buvinic, Mayra e Levine, Ruth. 2016. "Closing the Gender Data Gap." *Significance* 13, No. 2: 34-37. 35.

<sup>61</sup> Buchmann et al. 2017.

## PASSO 3. INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para ajudar a enfrentar os tipos de desafios comuns aos questionários, podemos complementar os indicadores subjetivos com indicadores objetivos, considerar o uso de instrumentos alternativos, ou dar às pessoas entrevistadas a opção de responder às perguntas de forma confidencial. Também podemos fazer a pergunta de formas diferentes ou perguntar a pessoas diferentes.

### SELECIONANDO AS PESSOAS ENTREVISTADAS

Antes de elaborar nossas ferramentas, é importante determinar quem serão as pessoas entrevistadas. Considerações importantes incluem: Quem é o público-alvo do programa? Quem conhece as informações que queremos coletar? Quem dificilmente manipulará informações? De quem podemos obter a maior quantidade de informações de uma só vez? Devemos apenas entrevistar mulheres e meninas, ou será valiosa a coleta de dados de outros membros das famílias ou comunidades? Quem sabe que tipo de informação pode variar de acordo com o contexto? Por exemplo, na avaliação de Rachel e coautores sobre o empoderamento de meninas em Bangladesh, a equipe de pesquisa consultou os pais das meninas sobre se elas eram casadas, e sua idade na época do primeiro parto. Dado que muitas das jovens já tinham crescido e saído das suas comunidades de origem quando conduziram a pesquisa de acompanhamento, foi mais eficiente coletar esta informação junto aos pais que permaneceram nas comunidades de origem. A pesquisa mostrou também que as meninas normalmente voltavam para casa para visitar suas mães para o primeiro parto; logo, as mães tinham informações bastante precisas sobre se e quando as filhas tinham dado à luz.

A coleta de informações de ambos os cônjuges em uma família pode ser útil para examinar o poder de barganha relacionado a decisões sobre gastos domésticos, planejamento familiar e investimento na educação e saúde dos filhos. Entrevistar homens e mulheres separadamente também pode revelar como as preferências de maridos e esposas diferem. Por exemplo, os pesquisadores afiliados ao J-PAL Mushfiq Mobarak (Yale University) e Grant Miller (Stanford University) mediram a demanda por fogões não-tradicionais (mais eficientes e menos poluentes) em Bangladesh. Na avaliação, uma equipe de duas pessoas visitou cada lar e desenvolveu uma forma de mensurar a tomada de decisões domésticas. Enquanto um recenseador entrevistou o marido,

a outra pessoa entrevistou a esposa separadamente. Após completar a pesquisa, foi oferecido ao marido ou à esposa, ainda separadamente, a oportunidade de pedir um fogão que direcionava a fumaça para longe do cozinheiro (ou seja, um fogão não-tradicional),<sup>62</sup> mas este cônjuge não tinha a chance de consultar seu par antes de tomar a decisão. A equipe descobriu que as mulheres tinham uma demanda muito maior por fogões que protegessem a saúde, mas que lhes faltava autoridade para decidir sobre compras.<sup>63</sup>

Fazer a mesma pergunta a mais de uma pessoa pode servir para verificar a legitimidade das respostas mais comuns entre as pessoas entrevistadas; um exemplo deste processo de verificação seria perguntar tanto aos pais quanto às jovens sobre o motivo que as últimas estão faltando à escola. Além disso, pode ser uma forma útil de identificar diferenças sistemáticas de percepção. Por exemplo, Aletheia Donald, Gayatri Koolwal e Markus Goldstein (Banco Mundial), junto a Jeannie Annan e Kathryn Falb (Comitê Internacional de Resgate), descobriram que as respostas dos maridos e esposas às perguntas da Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da USAID sobre quem toma decisões sobre grandes compras e a utilização da renda mensal do marido diferem, em muitos países, sistematicamente dentro de um mesmo domicílio.<sup>64</sup> O estudo do pesquisador Martín Valdivia (GRADE), mencionado anteriormente, sobre pequenas e médias empresas pertencentes a mulheres analisou tanto as proprietárias quanto seus cônjuges ou companheiros homens em relação a tarefas domésticas, pedindo-lhes que declarassem separadamente quem era geralmente, ocasionalmente ou nunca responsável pelas diferentes tarefas domésticas. Esse processo de coleta de informação gerou dados sobre os papéis dos diferentes indivíduos dentro das famílias, bem como suas percepções um do outro, e tornou possível avaliar se a intervenção alterou as dinâmicas familiares.<sup>65</sup>

<sup>62</sup> Para facilitar o entendimento ao leitor do que seria um fogão não-tradicional, incluímos um exemplo prático: <https://www.nationalgeographic.com/photography/article/guatemala-cook-stoves>

<sup>63</sup> Miller, Grant e Mobarak, A. Mushfiq. "Gender Differences in Preferences, Intra-household Externalities, and Low Demand for Improved Cookstoves." NBER Working Paper No. 18964, April 2013. <http://www.nber.org/papers/w18964.pdf>.

<sup>64</sup> Donald et al. 2017, 39.

<sup>65</sup> Valdivia em Martinez-Restrepo Ramos Jaimes, (eds.) (pp. 63-80).

## PASSO 3. INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Perguntar aos maridos sobre as preferências de suas esposas e ver o quanto estas declarações de fato se aproximam das preferências delas (e vice-versa) também pode fornecer uma medida do fluxo de informações entre cônjuges. Na avaliação de Rachel e coautores em Bangladesh, utilizamos perguntas sobre o grau de conhecimento dos maridos sobre as preferências de suas esposas como uma medida de “casamento bem-sucedido”.

### TRANSFORMANDO INDICADORES EM BOAS PERGUNTAS DE QUESTIONÁRIO

Quando bem construídas, perguntas de questionários podem contribuir para mitigar erros de mensuração e vieses nos relatos. “Bons” questionários são fáceis de responder, capturam mudanças, minimizam o risco de viés de desejabilidade social, referem-se a eventos no passado dentro de intervalos de tempo que possam realisticamente ser recordados e são feitos sob medida para o contexto local. As perguntas devem ser específicas, neutras, compreensíveis e claramente estruturadas e relevantes.

**Específica.** Cada pergunta deve indagar uma coisa de cada vez. Por exemplo, não devemos perguntar a uma jovem mulher, “com que idade você quer se casar e ter um filho?”. Em vez disso, devemos fazer duas perguntas separadas, uma sobre a idade desejada para o casamento e a outra sobre a idade desejada para ter um filho.

**Neutra.** A formulação da pergunta não deve influenciar as pessoas entrevistadas a nos dar uma resposta específica. Por exemplo, nunca faríamos a seguinte pergunta porque ela levaria a respostas tendenciosas: “você não acha que as mulheres podem ser boas líderes do conselho da aldeia?”. Alternativamente, poderíamos perguntar: “quem é o líder do conselho da sua aldeia?”, e, em seguida, prosseguir com “quão eficaz você acha que ele/ela é?” e ver como as percepções de efetividade se correlacionam com o gênero do líder.

**Compreensível.** Todas as perguntas da pesquisa devem ser relativamente fáceis de compreender por qualquer pessoa da nossa amostra. Elas não devem conter termos ou conceitos desconhecidos que não estejam claramente definidos no questionário. De modo geral, devemos evitar conceitos abstratos. Por exemplo, em muitos casos, as mulheres podem não estar muito familiarizadas com o termo “empoderamento” – logo, pode ser arriscado fazer uma pergunta do tipo: “você se sente empoderada para tomar decisões sobre quanto gastar com a educação de seus filhos em sua casa?”.

**Claramente estruturada.** As melhores questões são bem delineadas e possuem um horizonte temporal bem definido. Se as respostas forem de múltipla escolha, a lista de possíveis respostas deve ser mutuamente exclusiva – duas alternativas não devem se sobrepor de forma a confundir os respondentes. Elas também devem abranger todas as opções dos conjuntos – não devem faltar alternativas comuns entre respostas na lista. Por exemplo, podemos descobrir que as mulheres respondem “não” à pergunta “você foi ao médico no mês passado?” mas relatam que visitaram outros tipos de prestadores de serviços de saúde que estamos interessados em documentar. Perguntar “você consultou o médico, uma enfermeira, uma clínica de saúde ou um curandeiro no mês passado?” poderia capturar um quadro mais completo dos serviços de saúde que as mulheres usam. Em segundo lugar, qualquer pergunta pedindo ao respondente para lembrar algo do passado deve incluir um período de tempo claro, e esse período determinado deve ser curto o suficiente para que a pessoa entrevistada possa lembrar com precisão. Por exemplo, em vez de perguntar “quantas vezes você levou seu filho ao médico no ano passado?”, poderíamos perguntar, “você levou seu filho ao médico no mês passado?”. Se ela responder sim, podemos então perguntar: “quantas vezes você levou seu filho ao médico no mês passado?”

**Relevante.** É importante respeitar o tempo gasto pelas pessoas entrevistadas, por isso todas as perguntas da nossa pesquisa devem mensurar indicadores que de fato serão utilizados em nossa análise. Diversos estudos têm mostrado que a precisão das respostas das pessoas entrevistadas pode ser afetada pelo cansaço associado à pesquisa, o que pode ser evitado se formos criteriosos em relação ao número de perguntas que incluirmos.<sup>66</sup> Nossas perguntas também devem ser relevantes para o contexto local.

<sup>66</sup> Krosnick, Jon A. e Presser, Stanley. 2010. “Question and Questionnaire Design.” In *Handbook of Survey Research*, editado por Marsden, Peter V. e Wright, James D. 263-315. Bingley: Emerald Group Publishing. 291-292.

## PASSO 3. INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Suponha que queiramos avaliar o acesso das mulheres a tecnologia. Podemos perguntar sobre o uso da internet em alguns contextos, e sobre a posse e uso de aparelhos de celular em outros, dependendo da disponibilidade dos serviços. Podemos resolver esses detalhes durante a fase de pesquisa formativa através de entrevistas semiestruturadas, observação dos participantes e passando tempo nas comunidades. Também podemos checar essas informações ao pilotar nossos instrumentos de pesquisa.

As informações que coletamos durante a pesquisa formativa também nos ajudam a aprimorar a formulação das nossas perguntas. A pesquisa formativa nos ajuda a selecionar as palavras mais adequadas do(s) idioma(s) local(is) para usar em nossas perguntas, a identificar palavras ou tópicos sensíveis a ser evitados e a descobrir a maneira mais apropriada de perguntar sobre um determinado assunto.

O Anexo 1 da versão em inglês do guia inclui exemplos de módulos de questionários e perguntas, apresentando, um catálogo de exemplos relacionados ao empoderamento de mulheres e meninas a partir de avaliações de impacto concluídas por pesquisadoras e pesquisadores afiliados ao J-PAL. Outro recurso útil é o site da Universidade da Califórnia em San Diego denominado Evidence-Based Measures of Empowerment for Research on Gender Equality (Medidas de Empoderamento Baseadas em Evidências para Pesquisa sobre Igualdade de Gênero—EMERGE), que compila perguntas de questionários usadas para mensurar a igualdade de gênero e o empoderamento, juntamente com diretrizes sobre o desenvolvimento de métricas.<sup>67</sup>

### OUTRAS FORMAS DE MITIGAR O VIÉS NOS RELATOS

Além de formular boas perguntas, podemos desenhar o questionário de forma que os respondentes se sintam mais confortáveis e, talvez mais dispostos a responder com precisão. O ideal é iniciar o questionário com perguntas mais simples, como informações demográficas básicas. Uma vez que entrevistadores e respondentes tenham tido a oportunidade de desenvolver um certo entrosamento, podemos começar a fazer perguntas sobre tópicos mais sensíveis. Para tópicos altamente sensíveis ou pessoais, é melhor ter entrevistadoras mulheres entrevistando mulheres

e entrevistadores homens entrevistando homens. Em alguns casos, podemos pedir às pessoas entrevistadas que digitem suas respostas a temas sensíveis de forma confidencial e anônima em um computador, telefone ou dispositivo tablet, para que seu medo do julgamento pela equipe de pesquisa tenha menos influência em suas respostas. Também podemos mitigar o viés dos relatos comparando as respostas autodeclaradas com dados de outras fontes. Se quisermos saber se uma mulher resgatou um vale para uma consulta de planejamento familiar em uma clínica de saúde local no mês anterior, por exemplo, podemos perguntar a ela diretamente e também verificar os dados administrativos da clínica.

### FERRAMENTAS QUANTITATIVAS ALTERNATIVAS A QUESTIONÁRIOS

Ferramentas alternativas a questionários que permitam uma análise quantitativa, incluindo observação direta, jogos, vinhetas experimentais e testes de associação implícita, entre outras, podem oferecer medidas mais objetivas para alguns resultados do que os questionários em si.<sup>68</sup> Elas também podem ser úteis para quantificar coisas que são difíceis de mensurar. Isso inclui atitudes ou atividades que os participantes podem não relatar honestamente em um questionário (por exemplo, preconceito e atitudes sobre normas de gênero), que são altamente sujeitas a equívocos de memória (por exemplo, quantas vezes as mulheres falaram em uma reunião da comunidade), ou aspectos sobre si mesmos que as pessoas entrevistadas podem nem mesmo estar cientes (por exemplo, preconceito subconsciente de gênero). A desvantagem é que instrumentos alternativos são mais complexos de ser administrados do que os questionários em si e tendem a custar mais. O Anexo 2 da versão em inglês do guia contém um catálogo com exemplos de ferramentas alternativas para avaliações sobre empoderamento, junto a seus prós e contras e dicas sobre quando usá-las. O catálogo contempla observação direta e atividades comunitárias estruturadas, testes de associação implícita, vinhetas, listas de aleatorização, decisões de compra, jogos, interação social e efeitos de rede, métodos de pesquisa participativa e biomarcadores. O Box 9 apresenta alguns exemplos de ferramentas alternativas usadas para mensurar assuntos sensíveis e indicadores relacionados ao empoderamento.

<sup>67</sup> Rupa, Jose; Bhan, Nandita e Raj, Anita. 2017. "EMERGE Measurement Guidelines Report 2: How to Create Scientifically Valid Social and Behavioral Measures on Gender Equality and Empowerment." Center on Gender Equity and Health (GEH). San Diego, CA: University of California, San Diego School of Medicine.

<sup>68</sup> Algumas dessas ferramentas, tais como vinhetas e listas de aleatorização, podem ser implementadas em um contexto de aplicação de questionários. Nós as incluímos nesta seção porque elas requerem processos e análises diferentes das perguntas-padrão de questionários.

## PASSO 3. INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

### BOX 9. EXEMPLOS DE FERRAMENTAS ALTERNATIVAS A QUESTIONÁRIOS

**Jogos:** Ter participantes jogando um jogo pode ajudar a mensurar qualidades como altruísmo, cooperação e confiança. Jogos são úteis quando queremos testar teorias sobre como as pessoas vão responder a vários estímulos e situações, ou quando queremos categorizá-las em diferentes grupos com base em seu comportamento no jogo. Entretanto, os jogos são apenas estimativas de decisões que seriam tomadas no mundo real e podem não refletir o que as pessoas fariam em cenários com maiores riscos ou quando elas não estão sendo observadas.

Em uma avaliação aleatorizada no Quênia, a afiliada ao J-PAL Simone Schaner (Dartmouth College) examinou como as diferenças nas preferências por gastos entre maridos e esposas afetavam a demanda por cadernetas de poupança.<sup>69</sup> A pesquisa utilizou um jogo para mensurar a habilidade de negociação intrafamiliar e testar se os programas de cadernetas de poupança tinham impactos diferentes sobre as mulheres, a depender do seu grau de habilidade. No final da pesquisa, maridos e esposas, que estavam sendo entrevistados separadamente, foram convidados a dividir um pequeno prêmio em dinheiro entre ele/ela e seu cônjuge. Cada cônjuge registrou sua proposta de alocação separadamente em cartões e os colocou em uma lata fechada. Em seguida, os cônjuges se reuniram para decidir como distribuir o prêmio em dinheiro entre si e o registraram em novos cartões, que eles adicionaram às duas latas. O marido e a esposa então selecionaram aleatoriamente um cartão de cada uma de suas latas e receberam imediatamente o valor em dinheiro destinado a eles de acordo com o cartão escolhido. Este jogo permitiu aos pesquisadores identificar mulheres com relativamente baixa ou alta habilidade de negociação e testar se o impacto da intervenção foi diferente para as mulheres com maior ou menor habilidade. As mulheres com maiores diferenças entre suas preferências individuais e conjuntas para direcionar o dinheiro foram classificadas como tendo relativamente menor habilidade de negociação.

**Urna:** A urna reproduz um sistema de votação. Normalmente, os participantes se deparam com uma pergunta ou afirmação e são solicitados a registrar sua resposta em um pedaço de papel que, em seguida, depositam em uma urna de voto. Este procedimento é útil para mensurar tópicos sensíveis, como comportamento sexual, e temas que são suscetíveis a vieses de deseabilidade social, já que a resposta é oculta para a pessoa que conduz a entrevista.

No Peru, a pesquisadora Ursula Aldana (Instituto de Estudios Peruanos), a pesquisadora afiliada ao J-PAL Erica Field (Duke University) e o pesquisador Javier Romero (Duke University) estão trabalhando junto ao Ministério da Mulher e Populações Vulneráveis (MIMP) para avaliar o impacto de uma intervenção centrada em comunidades, com o objetivo de mudar as normas e atitudes de gênero que toleram a violência de gênero e, em última instância, promover o empoderamento feminino e reduzir a violência contra as mulheres.

Atitudes, normas e crenças são difíceis de serem capturadas devido ao viés de deseabilidade social. O predomínio da violência de gênero pode ser difícil de mensurar porque as vítimas temem a estigmatização ou retaliação se divulgarem informações sobre seus agressores.

Antes de iniciar a avaliação de impacto, os pesquisadores testaram três estratégias diferentes para mensurar a violência baseada em gênero (VBG): uma pesquisa domiciliar tradicional em que as perguntas são feitas diretamente as pessoas entrevistadas; uma lista de aleatorização na qual entrevistados e entrevistadas foram submetidos a uma série de afirmações variadas para responderem quantas delas são verdadeiras (ver Box 11 para mais detalhes sobre a lista de aleatorização); e uma urna de voto.

<sup>69</sup> Schaner, Simone. 2017. "The Cost of Convenience? Transaction Costs, Bargaining Power, and Savings Account Use in Kenya." *Journal of Human Resources* 52(4): 919-945. <https://doi.org/10.3368/jhr.52.4.0815-7350R1>.

## PASSO 3. INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

### BOX 9 CONTINUA. EXEMPLOS DE FERRAMENTAS ALTERNATIVAS A QUESTIONÁRIOS

Para a votação, foram feitas dez perguntas sobre violência de gênero e dez perguntas sobre crenças e atitudes relacionadas aos papéis de gênero e à violência doméstica. Entrevistadores fizeram as perguntas e as pessoas entrevistadas marcaram suas respostas em um pedaço de papel (ou deixaram-no em branco) antes de depositá-lo na urna. As perguntas e opções de resposta foram redigidas tanto em espanhol como em quéchua<sup>70</sup> e também foram acompanhadas por imagens explicativas para garantir que todos, inclusive aqueles que não sabiam ler, entendessem o que lhes foi perguntado.

Testar as diferentes ferramentas deu as equipes de pesquisa importantes perspectivas para o desenvolvimento da estratégia de mensuração para sua avaliação de impacto. Por exemplo, elas descobriram que os participantes pareciam não entender como a lista de aleatorização poderia ser de fato anônima e muitas pessoas ficaram frustradas por terem que ler longas listas com diferentes afirmações. A urna, por outro lado, mostrou-se muito bem-sucedida. No Peru, o voto é obrigatório; portanto, esse procedimento era muito familiar as pessoas entrevistadas. Esta abordagem também foi considerada mais efetiva do que a pesquisa domiciliar; logo, para a linha de base da avaliação, os pesquisadores decidiram utilizar a abordagem de urna de voto. A avaliação ainda está em andamento e os resultados estão por vir.

### INCORPORANDO A PESQUISA QUALITATIVA

As equipes de pesquisa frequentemente conduzem entrevistas semiestruturadas e posteriormente grupos focais com pequenos subgrupos da amostra da avaliação, para obter uma compreensão mais aprofundada sobre um fenômeno em particular ou gerar hipóteses sobre como e por que um programa funcionou ou não funcionou. Como mencionado anteriormente, a colaboração com pesquisadoras e pesquisadores qualitativos qualificados aumenta a qualidade e o rigor deste trabalho. Por exemplo, na avaliação de Rachel

e coautores em Bangladesh, a equipe de pesquisadores foi formada por vários economistas e uma antropóloga cultural, Shahana Nazneen. Foram conduzidas entrevistas qualitativas aprofundadas com subamostras de jovens mulheres, seus pais e casamenteiros locais. Isso melhorou a compreensão da forma como as decisões sobre o casamento e o trabalho de mulheres jovens são tomadas e das razões pelas quais um programa de empoderamento de meninas não afetou as taxas de casamento infantil, mas aumentou a participação de mulheres jovens em atividades geradoras de renda.

Nossa pesquisa mostrou que a escolha de quando e com quem uma mulher se casaria era quase sempre feita pelos pais, e o programa de empoderamento não mudou isso. No entanto, embora os pais que casam suas filhas antes dos 18 anos sejam muitas vezes retratados como negligentes, nossas entrevistas qualitativas mostraram que os pais conheciam os perigos e se angustiavam com a decisão. Muitos relataram não querer casar suas filhas tão jovens quanto o faziam. As ofertas de casamento não chegam com frequência e, cada vez que surge uma nova oferta, muitos pais temem que nunca mais receberão uma proposta igualmente vantajosa com um dote que possam pagar, pois os dotes aumentam substancialmente à medida que as moças envelhecem.<sup>71</sup>

Embora o programa de empoderamento não tenha reduzido o casamento infantil, algumas jovens mulheres puderam usar as habilidades que aprenderam no programa para negociar a permissão para trabalhar e ganhar renda depois de se casarem. Constatamos que as mulheres que participaram de atividades geradoras de renda também passaram a ter mais poder de decisão e melhores indicadores de saúde. No entanto, nosso trabalho qualitativo mostrou que a forma como as mulheres trabalhavam ainda era muito limitada. As mulheres que conseguiam negociar com suas famílias para trabalhar frequentemente o faziam assumindo atividades remuneradas que não ameaçassem os papéis de gênero, como a tutoria ou a costura, ocupações que não exigiam que elas saíssem de casa para trabalhar. As mulheres relataram ter alcançado seu objetivo de poder trabalhar usando estratégias de cooptação – aproveitando cada oportunidade com seus maridos e sogros para agradecer-lhes, mostrar-lhes respeito e atender às suas necessidades.<sup>72</sup>

<sup>70</sup> Quéchua é um idioma indígena da América do Sul, ainda existente e corrente hoje na região e contendo vários dialetos.

<sup>71</sup> Field et al. 2018, 31.

<sup>72</sup> Field et al. 2018, 32.

## PASSO 3. INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

### LOGÍSTICA DE PRÉ-TESTES E TESTES-PILOTO PARA NOSSAS FERRAMENTAS DE COLETA DE DADOS NO CAMPO

Uma vez desenhadas nossas ferramentas, o próximo passo crucial é validá-las com as pessoas entrevistadas das comunidades nas quais nossa avaliação ocorrerá, assim como pessoas externas à amostra da avaliação. Só saberemos se estamos fazendo as perguntas certas se elas fizerem sentido para as pessoas que vamos entrevistar e se elas estiverem captando as informações corretas depois que fizermos essas perguntas. As equipes de pesquisas podem validar suas ferramentas de coleta de dados pré-testando seus questionários e instrumentos alternativos de pesquisa e fazendo testes-piloto da logística de coleta de dados. As respostas oriundas dos pré-testes e dos pilotos não devem ser incluídas em nossa análise final dos dados.

**1. Pré-teste de questionários de pesquisa** envolve a implementação de práticas de entrevistas ou de instruções de questionários com pessoas entrevistadas cujas características sejam semelhantes às dos participantes da nossa amostra. Isso nos ajuda a verificar como o público-alvo interpreta as perguntas da pesquisa. As perguntas são fáceis de entender e responder? Há palavras confusas que precisam ser mudadas ou perguntas que não captam as informações que estamos procurando? Com base nessas entrevistas preliminares, podemos corrigir as perguntas ou formulações dos enunciados nos questionários e testar a nova versão com uma nova entrevista preliminar. O objetivo é que, depois de algumas iterações, entrevistadores e entrevistadoras possam conduzir essas entrevistas preliminares em tal formato que as pessoas entrevistadas compreendam e respondam bem a todas as perguntas. Não há número certo de pré-testes a serem realizados; podemos descobrir que 15 são o suficiente, ou podemos precisar fazer até 50. É vantajoso que vários entrevistadores e entrevistadoras participem do pré-teste da pesquisa, pois diferenças no modo de fazer as perguntas podem afetar as respostas e diferentes pessoas perceberão problemas distintos com o questionário.

Se estivermos usando ferramentas alternativas a questionários, é fundamental testá-las da mesma forma que fizermos com os questionários. Algumas técnicas adicionais de pré-teste incluem:<sup>73</sup>

- **Entrevistas cognitivas:** as pessoas entrevistadas respondem entrevistadores e entrevistadoras, descrevendo as ideias e processos de pensamento que tiveram naquele momento, além de responder à pergunta da pesquisa. Essa técnica ajuda a equipes de pesquisas a saber se, e como, as pessoas entendem as perguntas da pesquisa e a identificar as causas de qualquer confusão ou dificuldade que as pessoas possam ter ao respondê-las.<sup>74</sup>
- **Reuniões de balanço com pessoas entrevistadas:** as equipes da pesquisa aplicam o questionário e reúnem comentários e feedback das pessoas entrevistadas após a sua conclusão. Esse método pode ser incorporado de forma fácil e custo-efetiva ao pré-teste.
- **Revisões por especialistas:** especialistas de um determinado tema ou setor fazem comentários sobre o conteúdo ou estilo da pesquisa.

<sup>73</sup> Para conselhos práticos sobre pré-testagem e logística de testes-piloto, veja:

Caspar, Rachel; Peytcheva, Emilia; Yan, Ting; Lee, Sungeec; Liu, Mingnan e Hu, Mengyao. 2016. "Pretesting." *In Cross-Cultural Survey Guidelines*. Ann Arbor, MI: Survey Research Center, Institute for Social Research, University of Michigan. Acessado em 19 de março de 2018. [https://ccsg.isr.umich.edu/wp-content/uploads/2019/06/CCSG\\_Full\\_Guidelines\\_2016\\_Version.pdf](https://ccsg.isr.umich.edu/wp-content/uploads/2019/06/CCSG_Full_Guidelines_2016_Version.pdf).

Ruel, Erin E.; Wagner III, William E. e Gillespie, Brian J. 2015. *The Practice of Survey Research: Theory and Applications*. Los Angeles: SAGE.

<sup>74</sup> Para um exemplo de como a entrevista cognitiva ajudou a validar a formulação das perguntas de um questionário, consulte: Malapit, Hazel J.; Sproule, Kathryn e Kovarik, Chiara. 2017. "Using Cognitive Interviewing to Improve the Women's Empowerment in Agriculture Index Survey Instruments: Evidence from Bangladesh and Uganda." *Agri-Gender: Journal of Gender, Agriculture, and Food Security*. Vol. 2 (2): 1-22. <http://agrigender.net/views/cognitive-interviewing-to-improve-women-empowerment-from-bangladesh-and-uganda-JGAFS-222017-1.php>.

## PASSO 3. INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

**2. Testagem da logística** inclui rodadas de testes de todo o processo de coleta de dados, permitindo identificar possíveis fontes de erro de mensuração. Os recenseadores e recenseadoras executam a pesquisa do início ao fim, incluindo: o recrutamento de participantes, a aplicação de questionários e instrumentos alternativos, a entrada digital dos dados e a verificação da qualidade dos dados. É importante testar a logística para processos complexos ou imprevisíveis da coleta de dados, como o recrutamento de pessoas entrevistadas em eventos, ou para testar a tecnologia no campo. A logística experimental ajuda a garantir que haja recursos suficientes para implementar a pesquisa, que entrevistadores e entrevistadoras tenham as competências e habilidades alinhadas para esse tipo de trabalho e que os processos administrativos funcionem. As equipes de pesquisas também podem incorporar técnicas de pré-teste nos testes-piloto. Em geral, os testes-piloto da logística de uma pesquisa são caros e demorados e envolvem dezenas de pessoas entrevistadas. Assim, se estivermos familiarizados e confortáveis com recenseadores e sistemas administrativos em um cenário menor, talvez não seja necessário fazer um teste-piloto em escala real.

Embora o tempo necessário para validar as ferramentas de pesquisa varie, é importante alocar ao menos algumas semanas antes da data de início pré-definida para a pesquisa para atualizar e finalizar os instrumentos.

### O QUE ESTAMOS BUSCANDO AO EXECUTARMOS PRÉ-TESTES E TESTES PILOTO DA LOGÍSTICA DE UMA PESQUISA?

**Será que escolhemos as pessoas certas para entrevistar?** No decorrer da fase piloto podemos descobrir que as pessoas que estamos pesquisando não têm as informações que queremos. Uma adolescente pode não saber quanto custa a escola que frequenta. Seus pais e professores podem estar mais propensos a saber. Se mulheres e homens estão encarregados de plantar diferentes cultivos em uma fazenda, pode ser que as mulheres tenham informações apenas sobre decisões de plantio para os cultivos tradicionalmente femininos e os homens para os cultivos tradicionalmente masculinos. Se observarmos um padrão evidente de que diversas pessoas entrevistadas não conheçam as informações que lhes estamos perguntando, devemos considerar outras fontes de informação em potencial para estas questões. No primeiro exemplo, isso pode significar perguntar aos pais e mães, no segundo exemplo pode

significar entrevistar homens além de mulheres. Devemos ponderar cuidadosamente sobre os benefícios de receber dados mais precisos de determinado indicador, versus os aumentos de custo da pesquisa devido a acréscimos no número de questionários aplicados ou no grupo de pessoas entrevistadas.

**Será que formulamos bem nossas perguntas e as pessoas as entendem?** As pessoas entrevistadas podem expressar confusão sobre o significado de uma pergunta ou responder de forma a mostrar que não entenderam a pergunta da mesma forma que nós entendemos. Veja o Box 10 para um exemplo de uma pergunta de um questionário que precisou de esclarecimento. Devemos atualizar nosso questionário com a regularidade necessária durante a fase piloto para garantir que todas as perguntas sejam bem compreendidas.

#### BOX 10. TRABALHANDO PARA ELABORAR PERGUNTAS DE QUESTIONÁRIOS PRECISAS E ADAPTADAS À CONJUNTURA LOCAL

Em uma avaliação realizada por Rachel e coautores em Serra Leoa, uma versão inicial de nosso questionário continha a pergunta: "você pertence a algum grupo social?" e muitos participantes do piloto responderam: "não". Depois de fazer perguntas complementares, as pessoas que conduziram as entrevistas descobriram que as pessoas pertenciam ao que nós pesquisadores considerávamos grupos sociais – mesquitas, igrejas, cooperativas agrícolas ou de negócios –, mas simplesmente não rotulavam esses locais como "grupos sociais". Alteramos a pergunta para que as pessoas tivessem uma lista de grupos como exemplos/alternativas, incluindo aqueles espaços frequentemente mencionados durante os testes-piloto.



## PASSO 3. INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

**Nossas ferramentas captam nuances?** Nossos questionários e outras ferramentas de coleta de dados devem ser sensíveis o suficiente para captar a variação encontrada na população onde nossa pesquisa está sendo realizada. Por exemplo, se estamos tentando mensurar o conhecimento das mulheres sobre seus direitos civis e políticos, as perguntas que usamos para avaliar seu conhecimento não devem ser tão fáceis de modo que a maioria das entrevistadas acerte todas, nem tão difíceis de modo que pouquíssimas acertem alguma. Se esperamos que as respostas a algumas perguntas sejam semelhantes, devemos inicialmente pré-testar as perguntas para verificar se este é o caso. O pré-teste pode nos ajudar a encontrar a combinação adequada de questões para conseguir uma gama de respostas diferentes.

**O plano é apropriado à cultura e à política do contexto local?** Tanto as perguntas do questionário quanto o nosso plano de coleta de dados devem ser adaptados ao contexto local. Suponha que queiramos avaliar se as mulheres têm oportunidades de ação coletiva em sua comunidade. Precisamos fazer perguntas sobre os tipos de ação coletiva que fazem sentido e que ocorrem de fato no contexto específico. As mulheres podem participar de comícios, protestos e campanhas políticas temáticas em alguns contextos, mas em outros, esses tipos de ação coletiva serão raros ou inacessíveis para elas; portanto, seria irrelevante incluí-los como alternativas de resposta. Podemos aprender sobre esses detalhes durante a fase de pesquisa formativa, por meio de entrevistas semiestruturadas, observação dos participantes e tempo dispendido em comunidades semelhantes ao local onde será realizada a avaliação. Também podemos verificar essas informações ao pré-testarmos nossas ferramentas de pesquisa.

Durante o pré-teste, podemos descobrir que a forma como planejamos conduzir nossa pesquisa não é a mais apropriada, dada a cultura e a política do local. Por exemplo, pode ser mais fácil entrevistar jovens mulheres na escola do que em casa, pensando na redução dos custos da pesquisa. No entanto, pais e líderes locais podem achar que não é apropriado que meninas sejam entrevistadas sozinhas em um lugar fora de suas casas. Neste caso, entrevistar meninas no lar seria mais apropriado, embora mais caro. Muitas vezes não podemos prever todas as preferências da comunidade, então é importante consultar os líderes locais durante a fase de pesquisa formativa e pilotar nossos procedimentos de pesquisa antes de iniciar a coleta oficial de dados.

**O nosso questionário é muito extenso?** As pessoas podem se cansar durante longos questionários e suas respostas podem se tornar menos precisas com o passar do tempo. A pré-testagem nos ajuda a determinar se a nossa pesquisa é muito extensa e identifica questões que poderiam ser cortadas. Considere posicionar a maioria das questões que requerem mais energia mental no início do questionário ou mesmo conduzir a entrevista em múltiplas visitas. O pré-teste nos dará uma boa estimativa sobre tempo despendido por questionário, uma informação que incluímos em nosso roteiro quando pedimos consentimento das pessoas entrevistadas para participar do estudo antes de iniciar o levantamento em si. Observe que à medida que os entrevistadores e entrevistadoras se acostumam a executar o questionário, o processo normalmente se acelera em cerca de um terço.

**As questões que exigem da pessoa entrevistada a lembrança de algum evento passado estabelecem um período de tempo considerado “apropriado”?** É quase impossível avaliar se questões que remetem a eventos passados estabelecem períodos apropriados de memória sem que testemos essas perguntas. Se descobrirmos, durante a pré-testagem, que a pergunta é excessivamente desafiadora para que a maioria das pessoas entrevistadas responda com precisão, talvez precisemos reformulá-la. Durante o teste de campo, podemos até testar duas variações do período de tempo passado para ver qual delas nos dá a melhor informação.

## PASSO 3. INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

### PRINCIPAIS CONCLUSÕES PARA O DESENVOLVIMENTO E VALIDAÇÃO DE FERRAMENTAS DE COLETA DE DADOS:

- A maioria das avaliações de impacto quantitativas utiliza questionários como principal instrumento de coleta de dados. Há também uma grande variedade de ferramentas alternativas que geram dados quantitativos e que as equipes de pesquisas podem usar para obter respostas sobre resultados de difícil mensuração ou sobre as quais as pessoas não falem de forma precisa ou honesta (como preconceito ou viés de gênero, por exemplo).
- A introdução de entrevistas qualitativas com um subconjunto de pessoas em nossa amostra também pode nos ajudar a entender melhor determinados fenômenos e/ou gerar hipóteses sobre o porquê de um programa ter funcionado ou não.
- Antes de escrevermos as perguntas para os nossos instrumentos de pesquisa, precisamos escolher as pessoas certas para entrevistar. Em muitos casos, é útil entrevistar várias fontes (por exemplo, meninas e seus pais; homens e mulheres).
- Ao escrever as perguntas para os instrumentos de pesquisa, é importante torná-las específicas, neutras, compreensíveis, claramente estruturadas e relevantes.
- A pré-testagem do nosso questionário de pesquisa com pessoas semelhantes ao nosso público-alvo é fundamental para garantir que as perguntas façam sentido e capturem as informações que nos interessam. Entrevistas cognitivas e reuniões de balanço com as pessoas entrevistadas também podem ser úteis nesses esforços.
- Precisamos nos certificar que os períodos de sequenciamento, duração e recordação funcionem; que as perguntas sejam bem compreendidas e culturalmente apropriadas e que elas capturem variação.
- Devemos repetidamente pré-testar e atualizar o questionário até que todas as perguntas sejam bem compreendidas e produzam as informações desejadas.
- Se tivermos menos experiência na coleta de dados no contexto onde a avaliação será realizada, devemos também testar a logística da pesquisa, abrangendo todos os processos logísticos, como encontrar e cadastrar os participantes, aplicar o questionário, dar entrada nos dados e verificar a qualidade dos mesmos.



PAÍS: REPUBLICA DOMINICANA. FOTO: UNICA MENDEZ | J-PAL/IPA

## PASSO 4. PLANO DE COLETA DE DADOS

Elaborar um plano de coleta de dados que minimize o erro de mensuração

O último passo antes de lançar oficialmente a avaliação é garantir que nosso processo de coleta de dados não crie brechas significativas para erros de mensuração. A forma como coletamos informações pode afetar sua precisão. Temos que pensar cuidadosamente sobre com quem iremos selecionar para conduzir as entrevistas. Todos esses fatores têm um componente de gênero que deve ser considerado e incluído na estratégia de coleta de dados. Se estamos conduzindo uma avaliação aleatorizada, também é imperativo que todos os aspectos da coleta de dados – entrevistadores e entrevistadoras, questionários, tempo e periodicidade das coletas de dados – sejam idênticos para os grupos de intervenção e comparação.<sup>75</sup>

<sup>75</sup> As diferenças na coleta de dados entre os dois grupos podem levar a erros de mensuração não-clássicos, o que significa que o erro está relacionado com o status do tratamento, levando a estimativas de impacto viesadas. A boa notícia é que as fontes de erro de mensuração são menos problemáticas nas avaliações aleatorizadas se pudermos razoavelmente supor que elas aconteceram aproximadamente no mesmo nível entre os grupos de intervenção e comparação. Por exemplo, se as pessoas não compreenderem reiteradamente como certas questões foram formuladas em ambos os grupos, nossa estimativa de impacto não será tendenciosa.

### QUEM COLETA AS INFORMAÇÕES?

A identidade dos entrevistadores e entrevistadoras pode afetar as respostas dadas pelas pessoas. As pessoas respondentes podem se sentir menos livres para falar abertamente sobre certos tópicos com pessoas de um determinado sexo, classe e/ou etnia. Como regra geral, os entrevistadores e entrevistadoras devem ser do país onde a pesquisa está sendo realizada e, quando possível, de uma região similar. Eles também devem ser fluentes nos idiomas falados nas áreas onde estão conduzindo as pesquisas, incluindo os idiomas locais. A pré-testagem é uma boa oportunidade para investigar se a identidade dos entrevistadores e entrevistadoras afeta as respostas das pessoas entrevistadas.

Em geral, quando estamos perguntando às pessoas sobre temas relacionados ao empoderamento de mulheres ou meninas, é preferível que entrevistadores e entrevistadoras e respondentes sejam do mesmo sexo. Isto é particularmente pertinente em contextos que possuem normas sociais que regulamentem a interação entre homens e mulheres. Por exemplo, na pesquisa que Rachel e seus coautores realizaram em Bangladesh, as jovens participantes sempre foram entrevistadas por uma mulher, pois era socialmente

## PASSO 4. PLANO DE COLETA DE DADOS

inapropriado que uma mulher e um homem de fora de sua família interagissem sem um acompanhante. Se não for possível associar as pessoas entrevistadas com entrevistadores ou entrevistadoras do mesmo gênero, podemos coletar e registrar dados sobre o gênero da pessoa que conduz a entrevista e testar se as respostas variam sistematicamente de acordo com isso em nossa análise. O gênero não é o único aspecto da identidade que pode afetar a coleta de dados. Por exemplo, uma jovem mulher de uma família de baixa renda em uma comunidade rural pode se sentir desconfortável ao falar com uma entrevistadora de classe média ou alta de uma cidade grande.

No entanto, algumas pessoas entrevistadas não se sentiriam à vontade para falar honestamente sobre certos assuntos, como violência doméstica ou agressão sexual, com qualquer pessoa. Em casos nos quais as pessoas entrevistadas são alfabetizadas, uma alternativa para proporcionar maior privacidade às respostas sobre assuntos particularmente sensíveis seria oferecer-lhes a possibilidade de responder diretamente em um tablet, telefone ou computador. A tecnologia *Audio Computer-Assisted Self-Interview (ACASI)* envolve ouvir as perguntas pré-gravadas da entrevista em fones de ouvido e respondê-las usando um dispositivo digital, e pode ser adaptada a contextos com baixo grau de alfabetização.



PAÍS: REPUBLICA DOMINICANA. FOTO: LAURA PULECIO | J-PAL/IPA

## PASSO 4. PLANO DE COLETA DE DADOS

### BOX 11. LISTA DE ALEATORIZAÇÃO PARA MENSURAR TEMAS SENSÍVEIS

Listas de aleatorização ou listas experimentais podem ser úteis em pesquisas sobre temas sensíveis, como saúde e comportamento sexual ou violência de gênero, onde o medo de estigmatização pode levar à subnotificação. Listas de aleatorização também reduzem o risco de viés de desejabilidade social nas pesquisas, pois os as pessoas entrevistadas não precisam dar uma resposta direta aos entrevistadores e entrevistadoras sobre uma pergunta potencialmente sensível.

Ao utilizar listas de aleatorização, os respondentes são selecionados aleatoriamente em dois grupos: um grupo recebe uma lista de afirmações inócuas e é instruído a responder com o número de afirmações que considera corretas e o outro grupo recebe a mesma lista com uma afirmação adicional relacionada ao tema sensível que está sendo pesquisado. A diferença entre o número de afirmações avaliadas como corretas entre o primeiro e o segundo grupo permite aos pesquisadores estimar a predominância do tópico sensível.

As instituições de microfinanças (IMF, em inglês) concedem pequenos empréstimos (microcrédito) a mutuários de baixa renda. Muitas IMFs têm como alvo as mulheres e visam aumentar seu empoderamento econômico por meio do acesso ao crédito, o que lhes oferece novas oportunidades para investir e expandir suas pequenas e microempresas. Entretanto, perguntar diretamente às tomadoras de crédito sobre como elas utilizam os empréstimos pode influenciar os resultados, se elas acreditarem que reportar o seu uso em investimentos empresariais (em vez de em gastos de consumo) facilitará o seu acesso a empréstimos no futuro, ou se quiserem se apresentar como empresárias “responsáveis” e de “grande potencial”. De fato, pesquisas têm mostrado que o microcrédito

não tem levado à redução duradoura da pobreza e que a maioria dos clientes utiliza o microcrédito, pelo menos parcialmente, para consumo.<sup>76</sup>

Os afiliados ao J-PAL Dean Karlan e Jonathan Zinman (2012)<sup>77</sup> firmaram parceria com a Arariwa, uma ONG peruana cuja missão é contribuir para a melhoria das condições de vida, em especial de mulheres de baixa renda e suas famílias, por meio do microcrédito. Para testar se clientes do microcrédito no Peru subnotificavam o uso do empréstimo para consumo. Eles entrevistaram mais de 1600 clientes da Arariwa, seja perguntando diretamente como utilizaram os recursos do empréstimo, seja usando a lista de aleatorização.

Para o grupo da lista de aleatorização, todas as pessoas entrevistadas foram solicitadas a relatar quantas das três afirmações seguintes eram verdadeiras:

- “Usei parte do meu empréstimo para comprar mercadorias para minha atividade econômica”,
- “Usei parte do meu empréstimo para comprar equipamentos para a minha atividade econômica”,
- “Eu dividi meu empréstimo com outra pessoa”.

Note que as pessoas entrevistadas não tinham que dizer qual das afirmações era verdadeira; bastava dar um número ao entrevistador ou a entrevistadora. Um grupo de respondentes selecionados aleatoriamente recebeu uma afirmação adicional:

- “Usei pelo menos um quarto do meu empréstimo em artigos domésticos, como comida, TV, rádio etc.”

<sup>76</sup> Abdul Latif Jameel Poverty Action Lab (J-PAL). 2018. “Microcredit: impacts and limitations.” *J-PAL Policy Insights*. Última modificação em abril de 2018. <https://doi.org/10.31485/pi.2268.2018>.

<sup>77</sup> Karlan, Dean e Zinman, Jonathan. 2012. “List randomization for sensitive behavior: An application for measuring use of loan proceeds.” *Journal of Development Economics*. Vol. 98 (1): 71-75, <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0304387811000873#aep-abstract-id5>.

## PASSO 4. PLANO DE COLETA DE DADOS

### BOX 11 CONTINUAÇÃO. A ALEATORIZAÇÃO DE LISTAS DE PERGUNTAS PARA MENSURAR TEMAS DELICADOS

Também foi solicitado a estes respondentes que informassem o número de afirmações verdadeiras para si. Comparando o número médio de declarações verdadeiras no primeiro grupo com o número médio de declarações verdadeiras no segundo grupo, as equipes pesquisadoras puderam encontrar a proporção de clientes de microcrédito que utilizaram pelo menos um quarto do montante de seus empréstimos em itens domésticos. Ao comparar esta técnica com a de perguntar diretamente às pessoas entrevistadas como elas usam o montante do empréstimo, os pesquisadores encontraram uma subnotificação substancial do uso dos mesmos; apenas 7,7% do grupo de resposta direta afirmou que usava empréstimos para consumo doméstico, enquanto que ao usar o método da lista de aleatorização, as equipes encontraram que 31,3% da amostra usou empréstimos para consumo doméstico.

Uma vez que a identidade dos entrevistadores e das entrevistadoras é importante, é fundamental que as mesmas pessoas colem informação tanto no grupo de intervenção quanto no grupo de comparação. Pedir à equipe atual do programa para coletar dados do grupo de intervenção e contratar entrevistadores e entrevistadoras ou uma empresa de pesquisa para conduzir pesquisas no grupo de comparação pode parecer uma boa maneira de economizar nos custos da pesquisa. No entanto, as pessoas podem se sentir menos livres para responder honestamente às perguntas ao serem entrevistadas por um membro da equipe de uma organização que eles reconhecem como fornecedora do programa.<sup>78</sup> É mais provável que entrevistadores e entrevistadoras habilidosos na aplicação de pesquisas – e que saibam como evitar fazer perguntas que podem influenciar as respostas – colem dados de alta qualidade, comparados a pessoas que não têm experiência na condução de pesquisas.

### PRECISAMOS SEMPRE ENTREVISTAR OS PARTICIPANTES SOZINHOS?

Entrevistar alguém na presença de outra pessoa pode enviesar suas respostas. Para eliminar esse viés em potencial, nossa melhor alternativa é entrevistar cada pessoa sozinha. Ao organizar as entrevistas, as equipes de pesquisas devem informar aos participantes que a entrevista deve ser realizada de forma reservada, para que possam planejar adequadamente. Se não houver espaço suficiente para entrevistar as pessoas sozinhas em seus aposentos, poderemos ter que identificar locais próximos onde possamos utilizar um espaço mais reservado.

No entanto, entrevistar as pessoas sozinhas pode ser desafiador quando se trabalha com populações vulneráveis, especialmente se os membros da família acham que essa prática é inadequada. Suponha que queiramos entrevistar adolescentes do sexo feminino sobre suas aspirações relacionadas às suas carreiras, a casar e a ter filhos, mas durante a fase piloto descobrimos que alguns pais expressam preocupação com estranhos falando com suas filhas sozinhas. Uma opção é nos oferecermos para entrevistar a jovem dentro do campo de visão dos seus pais – mas de forma que eles não possam ouvi-la, como no terraço ou fora da casa. Um roteiro bem escrito de consentimento parental também pode ajudar a mitigar algumas preocupações que os pais têm sobre deixar seus filhos e filhas participarem. O roteiro deve explicar detalhadamente o propósito da pesquisa, a entidade que os entrevistadores e entrevistadoras representam, garantir o anonimato completo e a privacidade das respostas de sua filha, e dar aos pais a oportunidade de fazer perguntas subsequentes antes de dar o consentimento.

<sup>78</sup> Isso pode levar a erros de mensuração não-clássicos – erros de mensuração que são sistematicamente diferentes entre os grupos de intervenção e comparação – o que influenciará as nossas estimativas de impacto.

## PASSO 4. PLANO DE COLETA DE DADOS

Mulheres com crianças pequenas podem muitas vezes precisar cuidar delas durante a entrevista. Se não houver mais ninguém que possa cuidar de suas crianças durante a aplicação do questionário, a pessoa que conduz a entrevista pode prosseguir com a pesquisa, mas anotar todos que estiveram presentes. O questionário deve incluir um lembrete ao entrevistador ou entrevistadora para registrar se a pessoa entrevistada estava sozinha e, no caso de não estar, quem mais estava presente, além de uma breve explicação do porquê de não ter sido possível entrevistar a pessoa sozinha. Podemos verificar estas observações regularmente (diária ou semanalmente) para desenvolver novas estratégias, para que os entrevistadores e entrevistadoras possam superar este e outros desafios em pesquisas futuras.

### QUANDO E ONDE ENTREVISTAMOS AS PESSOAS?

Dependendo do momento, as pessoas entrevistadas podem estar mais ou menos disponíveis para participar de uma pesquisa. Realizar pré-testes e pilotar a logística da pesquisa nos ajudam a documentar quantas pessoas conseguimos alcançar em vários momentos do dia e a identificar se houve algum dia da semana no qual as pessoas estavam menos disponíveis. Podemos usar essas informações para criar um cronograma de pesquisa que atenda às necessidades e disponibilidade dos respondentes.

Os respondentes podem estar mais disponíveis durante certos períodos do ano. Em contextos em que estudantes do ensino médio frequentam internatos, pode ser mais fácil entrevistar adolescentes em casa durante suas férias escolares. Aquelas pessoas que trabalham na agricultura podem estar menos disponíveis uma vez iniciada a época de plantio ou colheita. Como muitas jovens em Bangladesh migram para cidades para trabalhar em fábricas, descobrimos que era mais fácil entrevistá-las durante um mês com muitos feriados, quando muitas jovens viajam para casa para visitar suas famílias.

A época do ano também pode afetar a forma como as pessoas respondem às nossas pesquisas. Por exemplo, homens e mulheres em famílias de agricultores podem ter cargas de trabalho diferentes durante a época de plantio em comparação com a época de colheita, o que significa que uma pesquisa sobre aproveitamento do tempo pode gerar dados muito diferentes se a realizarmos durante a época de plantio em comparação com a época de colheita.

O lugar onde entrevistamos os respondentes também pode afetar substancialmente o custo da coleta de dados. Entrevistar estudantes na escola será muito mais barato do que entrevistar cada um deles em casa. Da mesma forma, entrevistar mulheres no local de reunião mensal do grupo de poupança comunitária custará menos do que conduzir diversas pesquisas domiciliares. Talvez seja necessário fazer um acompanhamento individual com as pessoas entrevistadas que não conseguirmos encontrar nesses locais centrais, mas isso ainda será menos oneroso do que entrevistar individualmente cada uma delas em casa.

Também é importante pré-testar a localização em que a pesquisa acontecerá. Por exemplo, podemos pensar que será mais eficiente entrevistar mulheres feirantes durante o expediente do que entrevistá-las em casa, mas descobrimos que muitas mulheres não podem parar de trabalhar para responder perguntas. Neste caso, poderíamos considerar fazer o maior número possível de pesquisas na feira e acompanhar as mulheres que não puderam participar da pesquisa em um horário em que estejam menos ocupadas, em um dia diferente da semana, ou em casa. Se decidirmos conduzir entrevistas em locais públicos e não nas casas das pessoas, devemos ter certeza de coletar informações pessoais e de contato suficientes para posteriormente acompanhar as respondentes em etapas futuras da pesquisa.

### QUANDO DEVEMOS COMEÇAR E TERMINAR A COLETA DE DADOS E COM QUE PERIODICIDADE DEVEMOS COLETÁ-LOS?

Os efeitos de um programa geralmente não são imediatos. Devemos começar a mensurar os resultados após o programa ter tido um período de tempo adequado para a manifestação de seus efeitos. Pode ser difícil prever exatamente quanto tempo isso leva, particularmente para processos complexos como empoderamento. A teoria da mudança de cada programa nos ajuda a pensar o tempo estimado para que ele comece a ter impacto. Considere um programa de treinamento em negócios para mulheres empreendedoras que visa primeiro melhorar seus conhecimentos em gestão empresarial, depois melhorar suas práticas de gestão empresarial e, como resultado, aumentar seus lucros. Espera-se que o conhecimento e as práticas empresariais melhorem nos primeiros dois meses após o término do programa. No entanto, pode levar algum tempo para que as mudanças nas práticas de negócios resultem em mudanças nos lucros; por isso, precisamos ter cuidado para não mensurar

## PASSO 4. PLANO DE COLETA DE DADOS

nossos resultados finais precocemente. Mensurar resultados diretos e resultados intermediários ao longo do caminho também pode nos ajudar a verificar se o nosso cronograma para mensurar os resultados finais é razoável. Se o programa estiver levando mais tempo do que o esperado para influenciar nossos resultados intermediários, podemos considerar adiar a data de início da nossa pesquisa final.

Vários fatores podem influenciar o cronograma de coleta final dos dados, incluindo custo, atrito, se maiores prazos são necessários para observar resultados e se os resultados são necessários até uma determinada data para tomar uma determinada decisão. Na avaliação de Rachel e seus coautores em Bangladesh, a equipe de pesquisa estava interessada principalmente em saber se uma série de programas ajudaram jovens do sexo feminino a adiar o casamento até a idade adulta; logo, foi preciso esperar vários anos até que as meninas começassem a se casar para entender esse impacto. Os custos da pesquisa e a probabilidade de pessoas abandonarem o programa aumentam quanto mais longos forem os períodos de acompanhamento. É possível que um novo programa produza efeitos de novidade (as pessoas se entusiasмам em maior grau com um programa quando este começa), portanto gerando resultados a curto prazo. Se isso parecer provável, não devemos terminar a coleta de dados nos primeiros meses após o início do programa. Além disso, se esperamos que nosso programa tenha um efeito duradouro na vida das pessoas, não devemos terminar a coleta antes de seis meses ou um ano após o término do programa.

### E A PERIODICIDADE DA COLETA DE DADOS?

Coletar dados com mais frequência aumenta os custos, mas também pode nos ajudar a capturar melhor os resultados intermediários e a observar as mudanças ao longo do tempo. Se o impacto do programa for suscetível a mudar (ou mesmo a decair) com o tempo, e se essas informações forem usadas para tomar decisões sobre o investimento em algum programa, podemos querer coletar dados com mais frequência e por períodos maiores.

### PRINCIPAIS CONCLUSÕES PARA A ELABORAÇÃO DE UM PLANO DE COLETA DE DADOS

- Não é apenas o conteúdo da nossa pesquisa que afeta a precisão dos nossos dados – quem conduz a pesquisa, quando e com que frequência também importa.
- A identidade do recenseador pode influenciar as respostas das pessoas entrevistadas, por isso precisamos garantir que os últimos se sintam confortáveis com os primeiros. Muitas vezes é mais efetivo ter mulheres entrevistando mulheres e homens entrevistando homens.
- Encontre uma maneira confiável, mas culturalmente apropriada, de entrevistar as pessoas sozinhas.
- Selecione um horário que seja conveniente para as pessoas entrevistadas, mas que também nos permita maximizar o número de pesquisas que podemos realizar.
- Colete dados seguindo um cronograma que permita que os resultados se materializem de acordo com a teoria da mudança do programa.
- Utilize os mesmos processos de coleta de dados e entrevistadores e entrevistadoras nos grupos de intervenção e comparação para evitar erros de mensuração que sejam sistematicamente diferentes entre esses grupos.





PAÍS: LIMA, PERU. FOTO: JUAN ARREDONDO/GETTY IMAGES/IMAGES OF EMPOWERMENT

## CONCLUSÃO

Empoderamento é um processo complexo e medi-lo é um desafio. No entanto, coletar boas informações sobre casos em que as mulheres não têm poder para fazer escolhas importantes para elas, bem como usar avaliações de impacto para identificar formas efetivas de ajudar as mulheres a aumentar sua agência, são aspectos críticos para reduzir a desigualdade de gênero em todo o mundo.

Este guia foi apenas “uma gota no oceano” sobre o uso das diversas estratégias criativas que equipes de pesquisas e profissionais de várias disciplinas têm desenvolvido para entender, mensurar e acompanhar as mudanças no empoderamento de mulheres e meninas. Com base neste conjunto de trabalhos, esperamos ter ajudado a esclarecer as vantagens e as desvantagens no uso de diferentes ferramentas de mensuração e a desenvolver uma estratégia que seja adequada para a avaliação em questão.

Embora existam formas práticas para abordar muitos dos desafios comuns em mensurar empoderamento, ainda sentimos uma grande necessidade de pesquisas sistemáticas sobre mensuração de conceitos e exercícios de validação para aprimorar nossas abordagens atuais. Mais pesquisas sobre a mensuração do empoderamento no contexto latino-americano podem fornecer informações valiosas sobre como selecionar indicadores de normas e atitudes de gênero, tomada de decisão, dinâmica de poder intrafamiliar e bem-estar de mulheres e meninas que sejam condizentes com a conjuntura da região. A expansão das pesquisas em mensuração permitirá uma compreensão matizada sobre o que empoderamento significa para mulheres e meninas latino-americanas. Ao continuar a experimentar, refinar e melhorar como mensurar empoderamento, pesquisadoras, pesquisadores e profissionais podem ajudar mulheres e meninas a alcançar sua própria visão de uma vida melhor.

## REFERÊNCIAS

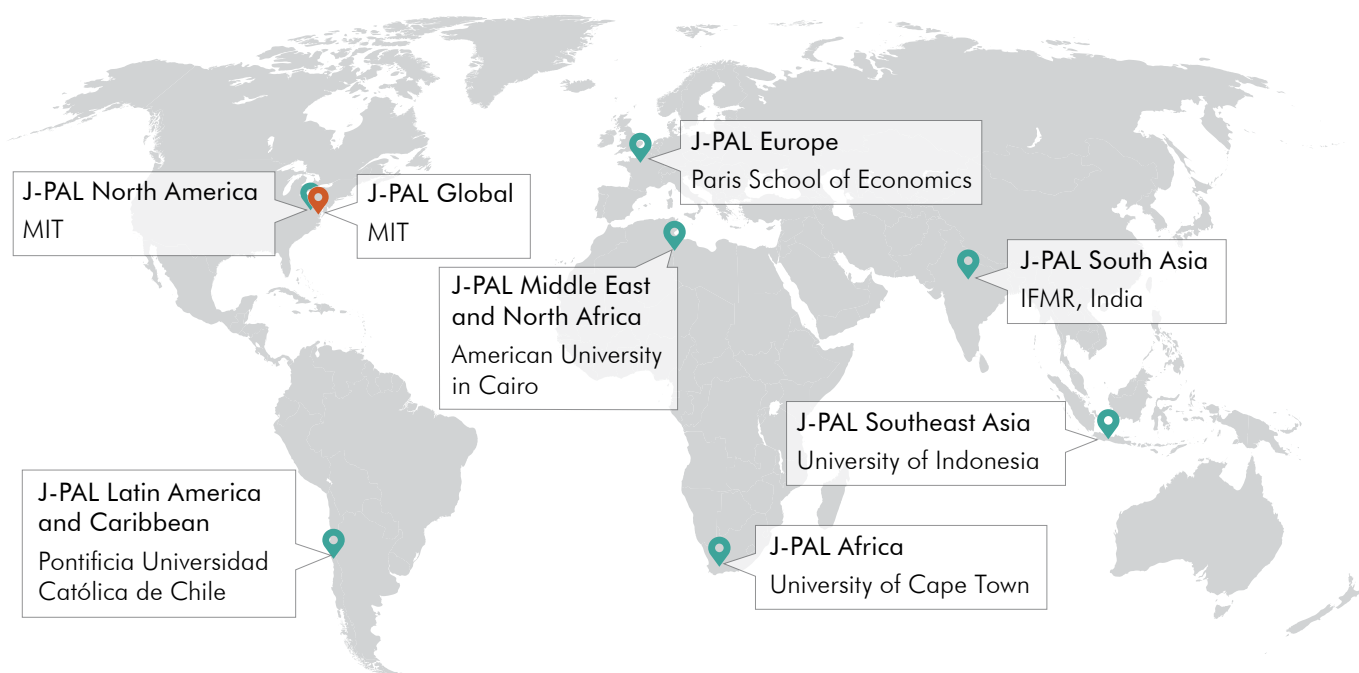
- Abdul Latif Jameel Poverty Action Lab (J-PAL). N.d. "Ethics." *Research Resources*. Accessed March 19, 2018. <https://www.povertyactionlab.org/research-resources/ethics>.
- Abdul Latif Jameel Poverty Action Lab (J-PAL). N.d. "Measurement & Data Collection." *Research Resources*. Accessed March 19, 2018. <https://www.povertyactionlab.org/research-resources/measurement-and-data-collection>.
- Ager, Alastair, Lindsay Stark, and Alina Potts. 2010. "Participative Ranking Methodology: A Brief Guide: Version 1.1." *New York, NY: Program on Forced Migration & Health, Mailman School of Public Health, Columbia University*. <https://doi.org/10.13140/RG.2.2.34356.45448>.
- Alkire, Sabina. 2005. "Subjective Quantitative Studies of Human Agency." *Social Indicators Research* 74 (1): 217-260. <https://doi.org/10.1007/s11205-005-6525-0>.
- Alkire, Sabina, Ruth Meinzen-Dick, Amber Peterman, Agnes Quisumbing, Greg Seymour, and Ana Vaz. 2013. "The Women's Empowerment in Agriculture Index." *World Development* 52: 71-91. <https://doi.org/10.1016/j.worlddev.2013.06.007>.
- Almås, Ingvild, Alex Armand, Orazio Attanasio, and Pedro Carneiro. "Measuring and Changing Control: Women's Empowerment and Targeted Transfers." *NBER Working Paper No. w21717*, 2015. <http://www.nber.org/papers/w21717.pdf>.
- Ambler, Kate, Cheryl Doss, Caitlin Kieran, and Simone Passarelli. 2017. "He Says, She Says: Exploring Patterns of Spousal Agreement in Bangladesh." *International Food Policy Research Institute Discussion Paper 01616*, March 2017. <http://ebrary.ifpri.org/cdm/ref/collection/p15738coll2/id/131097>.
- Angelucci, Manuela, Dean Karlan, and Jonathan Zinman. 2015. "Microcredit Impacts: Evidence from a Randomized Microcredit Program Placement Experiment by Compartamos Banco." *American Economic Journal: Applied Economics* 7 (1): 151-82. 174. <http://dx.doi.org/10.1257/app.20130537>.
- Ashraf, Nava, Dean Karlan, and Wesley Yin. 2006. "Household Decision Making and Savings Impacts: Further Evidence from a Commitment Savings Product in the Philippines." *Paper Presented at Yale University Economic Growth Center, New Haven, CT, June 2006*. 29. <https://ideas.repec.org/s/egc/wpaper.html>.
- Ashraf, Nava, Dean Karlan, and Wesley Yin. 2010. "Female Empowerment: Impact of a Commitment Savings Product in the Philippines." *World Development* 38 (3): 333-344. <https://doi.org/10.1016/j.worlddev.2009.05.010>.
- Bandiera, Oriana, Robin Burgess, Markus Goldstein, Niklas Buehren, Selim Gulesci, Imran Rasul, and Munshi Sulaiman. "Women's Empowerment in Action: Evidence from a Randomized Control Trial in Africa." *World Bank Group Working Paper*, July 2017. <http://documents.worldbank.org/curated/en/707081502348725124/Women-s-empowerment-in-action-evidence-from-a-randomized-control-trial-in-Africa>.
- Beaman, Lori, Raghavendra Chattopadhyay, Esther Duflo, Rohini Pande, and Petia Topalova. 2009. "Powerful Women: Does Exposure Reduce Bias?" *The Quarterly Journal of Economics* 124 (4): 1497-1540. <https://doi.org/10.1162/qjec.2009.124.4.1497>.
- Bryson, John M. and Michael Quinn Patton. 2010. "Analyzing and Engaging Stakeholders." *Handbook of Practical Program Evaluation Fourth Edition*: 36-61. <https://experts.umn.edu/en/publications/analyzing-and-engaging-stakeholders>.
- Buchmann, Nina, Erica Field, Rachel Glennerster, Shahana Nazneen, Svetlana Pimkina, and Iman Sen. "Power vs Money: Alternative Approaches to Reducing Child Marriage in Bangladesh, a Randomized Control Trial." *Working Paper*, May 2017.
- Buvinic, Mayra, and Rebecca Furst-Nichols. 2013. "Measuring Women's Economic Empowerment: Companion to a Roadmap for Promoting Women's Economic Empowerment." *United Nations Foundation and Exxon Mobil Foundation*. [https://www.fsnnetwork.org/sites/default/files/measuring\\_womens\\_econ\\_emp\\_final\\_06\\_09\\_15.pdf](https://www.fsnnetwork.org/sites/default/files/measuring_womens_econ_emp_final_06_09_15.pdf).
- Buvinic, Mayra and Ruth Levine. 2016. "Closing the Gender Data Gap." *Significance* 13\_c12j: (2) 34-37.
- Casey, Katherine, Rachel Glennerster, and Edward Miguel. 2012. "Reshaping Institutions: Evidence on Aid Impacts Using a Preanalysis Plan." *The Quarterly Journal of Economics* 127 (4): 1755-1812. <https://doi.org/10.1093/qje/qje027>.
- Caspar, Rachel, Emilia Peytcheva, Ting Yan, Sunghee Lee, Mingnan Liu, and Mengyao Hu. 2016. "Pretesting." *In Cross-Cultural Survey Guidelines*, Ann Arbor, MI: Survey Research Center, Institute for Social Research, University of Michigan. Accessed March 19, 2018. [https://ccsg.isr.umich.edu/wp-content/uploads/2019/06/CCSG\\_Full\\_Guidelines\\_2016\\_Version.pdf](https://ccsg.isr.umich.edu/wp-content/uploads/2019/06/CCSG_Full_Guidelines_2016_Version.pdf).
- Chattopadhyay, Raghavendra, and Esther Duflo. 2004. "Women as Policy Makers: Evidence from a Randomized Policy experiment in India." *Econometrica* 72 (5): 1409-1443. <https://doi.org/10.1111/j.1468-0262.2004.00539.x>.

## REFERÊNCIAS

- Demographic and Health Surveys Program. N.d. "Women's Status and Empowerment." *The DHS Program*. Accessed March 19, 2018. <https://dhsprogram.com/methodology/survey-search.cfm?sendsearch=1&YrFrom=1985&YrTo=2024&selmodules=3&crt=1&listgrp=0>.
- Demographic and Health Surveys Program. N.d. "Family Planning." *The DHS Program*. Accessed March 19, 2018. <https://dhsprogram.com/Topics/Family-Planning.cfm>.
- Demographic and Health Surveys Program. N.d. "The Gender Corner." *The DHS Program*. Accessed March 19, 2018. <https://dhsprogram.com/topics/gender-Corner/index.cfm>.
- Demographic and Health Surveys Program. 2017. "DHS Model Questionnaire – Phase 7." *The DHS Program*. Accessed March 19, 2018. <https://dhsprogram.com/pubs/pdf/DHSQ7/DHS7-Womans-QRE-EN-07Jun2017-DHSQ7.pdf>.
- Development Media International. 2016. "Sending Our Writer to Live in a Village for a Week." *DMI News*, May 23, 2016. <http://www.developmentmedia.net/news/sending-our-writers-to-live-in-a-village-for-a-week>.
- Dhar, Diva, Tarun Jain, and Seema Jayachandran. "Intergenerational Transmission of Gender Attitudes: Evidence from India." *NBER Working Paper No. 21429*, July 2015.
- Donald, Aletheia, Gayatri Koolwal, Jeannie Annan, Kathryn Falb, and Markus Goldstein. "Measuring Women's Agency." *World Bank Policy Research Working Paper no. 8148*, July 2017. <http://documents.worldbank.org/curated/en/333481500385677886/Measuring-womens-agency>.
- Field, Erica, Rachel Glennerster, and Shahana Nazneen. 2018. "Economic Empowerment of Young Women in Bangladesh: Barriers and Strategies." *Women at Work: Addressing the Gaps. International Policy Centre for Inclusive Growth Policy in Focus 15 (1)*: 31-32. <http://www.ipc-undp.org/publication/28507>.
- Gallup, International Labor Organization. 2017. "Towards a Better Future for Women and Work: Voices of Women and Men." *ILO-Gallup Report*, March 8, 2017. 74. [http://www.ilo.org/global/publications/books/WCMS\\_546256/lang-en/index.htm](http://www.ilo.org/global/publications/books/WCMS_546256/lang-en/index.htm).
- García-Moreno, Claudia, Henrica A.F.M. Jansen, Mary Ellsberg, Lori Heise, and Charlotte Watts. 2005. "WHO Multi-Country Study on Women's Health and Domestic Violence against Women: Summary Report of Initial Results on Prevalence, Health Outcomes and Women's Responses." Geneva: World Health Organization.
- Glennerster, Rachel, and Kudzai Takavarasha. 2013. *Running Randomized Evaluations: A Practical Guide*. Princeton: Princeton University Press.
- Glennerster, Rachel, and Claire Walsh. 2017. "Is It Time to Re-Think How We Measure Women's Household Decision-Making Power?" *Abdul Latif Jameel Poverty Action Lab*, September 7, 2017. <https://www.povertyactionlab.org/blog/9-6-17/it-time-rethink-how-we-measure-women-s-household-decision-making-power-impact>.
- Golla, Anne Marie, Anju Malhotra, Priya Nanda, Rekha Mehra, Aslihan Kes, Krista Jacobs, and Sophie Namy. 2011. "Understanding and Measuring Women's Economic Empowerment." *International Center for Research on Women*. <https://www.icrw.org/publications/understanding-and-measuring-womens-economic-empowerment/>.
- Grüne-Yanoff, Till, and Sven Ove Hansson, eds. 2009. *Preference Change: Approaches from Philosophy, Economics and Psychology*. Dordrecht: Springer Science & Business Media.
- Hennink, Monique, Inge Hutter, and Ajay Bailey. 2011. *Qualitative Research Methods*. Thousand Oaks, California: SAGE Publications.
- Innovations for Poverty Action. 2018. "The Safe and Ethical Conduct of Violence Research: Guidance for IPA Staff and Researchers." Updated June 2018. <https://www.poverty-action.org/publication/ipv-ethical-guidance>.
- Kabeer, Naila. 1999. "Resources, Agency, Achievements: Reflections on the Measurement of Women's Empowerment" *Development and Change* 30 (3): 435-464. <https://doi.org/10.1111/1467-7660.00125>.
- Kabeer, Naila. "Paid Work, Women's Empowerment and Gender Justice: Critical Pathways of Social Change." *Institute of Development Studies, Working Paper, January 2008*. <https://www.ids.ac.uk/publication/paid-work-women-s-empowerment-and-gender-justice-critical-pathways-of-social-change>.
- Krosnick, Jon A., and Stanley Presser. 2010. "Question and Questionnaire Design." In *Handbook of Survey Research*, edited by Peter V. Marsden and James D. Wright, 263-315. Bingley: Emerald Group Publishing.
- Laszlo, Sonia, and Kate Grantham. "Measurement of Women's Economic Empowerment in GrOW Projects: Inventory and User Guide." *McGill University GrOW Working Paper*, December 2017.
- Levy Economics Institute of Bard College. n.d. "Publications on Time Poverty." Accessed March 19, 2018. <http://www.levyinstitute.org/topics/time-poverty>.

## REFERÊNCIAS

- Lombardini, Simone, Kimberly Bowman, and Rosa Garwood. 2017. "A 'How-To' Guide To Measuring Women's Empowerment: Sharing Experience from Oxfam's Impact Evaluations." Oxfam. <https://policy-practice.oxfam.org.uk/publications/a-how-to-guide-to-measuring-womens-empowerment-sharing-experience-from-oxfams-i-620271>.
- Mack, Natasha, Cynthia Woodsong, Kathleen M. MacQueen, Greg Guest, and Emily Namey. 2005. "Qualitative Research Methods: A Data Collector's Field Guide." *Research Triangle Park: Family Health International*. <https://www.fhi360.org/sites/default/files/media/documents/Qualitative%20Research%20Methods%20-%20A%20Data%20Collector%27s%20Field%20Guide.pdf>.
- Malapit, Hazel J., Kathryn Sproule, and Chiara Kovarik. 2017. "Using Cognitive Interviewing to Improve the Women's Empowerment in Agriculture Index Survey Instruments: Evidence from Bangladesh and Uganda." *Agriculture: Journal of Gender, Agriculture, and Food Security*. 2 (2): 1-22. <http://agrigender.net/views/cognitive-interviewing-to-improve-women-empowerment-from-bangladesh-and-uganda-JGAFS-222017-1.php>.
- Malhotra, Anju, Sidney R. Schuler, and Carol Boender. 2002. "Measuring Women's Empowerment as a Variable in International Development." *Background paper prepared for the World Bank Workshop on Poverty and Gender: New Perspectives, June 28, 2002*. <http://siteresources.worldbank.org/INTGENDER/Resources/MalhotraSchulerBoender.pdf>.
- Martínez-Restrepo, Susana, and Laura Ramos-Jaimes eds. 2017. *Measuring Women's Economic Empowerment: Critical Lessons from South America*. Springfield, VA: IDRC, Fedesarrollo. <http://hdl.handle.net/11445/3482>.
- Miller, Gran, and A. Mushfiq Mobarak. "Gender Differences in Preferences, Intra-household Externalities, and Low Demand for Improved Cookstoves." *NBER Working Paper No. 18964, April 2013*. <http://www.nber.org/papers/w18964.pdf>.
- Patton, Michael Quinn. 2015. *Qualitative Research & Evaluation Methods: Integrating Theory and Practice Fourth Edition*. Thousand Oaks, California: SAGE Publications.
- Raworth, Kate, Caroline Sweetman, Swati Narayan, Jo Rowlands, and Adrienne Hopkins. 2012. "Conducting Semi-Structured Interviews." *Oxfam*. <https://policy-practice.oxfam.org.uk/publications/conducting-semi-structured-interviews-252993>.
- Ruel, Erin E., William E. Wagner, III, and Brian J. Gillespie. 2015. *The Practice of Survey Research: Theory and Applications*. Los Angeles: SAGE.
- Jose, Rupa, Nandita Bhan, and Anita Raj. 2017. "EMERGE Measurement Guidelines Report 2: How to Create Scientifically Valid Social and Behavioral Measures on Gender Equality and Empowerment." *Center on Gender Equity and Health (GEH)*. San Diego, CA: University of California, San Diego School of Medicine.
- Schaner, Simone. 2017. "The Cost of Convenience? Transaction Costs, Bargaining Power, and Savings Account Use in Kenya." *Journal of Human Resources* 52 (4): 919-945. <https://doi.org/10.3368/jhr.52.4.0815-7350R1>.
- Schmeer, Kammi. 2000. "Stakeholder Analysis Guidelines." *Policy toolkit for strengthening health sector reform 2*: 1-43. <http://www.who.int/workforcealliance/knowledge/toolkit/33.pdf>.
- Sen, Amartya. 1999. *Development as Freedom*. New York: Alfred A. Knopf.
- Seymour, Greg, Hazel Jean Malapit, and Agnes R. Quisumbing. "Measuring Time Use in Development Settings (English)." *World Bank Policy Research Working Paper No. WPS 8147, July 2017*. <http://documents.worldbank.org/curated/en/443201500384614625/Measuring-time-use-in-development-settings>.
- Seymour, Greg, and Amber Peterman. 2017. "Understanding the Measurement of Women's Autonomy: Illustrations from Bangladesh and Ghana." *IFPRI Discussion Paper No. 1656*. <https://www.ifpri.org/publication/understanding-measurement-womens-autonomy-illustrations-bangladesh-and-ghana>.
- United Nations Foundation and Exxon Mobile Foundation. 2013. "Women's Economic Empowerment: A Roadmap." Last accessed March 20, 2018. <http://womeneconroadmap.org/>. A referência não é mais consultável. Você ainda pode encontrar os principais resultados aqui: <https://corporate.exxonmobil.com/-/media/global/files/womens-opportunity/weoi-roadmap-for-economic-empowerment.pdf>.
- U.S. Department of Health and Human Services Office for Human Research Protections. 2016. "Special Protections for Children as Research Subjects." *Guidance*. Accessed March 19, 2018. <https://www.hhs.gov/ohrp/regulations-and-policy/guidance/special-protections-for-children/index.html>.
- Waring, Marilyn, and Gloria Steinem. *If Women Counted: A New Feminist Economics*. San Francisco: Harper & Row, 1988.
- Watkins, Ryan, Maurya West Meiers, and Yusra Laila Visser. 2012. "A Guide to Assessing Needs: Essential Tools for Collecting Information, Making Decisions, and Achieving Development Results." *Washington, DC: World Bank*. <http://hdl.handle.net/10986/2231>.



## SOBRE O J-PAL

O Abdul Latif Jameel Poverty Action Lab (J-PAL) é um centro de investigação global que trabalha em prol da redução da pobreza, garantindo que as políticas públicas sejam baseadas em evidências. O J-PAL conta com uma rede de mais de 750 pesquisadoras e pesquisadores afiliados em todo o mundo, e utiliza os resultados de avaliações de impacto aleatorizadas para responder às questões mais prementes na luta contra a pobreza.

[povertyactionlab.org](http://povertyactionlab.org)

## SOBRE O SETOR DE GÊNERO DO J-PAL

As normas e preconceitos de gênero continuam sendo barreiras importantes para alcançarmos o pleno desenvolvimento humano em todo o mundo. O setor de gênero do J-PAL produz conhecimentos multidimensionais sobre a promoção da igualdade de gênero, sobre o empoderamento de mulheres e meninas e sobre como as normas sociais relacionadas a gênero afetam a eficácia de programas e políticas sociais.

[povertyactionlab.org/gender](http://povertyactionlab.org/gender)